



Anna Kim

HISTÓRIA DE UMA CRIANÇA

«O melhor romance
austriaco do ano»

Peter Pisa, *Der Kurier*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Anna Kim

HISTÓRIA DE UMA CRIANÇA

«A história mais
autêntica do ano»
— *Forbes*, 2012

Anne Kim

ou

HISTÓRIA DE UMA CRIANÇA

Tradução de
Paulo Rêgo



Ficha Técnica

Título da edição portuguesa: História de Uma Criança

Título original: Geschichte eines Kindes

Autoria: Anna Kim

Edição: Maria do Rosário Pedreira

Tradução do alemão: Paulo Rêgo

Revisão: Madalena Escourido

Capa: design original de © Rui Rosa sobre fotografia

ISBN: 9789722081979

Publicações Dom Quixote

Uma editora do grupo Leya

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 471 77 37

Copyright: © Suhrkamp Verlag Berlin 2022

All rights reserved by and controlled through Suhrkamp Verlag Berlin.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.com

Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

— Bundesministerium
Kunst, Kultur,
öffentlicher Dienst und Sport
— Federal Ministry
Republic of Austria
Arts, Culture,
Civil Service and Sport

Dieses Buch wurde mit einem Übersetzungsstipendium des österreichischen Bundesministeriums für Kunst, Kultur, öffentlichen Dienst und Sport gefördert.

This book benefited from a translation grant from the Federal Ministry of the Republic of Austria for Arts, Culture, Civil Service and Sport.

Este livro beneficiou de um subsídio à tradução do Ministério Federal Austríaco das Artes, Cultura, Serviço Público e Desporto.

Ficha Técnica

Do processo dos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay

Do processo dos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay

Do processo dos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay

Obras citadas

Enquanto autora, de tempos a tempos são-me oferecidas histórias que, no fundo, são bem mais do que isso: são histórias que carregam em si mundos inteiros. Uma dessas oferendas deu corpo ao presente livro. Quase se poderia dizer que é baseado em circunstâncias verídicas, ou então que foi a infância de uma pessoa real que lhe serviu de base. Trata-se de uma dádiva extremamente preciosa, que impõe e merece tratamento consciencioso e respeitoso. Tentei fazer jus a tais pressupostos, representando o passado sem o alterar ou suavizar, concretamente no que diz respeito ao vocabulário utilizado. Fi-lo, não para consternar ou magoar fosse quem fosse – tenho consciência de que não há como evitar a consternação e a mágoa –, mas para devolver àqueles que já estão consternados, que já foram magoados, o direito de determinar como lidam com a sua dor. Para mim é importante sublinhar que essa dor não é coisa do passado. Embora tenhamos suprimido a utilização de certas palavras e conceitos, ainda assim não conseguimos distanciar-nos das ideias que lhes estão no âmago, que constituem a sua essência. Ao retransmitirmos histórias como esta, arriscamo-nos a ser confrontados com a face oculta da linguagem, com o seu reverso.

A. K.

E todos os espaços das nossas solidões passadas – os espaços em que sofremos de solidão, em que dela desfrutámos, em que por ela ansiámos ou em que a traímos – parecem indeléveis em nós.

Gaston Bachelard, *A Poética do Espaço*

Em janeiro de 2013, pouco depois de o segundo mandato de Barack Obama ter começado, viajei para a região Centro-Oeste dos EUA, para o Wisconsin. Tinha sido convidada pelo St. Julian College para passar um semestre como escritora residente em Green Bay. Fiquei alojada num apartamento da universidade destinado a professores convidados; situava-se no rés do chão do edifício administrativo, um paralelepípedo de betão dos anos setenta. O mobiliário era dos anos oitenta, o ar condicionado dos noventa. Desde a década de 2000 que já não se conseguia abrir as janelas: tentar soltá-las, erguendo-as das dobradiças, e arrancá-las à força seriam as únicas maneiras de escapar ao fluxo de ar que ia sendo soprado de modo incessante através da grelha, juntamente com a poeira, a ferrugem e os excrementos de ratazana há muito reduzidos a pó. Por vezes o rumorejar do ar condicionado assemelhava-se ao ruído de carros, e mais raramente ao marulhar das ondas; mas o mais comum era aquele canto monótono instalar-se furtivamente no meu canal auditivo, a partir de onde lançaria depois o ataque ao meu cérebro. Só mesmo na casa de banho reinava o silêncio, precisamente onde a ventilação deixara de funcionar.

Passado um mês, decidi seguir a recomendação de uma colega que simpatizava comigo e tentar contactar uma tal J. Truttman, que supostamente alugava quartos...

ainda que só à semana.

Nevava sem parar havia uns dias. A neve caía incansavelmente, impiedosa, e cobria tudo o que tivesse sido construído pela mão humana, como se assim o extinguisse. As ruas largas estavam desertas, a presença esporádica de sinais de vida parecia involuntária, só uma única vez me apercebi do roncar de um limpa-neves que passou perto de mim.

Seguia a pé, pois não conseguira forçar-me a tomar a decisão de alugar um carro. Uma vez que todas as marcações no pavimento tinham sido engolidas por um branco cerrado, podia escolher livremente por onde pretendia avançar, se ao longo do passeio, se na própria estrada; ao andar, era sempre em superfícies intocadas que pousava os pés. A par dos flocos a pairarem no ar, que iam caindo do céu como se planassem, apenas a minha respiração e os meus pés a calcarem a neve no chão produziam ruídos audíveis; nada de pessoas, nada de animais, nada de automóveis, nem uma

brisa corria. Veio-me à mente a frase de Bachelard: *De todas as estações do ano, o inverno é a mais velha*. Adapte-a para: De todas as estações do ano, o inverno é a mais jovem. Traz as recordações da infância, remete tudo para o início.

Demorei bastante a encontrar a casa de J. Truttman, ainda que aquela edificação se distinguisse das restantes: com o seu revestimento em madeira pintado num tom azul-claro, o seu jardim de inverno, que outrora fora um alpendre, e as suas águas-furtadas, que impunham a sua presença no telhado como se fossem uma coroa, a casa destacava-se assim das outras em redor, construídas em betão, de dois andares, telhados planos e grandes acessos para os automóveis. Moradias a que nos anos cinquenta do século passado as casas rurais e de madeira tiveram de dar lugar, aquelas *family homes* haviam sido construídas de propósito para os veteranos regressados da guerra. No entanto, o número da casa estava escondido atrás de um ácer, pelo que tive de percorrer diversas vezes a Woodlawn Avenue, para trás e para diante, até conseguir ter a certeza de que, ao avançar pelo carreiro que conduzia à entrada da casa, não estaria simplesmente a invadir propriedade alheia. Sentia-me observada e acreditava estar a ser vigiada, embora não me tivesse dado conta de que alguém estivesse a fazê-lo; além disso, a propriedade dos Truttman era a única que se encontrava vedada, tinha uma cerca de ripas de madeira cruzadas e um letreiro onde se lia *No trespassing*.

Chegara atrasada. Enquanto tocava à campainha, amaldiçoei a neve, dissipado que estava já todo e qualquer romantismo invernal. Pensei que já não viesse, disse J. Truttman, ao invés de me saudar, e ao mesmo tempo que me estendia a mão: *I'm Joan*. O «*you*» dela soou-me a «você». Pensei o mesmo..., disse eu entredentes, apresentando-me de seguida como Franziska.

Posso tratá-la por Fran?, perguntou e olhou para mim com uma expressão interrogativa. Acenei afirmativamente com a cabeça e espreitei mais para diante, para o interior da sala de estar, de onde chegava um cheiro a manteiga, baunilha e canela. É você a autora austríaca? Ainda a espreitar, voltei a acenar com a cabeça. Ela esboçou um sorriso.

Bem, então entre.

O bolo que exalava um aroma divinal era um *coffee cake*, acompanhado de todas as chávenas de café quente que eu fosse capaz de beber. Após a primeira consegui voltar a sentir as mãos, depois da segunda foi a vez dos pés, mas ainda tive de esperar mais um pouco pela sensibilidade dos dedos destes. Quando acabei de beber a terceira chávena, já tínhamos decidido que eu me mudaria nesse mesmo dia. Joan prometeu que me levaria até lá de carro e me traria de volta. Assinei o contrato de arrendamento sem sequer ter visto o quarto ou lido as letras miúdas. Bastou-me constatar que o silêncio que reinava no ninho do cuco era reconfortante.

Como aliás não tardei a dar-me conta logo após a mudança, o silêncio era o princípio que servia de base à vida naquela casa: nada deveria soar alto, menos ainda estridente, nada deveria destacar-se. Durante a semana, o rádio que havia na cozinha permanecia mudo, só ao fim de semana lhe era permitido falar. O aparelho tinha a mesma idade que eu, mas ainda assim funcionava irrepreensivelmente, tirando o facto de a música soar abafada. Ao gira-discos da sala de estar faltava a agulha, e ao leitor de cassetes as ditas cassetes. Joan acreditava ter deitado isso fora, mas já não conseguia lembrar-se. Os únicos ruídos que se escutava naquela casa provinham do exterior: o chilreio dos pássaros que viviam nos arbustos e árvores do jardim, o ronco dos motores, a conversa animada dos vizinhos (sobretudo a incansável voz de soprano de Ada Berkins, que tinha o condão de devassar o silêncio).

O ermo acústico tinha equivalência no esquema cromático das divisões da casa. Os elementos decorativos apresentavam-se em tons de verde, castanho e bege, sendo que os tapetes eram verdes, os móveis castanhos (quer essa fosse a sua cor natural, quer tivessem sido pintados) e todos os têxteis e papéis de parede eram beges. Uma vez que mesas, cadeiras e estantes não possuíam quaisquer adornos, era difícil determinar a sua idade; mais não eram que pranchas de madeira aparelhadas e combinadas. Os tapetes e cortinados também não evidenciavam quaisquer padrões, pretendiam ser meras superfícies. O sofá era tão amorfo quanto a mesa, imitava-a e ensaiava-se enquanto banco comprido e castanho. Ao longo dos anos, o papel de parede escurecera, presumi que tivesse feito a transição de um branco puro para um branco marfim e daí para um bege. Também a roupa da minha senhoria se regia pelo esquema de cores da casa, foi em vão que a imaginei a usar tons garridos ou cortes invulgares. Era óbvio que dispunha apenas de calças e saias num estilo simples, que combinava sempre com o mesmo tipo de blusas e coletes.

Ao princípio julguei que fosse aquela construção a ter infetado quem lá morava, que Joan se tivesse vergado aos ditames do silêncio. Com o tempo, porém, comecei a entender que era precisamente o contrário: fora ela que impusera a sua noção de ordem à casa. A sua figura de aspeto frágil, o pescoço franzino, os braços e pernas magros, os cabelos finos e grisalhos e a pele suavemente pálida contrastavam com a sua voz grave e forte, que se afigurava imune a qualquer tipo de opinião divergente e que chegava até a intensificar a sua firmeza enquanto ela falava. Contudo, detetei nos seus olhos uma insegurança que me surpreendeu e até achei comovente.

De início apreciei o silêncio. Descobri que este se compõe de ruídos e sons, de tons que se combinam e formam melodias, que obedecem a um determinado ritmo. Descobri que a previsibilidade é essencial para a génese do silêncio e que é possível escutar algo que é parente próximo do nada.

Descobri que o silêncio é o lugar em que o fugaz se deixa captar, em que pode ser retido por mais do que apenas um momento.

Assim que entrava no ninho do cuco, mal acabava de subir a escada que dá acesso ao primeiro andar, sentia-me livre, liberta. Apreciava virar costas ao mundo, deixá-lo trancado lá fora, e resolvi deixar de ir todos os dias para o escritório do instituto, pois parecia-me absurdo desperdiçar aquela bênção. Passei a estar três horas por semana na universidade, todas as terças-feiras das cinco às oito da noite; o resto do tempo ficava-me pelo convento, nome que não tardei a dar à casa de Joan. Embora não ouvisse a freira, apercebia-me da sua presença. Deveria ter sabido que este tipo de felicidade tão especial não seria coisa para durar. E efetivamente não persistiu, pois todo aquele paralisado sossego me transmitia uma sensação de asfixia. Não só sentia que mover-me livremente pela casa não era apropriado, como cheguei mesmo a achar que me era proibido: as palavras do letreiro, *No trespassing*, tinham ficado marcadas no meu cérebro, como que a fogo. Tinha a impressão de as paredes se irem arrastando, de não pararem de se aproximar, como se o meu quarto ficasse no alto de uma torre e a janela fosse a única saída possível. Nem me dava conta de que ali existia uma porta. Quando me punha a observar a atividade na macieira despida de folhas que havia no jardim, fazia-o não por estar interessada na gralha que esvoaçava de um ramo para o outro, mas por considerar que aquela árvore era uma ponte para o mundo exterior.

É possível que Joan tenha começado a preocupar-se em relação a mim; confidenciou-me mais tarde que uma sua prima afastada sofria de esquizofrenia e que as alucinações faziam parte do quotidiano da sua tia de oitenta anos. Porém, quando naquela tarde de fevereiro bateu à porta do meu quarto, talvez pretendesse apenas ter um gesto simpático para comigo: entregou-me um presente, acompanhado de um postal onde se podia ler *Welcome home*. Para ti, disse ela, apoiando o seu peso ora num pé ora no outro, como se estivesse agitada. Costumo demorar algum tempo a abrir os presentes, abano a embalagem, observo demoradamente o padrão do papel de embrulho. Aquele intervalo antes de desembulhar a prenda, por muito curto que seja, constitui para mim um breve contacto com o mundo das maravilhas, um momento em que tudo parece ser possível. No entanto, a atitude de Joan deixou-me tão nervosa que me vi obrigada a arrancar logo o papel.

Era uma pintura emoldurada: duas carpas *koi* num lago, com ramos de cerejeira floridos a pender sobre a água. Joan disse-me que a pintora era uma chinesa americana, em tempos bacterióloga. Miss Wang estudara na Califórnia, numa universidade da Ivy League, mas aos cinquenta anos decidira mudar de carreira e enveredar pelas artes, pelo que naquele momento eram a pintura chinesa com pincel e as imagens tridimensionais que davam um novo sentido à sua vida. Tridimensionais?, perguntei, confusa. Joan sorriu

e disse que não precisaria de óculos especiais para a observar. Apontou para as carpas, cujos corpos não haviam sido pintados, mas moldados em papel e ali colados. Faz-me lembrar *origami*, a ti não?

A mim só me fazia lembrar um postal de aniversário, mas ainda assim acenei com a cabeça e pousei a pintura sobre a cómoda. O amarelo gema de ovo e o vermelho carro de bombeiros destacavam-se de tudo o resto em redor. Deve caber na tua mala, afirmou Joan, ao mesmo tempo que, para meu descontentamento, se sentou no banco aos pés da cama. Mesmo assim emoldurada, não é uma pintura muito grande, acrescentou. Ficou a observar-me, como se eu própria fosse uma pintura, é certo que sem carpas *koi*, mas ainda assim capaz de despertar igual curiosidade.

Não sabia o que haveria de responder, por isso continuei a fiar-me no meu sorriso.

Joan afrouxou a intensidade do olhar: Assim que vi este quadro, não pude deixar de pensar em ti. E após uma pausa, que lhe serviu para tomar balanço, acrescentou: *I imagine it must be lonely.*

Ela sabia que eu estava a trabalhar num romance, fora até buscar-me um candeeiro de secretária à arrecadação, por isso respondi-lhe que, sim, escrever era uma atividade solitária, mas apressei-me a acrescentar que talvez sejam aqueles que andam em busca da solidão que acabam por encontrar a escrita.

Olhou para mim com um ar surpreendido e a seguir soltou uma gargalhada. Explicou que não fora a isso que se referira. Quisera antes dizer que tinha a noção de que ser a única asiática em redor não devia ser coisa fácil. Em Green Bay, a maioria das pessoas tinha as suas origens na Europa: tinham vindo da Alemanha, da Bélgica, da Polónia e da Irlanda. Os avós dela, por exemplo, haviam emigrado do Leste da Irlanda para a América. Sempre sonhara em visitar um dia aquela ilha verdejante, *The Emerald Isle*, e ouvira dizer que as canções dos marinheiros irlandeses eram inesquecíveis. Depois remeteu-se ao silêncio, pelo que pensei que o assunto tivesse ficado arrumado, mas não tardou a acrescentar: Presumo que na Áustria também não vivam muitos asiáticos. Respondi-lhe que nascera em Viena, pelo que me sentia tão asiática quanto ela.

Olhou-me com um ar desconfiado, como se me estudasse. Declarou por fim que não acreditava no que eu lhe dissera, que é impossível escaparmos às nossas raízes – afinal de contas és miscigenada, não és?, perguntou-me. Voltou a observar-me, desta vez mais brevemente, e concluiu que os meus *ossos malaras elevados*, o aspeto dos meus olhos (o chamado *formato amendoado*), bem como o meu nariz, tudo junto revelava a minha origem étnica, pelo menos a sua parte mais dominante. Claro que, prosseguiu, eu tinha o cabelo ligeiramente ondulado e de um castanho não muito escuro, para mais não era muito grosso nem volumoso; e o seu comprimento, ou melhor, o

facto de ser curto tornava difícil determinar fosse o que fosse de modo definitivo. Além disso, murmurou ela, eu era mais alta e tinha membros mais compridos. Eram raras as vezes em que se enganava a esse respeito, mas poria desde logo de parte a origem japonesa. E também a chinesa. Semicerrou as pálpebras. Perguntou-me então se era coreana. Os coreanos eram os que mais se assemelhavam aos europeus. Sem ficar à espera da minha resposta, resumiu a coisa assim: Pareces uma europeia com traços coreanos. Ou uma coreana com ar de europeia?, perguntei.

Ela riu-se.

Exactly.

Tomei a sua gargalhada como uma provocação. Vi-me assim arrastada para, em jeito de explicação – mas que me pareceu mais uma justificação –, lhe dizer que o meu pai era austríaco e a minha mãe sul-coreana.

Joan ergueu as mãos como se pretendesse tranquilizar-me. Eu que não a entendesse mal, não estava de modo algum a falar com desconhecimento de causa. Sabia bem do que se tratava: Danny, o seu marido, encontrava-se na mesma situação que eu. Era o único afro-americano de Green Bay ou, pelo menos, era essa a sensação que tinham.

Voltou a fixar em mim o seu olhar interrogativo – ou, tendo em conta que eu permanecia obstinadamente em silêncio, estaria ela porventura em busca de ajuda? Não consegui perceber de que modo era esperado que eu participasse naquele «intercâmbio». Tinha a impressão de que o papel que me cabia era o do público que assiste e, como tal, não intervém.

Quando retomou o fio da conversa, falava já num tom de voz mais baixo. Disse que era importante ter-se um grupo a que se pertencesse, a que sentíssemos que pertencemos. *Don't you agree?*

A origem não é a única condição de pertença, objetei. Joan abanou a cabeça: Para o Danny nunca fora fácil aceitar a ideia de ser o único. Fora o único negro no jardim de infância, o único na escola, o único no trabalho, e ele tivera muitos, tantos e tantos... E agora era o único negro na casa de saúde. Ah, não, corrigiu ela, havia lá um segundo, um muito mais novo, chamado Jonah, que tivera de reaprender tudo após um acidente de automóvel: a comer, a andar, a falar. O Jonah e o Danny tinham um plano terapêutico semelhante, explicou, mas o Danny iria decerto ter alta mais cedo. Era essa a razão para ela só arrendar aquele quarto à semana. Assim que ele voltasse para casa, Joan deixaria de precisar de companhia. Esboçou um sorriso melancólico. Sem ele ali, a vida era solitária.

Só a luz torna uma casa humana. Um delicado raio de luz incidia através do vidro baço do pó, avançou até ao centro do quarto. Joan ergueu-se devagar. Começou por evitar o meu olhar, depois reconsiderou, fitou-me e disse: Pergunto-me se ainda antes da doença dele eu não sentiria já solidão, se

não seria já solitária com ele.
A solidão dele era contagiosa.

Do processo dos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay

13.07.1953

Telefonema c/ Irmã Aurelia: No domingo, 12 de julho, por volta das 22 horas, deu entrada nas urgências uma mulher jovem com contrações fortes. Pouco depois da meia-noite deu à luz uma criança com 3,2 kg, a que foi dado o nome de Daniel. O médico que realizou o parto foi o Dr. Karl Schreiber. A mãe e a criança encontram-se bem. O caso foi confiado a Miss M. Winckler (MW).

14.07.1953

Visita / Hospital St. Mary: O nome da mãe da criança é Carol Anne Truttman. Foi correta, mas algo brusca. Explicou que pretendia entregar a criança para adoção e que, assim que os médicos o permitissem, esta poderia ser transferida para a unidade de pediatria.

Miss Truttman mora atualmente na Kellogg Street, 223, em Green Bay, Wisconsin. Nasceu a 11 de fevereiro de 1933 nessa mesma localidade, tem 20 anos e é solteira. Frequenta regularmente a Igreja de St. Mary, em Green Bay, onde assiste à missa. O seu pai, Joseph Truttman, morreu há cinco anos de cancro nos intestinos. A sua mãe, Anne Bellin (casada com Mr. Nicholas Bellin desde 1949), mora também em Green Bay (St. Baird Street, 1556). A família é originária da Áustria e da Alemanha.

Tem dois irmãos e uma irmã, sendo ela a segunda mais velha. Max tem 21 anos e trabalha na Wood Preserving Company. Walter tem 19 anos e estuda no St. Julian College, em Green Bay. Olivia tem 13 anos e frequenta o liceu (St. Mary Junior Highschool, Green Bay). Max e Walter são ambos solteiros.

Miss Truttman concluiu o liceu (St. Mary Highschool, Green Bay). Desde então tem trabalhado como telefonista na Bell Telephone

Company, em Green Bay. Assim que tiver alta do hospital, pretende retomar essa atividade. Contudo, como negligenciou a necessidade de avisar que estaria ausente por razões de saúde, espera que o seu posto de trabalho não tenha entretanto sido atribuído a outra pessoa. Carol Truttman tem c. 1,60 m de altura e 70-75 kg de peso. Tem pele clara e um rosto arredondado com o queixo pontiagudo. A sua testa é recuada e pequena. O nariz é um pouco largo, com a parte superior ligeiramente achatada; quase dá a impressão de ser um nariz arrebitado. A boca é grande, os lábios são cheios. Usa o cabelo, de cor castanha e ligeiramente ondulado, pelos ombros. Os olhos são cavados, pequenos, têm forma arredondada e cor castanho-clara, as pestanas são curtas.

Não tem conhecimento do nome completo do pai da criança. Sabe apenas que o nome próprio é George, que terá 23 ou 24 anos e não é casado. Supõe que ele vive em Chicago. Nada sabe a respeito da família dele.

Não têm quaisquer planos de vir a casar-se, limitaram-se a sair juntos «umas quantas vezes». (Miss Truttman não referiu com que frequência isso aconteceu.) O primeiro encontro terá ocorrido por intermédio de conhecidos. Começou por referir «amigos», mas depois corrigiu-se.

Foi nesse momento que a mãe dela entrou na sala. Anne Bellin é uma mulher atraente, de aspeto ainda jovem, uma versão mais velha e mais magra da sua filha. Apresentou-se vestida com bom gosto e foi extremamente bem-educada. Agradeceu o facto de estarmos a ajudar a filha. Mrs. Bellin reafirmou que o recém-nascido deverá ser entregue para adoção. Está igualmente de acordo que, tão cedo quanto possível, este seja transferido para a unidade de pediatria.

Foi explicado a Mrs. Bellin e à sua filha, em traços largos, como deverá decorrer o processo de renúncia ao poder parental, sendo também mencionados os custos que lhe estão associados. Foi-lhes proposto que seja dado início a tal processo tão cedo quanto possível – daqui a cerca de dois meses. Nem Mrs. Bellin nem Miss Truttman levantaram qualquer objeção.

Não houve tempo para se proceder a um exame da criança, nem tal foi considerado necessário.

(MW/JE)

(Anotação manuscrita feita por JT: As funcionárias dos Serviços Sociais ditaram os respetivos relatórios às datilógrafas June Everson/JE e Betty Young/BY.)

03.08.1953

Telefonema c/ Irmã Aurelia: De acordo com a Irmã Aurelia o recém-nascido de Carol Truttman apresenta características físicas que poderão indiciar uma origem indígena. No entanto, é ainda demasiado cedo para realizar uma avaliação. A criança ainda só tem três semanas.

A Irmã Aurelia declarou que irá seguir atentamente a evolução da criança.

31.08.1953

Telefonema c/ Irmã Aurelia: A Irmã estava tão agitada que foi difícil conseguir entender o que dizia. Ao que parece, as Irmãs Aurelia e Geneviève terão andado a observar a criança com todo o rigor nas últimas semanas, e tê-la-ão inclusive examinado minuciosamente, até mais do que uma vez. Em conjunto, chegaram à conclusão de que as suas características físicas correspondem mais às de um negro do que às de um indígena. A Irmã Aurelia realçou que «com toda a certeza» a criança apresenta características que não são normais.

MW tentou sossegar a Irmã. Disse-lhe que em breve o Dr. Denys irá examinar Daniel, tendo ainda sugerido que se aguardasse pelos resultados desse exame do psiquiatra. Além disso, ela própria iria o quanto antes observar atentamente o rapaz.

A Irmã Aurelia mostrou-se de acordo com esse plano. No entanto, tratou de avisar MW de que tudo parecia indicar que a procura por pais adotivos adequados iria tornar-se mais difícil. Ali não tinham experiência de lidar com crianças mestiças, nunca surgira um caso assim. Tanto quanto sabia, Daniel Truttman era o primeiro mulato nascido em Green Bay.

(MW/JE)

01.09.1953

Exame a D. Truttman, Hospital St. Mary: A criança tem 7 semanas e 2 dias. Pode considerar-se que o seu estado de saúde e nutricional são muito bons. Até agora não ficou sequer doente.

(É do conhecimento geral que o negro americano apenas contrai formas ligeiras de sarampo e de difteria, se é que chega a ser afetado. Também os casos em que adoece com escarlatina e varicela

costumam ter uma evolução relativamente inofensiva. Todavia, consta que padece de doenças do sistema respiratório mais frequentemente do que o branco.)

Forma do nariz: A largura do nariz da criança encontra-se entre os valores máximos (rostos negroides) e os valores mínimos (rostos caucasianos), podendo assim ser considerado de largura média. É sabido que, à medida que a idade aumenta, o índice nasal decresce fortemente, o que tem que ver com o facto de o nariz crescer muito mais em altura do que em largura. Não só no seu estágio de desenvolvimento infantil, mas também na sua fase adulta, o negro americano apresenta, tal como boa parte dos europeus, um nariz de largura média.

Cor da pele: Na dobra interna do cotovelo esquerdo, que está menos exposta às influências do ambiente (por exemplo, a luz do sol), a criança aparenta ter a pele clara. Contudo, as suas pálpebras, mamilos e axilas são mais fortemente pigmentados do que o tronco. Este é, por sua vez, mais escuro do que os membros (nas respetivas dobras). Nas zonas laterais da testa, bem como na região da nuca, há alguma acumulação de pigmentação.

Dever-se-á referir ainda que as faces internas das mãos e inferiores dos pés são claras.

Cor dos olhos: Constatou-se que a pigmentação da íris da criança é castanha. A impressão geral é de que a íris possui bastante claridade e profundidade, a que se vem juntar um anel exterior nitidamente azulado. Não foi (ainda) detetada a presença da típica prega que se forma nas pálpebras dos negros. Tendo em conta que a maioria dos negros americanos são originários da África Ocidental, a prega palpebral deverá ser neles bastante pronunciada.

Cor do cabelo: O cabelo é castanho e (na medida em que tal é já reconhecível) liso.

Forma dos lábios: Os lábios são (sobretudo) carnudos.

Malformações: Já que na literatura é reiteradamente referida a suspeita de que, aquando de miscigenação racial, se deverá contar com uma maior ocorrência de desarmonias, prestou-se particular atenção a este aspeto, mas não se constatou a presença de quaisquer deformações.

Antes de decidir os próximos passos, dever-se-á aguardar o resultado dos testes realizados pelo psiquiatra.

14.09.1953

Telefonema c/ Dr. Denys: Foi medido o quociente de inteligência da criança. Em jeito de resumo, o psiquiatra constatou que o QI da

mesma (calculado em 120) se situa acima da média. Para se poder ter um resultado definitivo, ele pediu que se aguardasse pelo segundo teste.

Em relação à raça da criança não se quis pronunciar, pois essa questão costuma ser problemática em casos de mestiçagem. Na sequência desta conversa telefónica, contactou-se Miss Truttman para que comparecesse no escritório na segunda-feira, 21 de setembro, às 9 horas.

Legenda:

< 60: debilidade

70-79: valor limite

80-89: valor abaixo da média

90-109: valor médio

110-119: valor acima da média

120-139: inteligência acima da média

> 140: genialidade

(MW/JE)

21.09.1953

Reunião c/ Miss Truttman e Mrs. Bellin, 9h00: Miss Truttman compareceu hoje na reunião, acompanhada da sua mãe. Foi explicado a ambas que estamos a ter dificuldades em determinar de modo inequívoco a raça do bebé. Foi-lhes dito que supomos tratar-se de uma criança mulata. O Dr. Denys partilha dessa opinião.

Ao contrário do que seria de esperar, não houve quaisquer reações de indignação nem de vigoroso protesto: Miss Truttman reagiu de modo contido, tal como a sua mãe. Mrs. Bellin explicou que o pai da criança estivera em Green Bay apenas de visita, mas acrescentou que em todo o caso ela tem conhecidos que são amigos dele. Por intermédio destes poderá vir a saber qual o apelido do pai, bem como as suas origens.

Miss Truttman manteve-se em silêncio enquanto se discutia este assunto. Entretanto perdeu algum peso, mas continua roliça. De súbito, deu a saber que o pai da criança é polaco e que «com toda a certeza» o seu apelido termina em «-ski». Realçou também o facto de os traços do rosto dele serem «rudes», os seus lábios «grossos», a sua pele «mais escura do que a nossa» e os seus olhos e cabelo serem «castanho-escuros, quase pretos». Além disso, referiu que é alto (cerca de 1,80 m), que é esguio mas forte (pesará entre 90 e 100

kg) e que já tem entradas no cabelo. Jurou que ele é de origem polaca.

Aproveitámos a oportunidade para saber mais acerca da história da família Truttman. Mrs. Bellin, cujo nome de solteira é Burkard, declarou ser de origem alemã, tanto do lado materno como paterno. Quanto a Mr. Truttman, era de origem austríaca, também ele tanto do lado materno quanto paterno. Ambas as famílias, Burkard (Burkhardt?) e Truttman (Trauttmann?), emigraram no século xix para o Wisconsin. A ser objeto de uma observação mais pormenorizada, mas Carol bem poderia exibir traços eslavos no seu rosto.

Foi explicado, com a maior ênfase possível, que precisamos de mais informações acerca do pai antes de podermos dar início a uma procura por pais adotivos apropriados. Referiu-se que o nosso objetivo consiste em reunir pais e crianças que se adequem uns aos outros, tanto em relação ao seu interior como no que diz respeito ao aspeto exterior. Na melhor das hipóteses, não será perceptível qualquer diferença entre as crianças e os pais adotivos: formamos famílias que têm um ar natural, de acordo com a vontade de Deus. Só assim podemos garantir a felicidade das crianças.

Mrs. Bellin indicou que entendia. Prometeu entregar em breve as informações em falta.

22.09.1953

Telefonema c/ Irmã Aurelia: Ela está novamente convencida de que entre os antepassados dos Truttman haverá «pelo menos um indígena da tribo dos Winnebago». Acrescentou que Carol é meio indígena, mas que em relação ao rapaz as coisas serão diferentes. Considera os traços do rosto da criança demasiado grosseiros para se tratar de um indígena. Será possível que o bebé pareça ser de cor por o rosto do seu pai também possuir traços eslavos grosseiros.

MW prometeu transmitir estas considerações a Miss Murphy. Entretanto, foi pedido à Irmã que solicitasse ao Dr. Merline a realização de um exame minucioso à criança. Este deverá prestar particular atenção à questão da raça do bebé. A Irmã Aurelia assegurou que irá tratar disso de imediato.

(Anotação feita por JT: Miss Margaret Murphy era a diretora dos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay; o Dr. Charles Merline era o pediatra do Hospital St. Mary.)

28.09.1953

Telefonema c/ Mrs. Bellin: Pouco antes de terminar o horário de expediente, Mrs. Bellin telefonou. Estava com pressa e disse que não iria poder falar durante muito tempo. O marido dela não sabe da existência do neto.

Referiu ainda que o pai da criança é definitivamente polaco, que vive em Chicago e que o seu apelido é Sebinski (ou Sobinski/Sobieski?). Não conseguiu apurar mais do que isso.

29.09.1953

Reunião c/ Dr. Merline, Dr. Schreiber, Dr. Denys, Hospital St. Mary, 9h00: O Dr. Merline, o Dr. Schreiber e o Dr. Denys examinaram minuciosamente a criança. Estão desconfiados de que nas suas veias corre sangue negro. A pigmentação na zona das nádegas alterna entre um tom oliváceo de castanho e um castanho-claro, o que poderá constituir um indício de miscigenação.

De acordo com a opinião deles, não se pode adiantar mais entretanto, pois em geral as crianças são, em termos de características raciais, mais indiferenciadas do que os adultos. No entanto, o Dr. Denys irá realizar-lhe novo teste de inteligência daqui a uma semana.

(MW/JE)

06.10.1953

Reunião c/ Dr. Denys, Hospital St. Mary: O segundo teste revelou que o QI de Daniel Truttman é de 118. Decaiu desde o último teste. A partir desse resultado o Dr. Denys conclui que o rapaz deverá um dia estar em condições de realizar estudos superiores.

Em média, o quociente de inteligência das crianças negras é dois pontos mais baixo do que o das crianças brancas.

07.10.1953

Visita a casa de C. Truttman: MW realizou uma visita a Carol, em casa desta, para a confrontar com a suspeita dos médicos. Este procedimento foi combinado com Miss Murphy. Carol vive num quarto arrendado em casa de Mrs. Trude Rentmeester, uma senhora com cerca de 60 anos, alta e magra, com uma pele muito clara, quase branca, e olhos estreitos azul-claros, que usa os cabelos brancos e compridos atados num puxo. Mrs. Rentmeester complementa a

pensão de viuvez arrendando três quartos da sua casa de que não necessita a mulheres solteiras que estejam empregadas. Não rende muito, mas é o suficiente. Assim como assim, não pode exigir muito mais das jovens, explicou ela.

Uma vez que Carol ainda não tinha regressado do trabalho, Mrs. Rentmeester ofereceu a MW uma chávena de café na sala de estar. A casa tem um aspeto extremamente organizado e cuidado: no aparador havia um arranjo de flores acabadas de colher no jardim, as almofadas e estofos dos sofás tinham um cheiro fresco e na estante dos livros não havia qualquer vestígio de pó. Mrs. Druwiski, uma senhora polaca, vem todos os dias para cozinhar, limpar, lavar roupa e engomar. Não é de admirar, tendo em conta que a Kellogg Street se encontra numa boa zona. A acompanhar o café, Mrs. Rentmeester serviu biscoitos de especiarias, uma especialidade do seu país de origem, a Bélgica.

Disse que conhece Carol há vários anos, para ela é como se continuasse a ser a mesma criança de sete anos com o espaço do dente em falta que, num sarau de apresentação dos alunos de piano da escola de música, fugiu do palco a correr, já em lágrimas. «Uma rapariga amorosa», comentou Mrs. Rentmeester, «meiga e com bom coração, mas tímida. Meu Deus, que timidez!». Chocara-a o facto de Carol ter dado à luz uma criança sem estar casada; esperaria isso de muitas jovens, mas não daquela. Por outro lado, disse que a verdade é que desde há uns tempos que o país estava a ser varrido por uma espécie de «epidemia». Referiu que desde o fim da guerra nasciam mais crianças de relações ilegítimas do que em qualquer outra altura. Em todas as cidades, grandes ou pequenas, estavam a ser criadas casas para mulheres não casadas onde, em paz e sossego, estas poderiam dar à luz sob supervisão médica.

Foi com uma certa ênfase no olhar que Mrs. Rentmeester repetiu «em paz e sossego». Nesse preciso momento, Carol entrou na sala de estar. Ficou surpreendida e não pareceu nada contente por ver MW: deu logo a entender que conversaria com ela no seu quarto, ignorando o amável convite de Trude no sentido de beber uma chávena de café com elas.

No quarto dela reinava a confusão. Em cima de uma cadeira de madeira, junto à porta, havia um monte de roupa por lavar. O roupeiro tinha uma porta entreaberta, podendo vislumbrar-se meias, sutiãs e pedaços de blusas e saias que dali espreitavam, desarrumados. Ao invés de se desculpar pelo caos, acusou MW de, sem autorização para tal, se ter introduzido em sua casa. Disse que a assistente social não tinha o direito de se pôr a sacar informações acerca dela junto da sua senhoria. MW defendeu-se e assegurou-lhe que não fora isso que estivera a fazer, o que parece ter acalmado um pouco Carol. MW

aproveitou a oportunidade para contar a Carol das suspeitas dos médicos, após o que esta se sentou na cama, com uma atitude tímida. Não ofereceu a MW qualquer sítio onde se sentar. Já com as faces bastante coradas, declarou com firmeza nunca ter tido relações com nenhum negro, tinham de acreditar nela. Mas disse que «durante um ano» andara com um tal Maynard Helnore. Esse Maynard tinha um tom de pele mais para o escuro. Ao tal Gerald (e não George!) Sebinski, o rapaz que ela começara por indicar como sendo o pai, conhecia-o havia pouco tempo.

Carol rejeitou a nossa proposta no sentido de contactarmos Mr. Helnore. Disse não querer que uma assistente dos Serviços Sociais o fosse surpreender com uma notícia destas.

Depois de Carol ter sido chamada à razão e de lhe ter sido explicada a importância de determinar inequivocamente a paternidade, ela disse que iria pensar no assunto e que na segunda-feira, dia 12 de outubro, apareceria no escritório às 9 horas.

Tendo-lhe sido perguntado qual a relação que tinha com a Áustria e a Alemanha, Carol reagiu com surpresa, mas declarou prontamente que pouco sabia a respeito desses países, já que os pais mal falavam da sua terra natal. Quando lhe perguntam se, em criança, aprendera alemão e falara a língua com os pais, respondeu que não, disse que só a conhecia de a ouvir em filmes.

Prescindiu-se de lhe fazer mais perguntas. É notório o desenraizamento de que esta jovem padece. Possivelmente será esse o motivo para esta gravidez fora do casamento.

12.10.1953

Reunião c/ C. Truttman, 9h00: Carol acabou mesmo agora de comunicar aos Serviços Sociais que autoriza que se contacte Maynard Helnore por escrito. Este encontra-se presentemente a prestar o serviço militar na Geórgia; ela irá telefonar-nos ainda esta semana, a indicar a morada dele, pois não a tem consigo.

MW conseguiu fazer Carol prometer que iria pôr ordem na sua vida. Da confusão que reina nas suas declarações deduz-se que estará bastante endividada, a desordem no seu quarto é também muito reveladora. É uma rapariga irrefletida e ingénua. Parece evidente que Carol terá sido em tempos uma criança inocente; terá depois estado exposta a alguma influência perniciosa. MW insistiu em explicar-lhe que terá de mudar de atitude, caso contrário não tardará a ver-se de novo envolvida em dificuldades semelhantes.

Essas palavras começaram por não surtir qualquer efeito, mas passado algum tempo a fachada de Carol começou a esboroar-se. É

interessante que tal tenha acontecido ao mesmo tempo que o vermelho dos lábios pintados se atenuou: à medida que a cor do batom se ia suavizando, tanto mais insegura ela parecia ficar. Costuma pintar os lábios de um vermelho da cor das cerejas. Esse hábito não era muito evidente quando ainda se encontrava no hospital. O mesmo pode ser dito da sua necessidade de se aperaltar. Espera-se que Carol venha a ganhar juízo. Em todo o caso, jurou (já a chorar) que iria emendar-se, que passaria a ir todos os domingos à igreja e que enviaria mensalmente um cheque de 15 dólares para o Hospital St. Mary.

(MW/JE)

16.10.1953

Visita / Hospital St. Mary: Daniel Truttman tem agora 13 semanas e 5 dias. De acordo com a Irmã Aurelia, é um bebé sossegado, só raramente chora e berra. Ainda ninguém o viu rir. Como não recebe quaisquer visitas, fica a maior parte do tempo deitado na sua cama. Dorme bem e bebe os seus biberões sem problemas. Nas horas em que está acordado, demonstra ser «extremamente curioso».

Após cuidadosa observação, o tom da sua pele parece ter-se tornado mais claro. Infelizmente não foi possível examiná-lo, pois estava a dormir. O seu cabelo mantém o aspeto castanho e liso e, embora os lábios sejam carnudos, tanto se poderia dizer que é de origem polaca como negra.

19.10.1953

Telefonema c/ Mrs. Rentmeester: Tendo nós esperado em vão até sexta-feira por um telefonema de Carol, foi pedido a Mrs. Rentmeester que transmitisse a Miss Truttman que deverá comparecer no nosso escritório no dia 22 de outubro, às 9 horas.

20.10.1953

Visita / Dr. Ford, Instituto de Medicina Legal de Green Bay: Na opinião dele não existe qualquer método científico que permita determinar de modo inequívoco se a criança é de cor. As únicas características que permitem tal classificação são a consistência e cor dos cabelos, o volume (grossura) dos lábios, a forma do nariz, bem como a pigmentação e cor das unhas. No entanto, referiu ter lido há uns anos

um artigo sobre determinação da raça, mas, como não conseguira localizá-lo de imediato, prometeu que iria procurá-lo e que mais tarde ligaria a dar notícias.

Telefonema c/ Dr. Ford, Instituto de Medicina Legal de Green Bay: O Dr. Ford telefonou ao fim da tarde e informou que o artigo já fora publicado em 1932, numa revista especializada. Fazia referência a um caso judicial (por assalto à mão armada). A questão da determinação da raça acabara por não ter qualquer efeito sobre o desfecho do caso e os resultados da investigação tinham sido inconclusivos.

Propôs que se esperasse até a criança ser um pouco mais velha, pois com o tempo as características físicas dos negros tornam-se mais nítidas. No seu entender, é possível que o bebé seja de ascendência polaca, já que aquela pigmentação na zona das nádegas pode também, ainda que raramente, ocorrer em crianças caucasianas.

22.10.1953

Carol não compareceu à reunião marcada para hoje. Ela afigura-se cada vez menos fiável.

Telefonema c/ Mrs. Dorschner, Norman & Delarue Informações de Crédito: Foi marcada uma reunião para terça-feira, 27 de outubro, às 11 horas.

26.10.1953

Reunião (sem marcação) c/ C. Truttman, 9h00: Carol veio ao escritório sem avisar. Estava visivelmente nervosa e um pouco acanhada. Desculpou-se por ter faltado à última reunião, dando como justificação que tivera de trabalhar num turno da noite. Uma brincadeira inocente fez com que ela parecesse congelar: perguntaram-lhe se não teria antes sido o Cozy Eggleston Combo, que tocara no Piccadilly, a tê-la impedido de dormir. O gelo só se quebrou depois de mais algum tempo de conversa em tom encorajador.

Explicou que Maynard Helnore tinha estado de licença e fora visitá-la, mas que ainda assim não reunira a coragem necessária para lhe falar acerca do filho. Referiu que fora no outono de 1952 que haviam tido relações íntimas. Segundo Carol, é ele o pai da criança. Ela prometeu-nos que irá informá-lo da existência do filho e que nos transmitirá (até 8 de novembro) o endereço de Maynard. Além disso, prometeu também enviar um cheque de 20 dólares ainda esta semana (logo que receba o seu ordenado). Assegurou que irá fazer os possíveis por todas as semanas abater 5 dólares à sua dívida.

Entretanto passaram mais de três meses desde que a criança veio

ao mundo, pelo que Carol já deve 280 dólares ao Hospital St. Mary. A cada mês crescem 35 dólares à dívida. Recebemos instruções, da parte do Dr. Merline e do Dr. Denys, no sentido de manter Daniel mais seis a oito semanas na unidade de pediatria, de modo a poderem ser realizados testes; só depois é que a criança deverá ser encaminhada para um lar.

27.10.1953

Reunião / Mrs. Dorschner, Norman & Delarue Informações de Crédito: Mrs. Dorschner foi extremamente prestável. É uma mulher de meia-idade, loura e gorducha, até mesmo as suas mãos são sapudas. Durante a conversa, mastigava pastilha elástica com tal vigor que os óculos estavam sempre a escorregar-lhe até à ponta do nariz, tendo ela de empurrá-los para cima com frequência.

Mrs. Dorschner preparou-se bem para esta reunião, tendo estudado o dossiê de Truttman com cuidado. Explicou que nada há que possa ser apontado a Miss Truttman e que ela é digna de crédito, sem quaisquer reservas. Referiu ainda que, nos últimos três anos, recebeu pedidos de informação por parte de quatro butikues e um armazém comercial relativamente a Miss Truttman, tendo podido dar resposta positiva a qualquer deles. Nada lhe é conhecido no que a dívidas diz respeito ou até mesmo em relação a uma acumulação destas. Se tal suceder, tratar-se-á de créditos contraídos junto de privados (pais, parentes, amigos).

(MW/JE)

03.11.1953

Telefonema c/ Mr. Vonck, Bell Telephone Company: Com vista a completar a impressão recolhida a respeito do carácter de Carol, MW esforçou-se por entrar em contacto telefónico com Mr. Vonck, o chefe dela. Após algumas tentativas, conseguiu por fim chegar à fala com ele hoje de manhã. Este tentou livrar-se de MW e, ao aperceber-se pela insistência de que não iria conseguir, tornou-se desagradável.

Respondeu que não queria prestar quaisquer declarações a respeito de antigos funcionários. «Antigos?», perguntou MW, conseguindo desse modo impedi-lo de desligar o telefone. «Sim, antigos!», berrou ele. À semelhança de vários outros colaboradores, Carol fora dispensada assim que as centrais telefónicas automáticas tinham sido introduzidas em Green Bay, o que acontecera alguns dias antes.

05.11.1953

Visita a casa de C. Truttman: Como Carol está desempregada, mas não no-lo comunicou, foi realizada uma visita-surpresa a sua casa. Da conversa com Trude sabíamos que, em regra, Carol só sai a meio da tarde. Assim sendo, o meio-dia pareceu uma boa hora para garantidamente se poder encontrá-la no seu quarto.

Quando veio abrir a porta, tinha um roupão de banho por cima da camisa de dormir e bigudis no cabelo. Nunca ocorrera a MW que o cabelo ondulado pudesse não ser natural. Carol respondeu que punha rolos no cabelo porque gostava mais dele assim. Fez-se de surpreendida e quis saber, com algum atrevimento, se MW se dera ao trabalho de percorrer aquele longo trajeto para lhe fazer tal pergunta. Foi então que MW abordou a questão do despedimento. Desta vez a reação de surpresa de Carol foi bem verdadeira. Não lhe restou alternativa que não fosse admiti-lo (fê-lo, mas não sem antes afastar de si toda e qualquer responsabilidade pelo sucedido). O seu subsídio de desemprego, prosseguiu, consistia em apenas 22 dólares por semana. Precisava mesmo deles para pagar a renda. Quando lhe foi perguntado se já liquidara as dívidas que tinha, disse que não, mas realçou que o montante total diminuía.

Uma vez que, em relação a este assunto, já fora dito tudo o que havia a dizer, mudou-se de tema. MW acusou Carol de ter mentido à Arquidiocese de Green Bay, aos médicos e às enfermeiras do Hospital St. Mary e provavelmente também aos seus pais. Como reação a tal acusação, Carol arregalou os olhos, com medo. MW perguntou quem era afinal o verdadeiro pai da criança, insistindo em que lhe fosse dita a verdade. Ao invés de responder, Carol desatou a chorar.

Jurou que nunca, mas mesmo nunca, dormira com um negro. MW teve de esperar que Carol se acalmasse. Por fim, esta admitiu ter tido relações íntimas com os dois homens, Maynard Helnore e Gerald Sebinski. MW quis que ela descrevesse os homens. Carol referiu que Maynard tem cabelo escuro, lábios grossos, um nariz para o largo e pele escura, ao passo que Gerald tem o cabelo encaracolado quase preto. «E com entradas?», perguntou MW. «Sim, com... entradas», gaguejou Carol, tendo também corado. «Mas tem olhos azuis e uma pele branca», apressou-se a acrescentar. A 21 de setembro indicara que os traços do rosto dele eram «rudes», os lábios «grossos», o tom de pele «mais escuro» do que o dela e os olhos e cabelo «castanho-escuros, quase pretos». MW não deixou transparecer que se deu conta das incongruências e disse apenas que, assim sendo, Sebinski poderia decerto ser excluído enquanto pai da criança.

De repente, Carol levantou-se e foi abrir a gaveta de cima da cómoda. Regressou com um lápis e papel na mão. Com uma letra ainda infantil, anotou numa folha o nome e o número de telefone de

Mrs. Edith Helnore. Disse que, já que obviamente não acreditamos nela, o melhor será falarmos com a própria Mrs. Helnore. Mr. Helnore não é o pai biológico de Maynard, ele perfilhou-o.

Mrs. Helnore poderá dizer-nos mais acerca da verdadeira origem de Maynard, acrescentou Carol. Aproximou-se da janela e murmurou que os dois irmãos dele são louros e têm olhos azuis, exatamente o oposto dele. De momento, só a mãe poderá dizer-nos quem é o seu pai biológico, pois Maynard não se encontra atualmente em Green Bay. Já Mrs. Helnore poderá ser encontrada numa loja de comércio de peles chamada Nigbor's, na esquina da Main Street com a Washington Street.

MW perguntou se seria possível que a mãe de Maynard nos fornecesse o número de segurança social do filho. Carol tratou logo de perguntar, com um ar preocupado, para que efeito precisávamos do seu número de segurança social. MW optou por ignorar a objeção e acrescentou que também iríamos precisar do dela. Carol empalideceu. Avançou de novo até junto da cómoda, desta vez devagar, puxou uma outra gaveta, que só abriu depois de a sacudir, e pôs-se a remexer no interior desta até encontrar o cartão. Escreveu o número numa folha, entregou-a a MW e disse ainda que iria arranjar o número de Maynard, mas que nós não deveríamos importunar Mrs. Helnore com esse assunto. A mãe de Maynard nada sabia acerca de Daniel e também não deveríamos ser nós a contar-lhe, a menos que ela própria, Carol, nos autorizasse. MW respondeu com sinceridade, dizendo que não podia prometer nada a esse respeito, pois não seria fácil obter informações acerca do filho dela sem lhe apresentar uma boa razão. Carol, visivelmente embaraçada, ficou em silêncio. MW aproveitou esse silêncio para pedir a Carol fotos de quando era bebé, ao que esta respondeu que não tinha nenhuma, era a sua mãe que as guardava.

MW anunciou que em breve iria contactar Mrs. Bellin e Mrs. Helnore e despediu-se. Carol voltou a pedir-lhe que nada dissesse sobre a existência do bebé. MW repetiu que essa era uma promessa que não poderiam fazer, tão-pouco cumprir.

06.11.1953

Telefonema c/ Mrs. Bellin: Mrs. Bellin mostrou-se disposta a comparecer no escritório na segunda-feira, 9 de novembro, às 10 horas, com uma fotografia de Carol quando era bebé. Recusou que a visitássemos em casa. Receava que tal viesse escusadamente a dar azo a falatório.

09.11.1953

Reunião c/ Mrs. Bellin, 10h00: Mrs. Bellin não quis deixar a fotografia no escritório, tendo voltado a levá-la consigo. Explicou que era a única foto boa de Carol, pois em nenhuma outra ela está a sorrir. Assim, não houve tempo suficiente para olhar para a imagem com atenção.

Sujeitos a uma observação mais superficial, mal se notam semelhanças entre Carol e Daniel. Só sabendo que são mãe e filho se reconhece a afinidade. Em todo o caso, o plano nem sequer era andar à procura de parecenças; em vez disso, pretendia-se identificar as características primitivas, distinguindo-as tanto quanto possível dos traços que no aspeto da criança nos são mais familiares. Deste modo poder-se-ia ter avançado um pouco mais rumo à identidade do pai, mas, dadas as circunstâncias, tal não foi possível. Felizmente, MW conseguiu colmatar as lacunas na história familiar:

Otto e Elisabeth Burkard, os avós de Mrs. Bellin do lado paterno, nasceram no Sul da Alemanha, possivelmente na Baviera. Em 1893, emigraram para a América.

Elisabeth morreu após o nascimento do primeiro filho (Walter), ainda durante a viagem de travessia.

Otto desembarcou em Nova Iorque e venceu muitas dificuldades até chegar a Green Bay, onde conseguiu arranjar um emprego na fábrica de papel John Hoberg. Morreu no dia do ataque a Pearl Harbor.

Walter, o filho, chegou a capataz na mesma fábrica de papel, a John Hoberg, em Green Bay. Conheceu a sua mulher, Karoline Holubetz, numa associação desportiva.

Os avós de Mrs. Bellin, do lado materno, eram Karl e Anne Holubetz: Karl nasceu em 1869, em Manitowoc. Durante a sua infância, a família mudou-se para Bellevue, para a parte conhecida como «Terra Perdida», onde explorava uma quinta.

Anne nasceu em 1875, nas imediações de Hamburgo. Em 1893 respondeu a um anúncio de jornal e embarcou num navio rumo a Nova Iorque. Após o período experimental de um mês, em que pusera à prova a sua aptidão enquanto futura esposa, Karl fez-lhe uma proposta de casamento, que ela aceitou; tivesse-a ela recusado e ver-se-ia obrigada a pagar com trabalho os custos da viagem.

Tiveram três filhos: Karoline (nascida em 1896), Klara (morreu no parto, em 1898) e Paul (nascido em 1900, morreu ainda criança, idade exata desconhecida).

Os avós de Mr. Truttman, do lado paterno, chamavam-se Josef e Hedwig Truttman.

Josef nasceu em Viena, onde também cresceu. Por volta de 1880, ainda adolescente, veio para a América. Encontrou trabalho na fábrica John Hoberg.

Hedwig nasceu na Áustria (local exato desconhecido). Após a morte

dos pais, emigrou para a América com o tio e a tia. Aos 19 anos, casou-se com Josef Truttman. Tiveram apenas um filho, pois Hedwig morreu quando Johann ainda era uma criança de tenra idade.

Após a morte da mulher, Josef voltou a casar-se. A sua segunda mulher, Rosaline, é originária da Bélgica. Josef morreu em 1947.

Os pais de Mr. Truttman – Johann e Maria – já não assistiram ao nascimento do bisneto Daniel: Johann morreu em 1952, em Green Bay, ao passo que Maria (nascida em Klosterneuburg) faleceu quatro anos antes do marido, também em Green Bay.

Tiveram quatro filhos: Joseph (nascido em 1910, morreu em 1949 de cancro nos intestinos, era capataz na fábrica John Hoberg), Frank (nascido em 1911, morreu com 17 anos, em resultado de um acidente ao andar a cavalo), Theresa (nascida em 1913?) e Max (nascido em 1915, foi dado como desaparecido em 1951, na Guerra da Coreia).

Mrs. Bellin nada soube dizer acerca da história familiar da sua sogra. Parece evidente que não se apreciavam particularmente uma à outra.

10.11.1953

Telefonema c/ Mrs. Edith Helnore: Hoje de manhã conseguiu-se por fim (após diversas tentativas sem sucesso) estabelecer contacto telefónico com Mrs. Helnore. Nunca ouvira falar de Carol nem do filho desta. Solicitou mais informações, mas apenas lhe foi revelado que o assunto dizia respeito ao seu filho Maynard e que seria melhor discuti-lo num encontro presencial. Assim sendo, Mrs. Helnore declarou que no sábado, 14 de novembro, pelas 10 horas, estaria presente no escritório. Também ela preferiu esperar até ao fim de semana (por receio do falatório).

11.11.1953

Telefonema c/ Padre Ryan, Paróquia de St. Mary: Foi pedido a MW que no dia 16 de novembro, às 9 horas, comparecesse na casa paroquial. O Padre não indicou o motivo.

14.11.1953

Reunião c/ Mrs. Helnore, 10h00: Mrs. Edith Helnore foi quase demasiado pontual, tendo batido à porta cinco minutos antes da hora combinada. Para poder recebê-la, MW teve de interromper os seus preparativos.

Foi oferecida uma chávena de café a Mrs. Helnore, que agradeceu

mas recusou. Parece ser uma pessoa extremamente reservada. Estava visivelmente nervosa, o que não é de admirar. Durante a conversa foi sempre mexendo no botão da manga esquerda da sua blusa: puxava-o, como se quisesse arrancá-lo, e rodava-o.

Como pretendíamos abordar o assunto de Carol e do seu bebê tão cautelosamente quanto possível, MW iniciou a conversa com a constatação, assim de passagem, de que está em Green Bay há três anos, muito embora a sua família continue a viver na Europa, a grande distância. Normalmente essa frase consegue descontraír os interlocutores e facilitar a interação, mas naquele caso acabou por ter o efeito contrário: Mrs. Helnore perguntou de imediato por que razão queríamos falar acerca do seu filho e se lhe tinha acontecido alguma coisa. Isso revelou que Carol tinha dito a verdade, pois, com efeito, Mr. Helnore não se encontrava de momento em Green Bay.

Quando MW falou a Mrs. Helnore da existência do bebê Truttman, bem como da possibilidade de o filho dela ser o pai da criança, esta endireitou-se na cadeira com uma expressão escandalizada. Num tom de voz mais alto do que o necessário e trémulo da indignação, declarou que, caso Maynard tivesse metido a rapariga em dificuldades, se iria casar com ela.

Fosse como fosse, ele assumiria a sua parte da responsabilidade. Ela própria nunca ouvira falar de Carol, Maynard não lha apresentara nem a mencionara. E isso era atípico, tendo em conta a muito boa relação que ela tem com o filho, que lhe faz confidências. Até agora sempre lhe apresentou todas as raparigas com quem saiu. A última vez que isso aconteceu foi com Miss Amelia Duquaine. Tem intenção de se casar com ela, embora não haja qualquer data marcada. Entretanto Maynard está destacado na Europa, e só Deus sabe quando é que regressará a casa.

Mrs. Helnore possui uma testa alta e a zona da nuca é bastante arredondada e projetada para trás. O seu rosto é estreito e sobre o comprido, com a pele de um rosado claro, quase branco, e o queixo pontiagudo. Tem os olhos grandes, bem redondos e azuis, o nariz é estreito e comprido. Os cabelos são louros e lisos. Em resposta a uma pergunta de MW, declarou que na sua família os antepassados eram sobretudo de origem escocesa, havendo também alguns de origem espanhola. O seu apelido de solteira é Taylor. A família do seu marido é oriunda da Suécia.

Foi então que MW lhe fez a pergunta mais delicada de todas: se na família dela ou na do marido alguma vez teria havido alguém negro.

Mrs. Helnore reagiu à pergunta arregalando muito os olhos. Que pergunta era aquela? Por acaso a criança era de cor? MW explicou que, muito provavelmente, Daniel Truttman era uma criança mestiça. Mrs. Helnore manteve o olhar focado no exterior, para lá da janela.

Era óbvio que não sabia como reagir àquela informação.

De modo a conseguir que esta voltasse a falar, MW referiu que circulava o rumor de que Maynard teria sido adotado, não sendo portanto filho biológico de Mr. Helnore. Esta declaração chocou profundamente Mrs. Helnore. Pôs-se a pestanejar com frequência e ficou muito corada. É claro que Maynard é filho de Mr. Helnore, gritou ela, tudo o resto é uma mentira infame. Acrescentou que ele tem um aspeto diferente dos irmãos porque se assemelha à bisavó, que era espanhola. Que ideia absurda, a das pessoas insinuarem que ela teria tido um caso com um negro! Levantou-se de repente, pegou no seu casaco e começou a dirigir-se para a porta. MW tentou deter Mrs. Helnore, pedindo-lhe desculpa e assegurando que se limitara a repetir o teor do boato. Sublinhou que era muito importante apurar quem seria o pai biológico do bebé Truttman, pelo que a diocese precisava da ajuda dela.

A isso Mrs. Helnore respondeu, num tom já um pouco mais calmo, que o seu filho decerto nada teria tido com «essa Truttman» e que iríamos ter de prosseguir as nossas buscas seguindo outras pistas. Não deveríamos voltar a importuná-la a ela ou à família com aquele assunto. De resto, era certo que Maynard tinha cabelo e olhos castanhos, mas não tinha nem a pele escura nem apresentava quaisquer traços negroides. E foi com estas palavras que deixou o escritório.

Não foi possível pedir-lhe uma foto do filho.

(MW/JE)

16.11.1953

Visita / Casa Paroquial St. Mary: O Padre Ryan é um irlandês entroncado e de baixa estatura, com cabelo crespo e ruivo mas ralo, a pele branca como a cal e olhos de um azul cintilante. Quando MW o visitou na casa paroquial, este entregou-lhe um papel e anunciou, com uma voz surpreendentemente sonora, que recebera de Carol a morada e o número de segurança social de Maynard Helnore.

Cabo Maynard Helnore

U. S. 55158091

M. D. Company 3340 A. S. U.

Fort Benning, Geórgia

N.º segurança social: 804 099 219 841

O Padre Ryan é um homem bastante estimado, e não apenas na

comunidade em que se insere. Participa aqui e ali em diversas atividades, expressa a sua opinião de modo vigoroso em relação a questões sociais e políticas – tem convicções socialistas – e não perde um único jogo dos Green Bay Packers, do mesmo modo que não lhe escapa uma fritada de peixe num *supper club*. Segundo declarações do próprio, foi ele que casou os pais de Carol e batizou todos os filhos dos Truttman. Sim, explicou de modo enfático, poder-se-á dizer que é um amigo da família.

Revelou ter tido uma longa conversa com Carol. Esta não se limitou a prometer que iria emendar-se, chegou mesmo a jurá-lo. Ele também lhe chamou a atenção para o montante da conta do hospital, tendo ela assegurado que iria enviar um cheque todas as semanas. Sabia de antemão que não podia pagar vinte dólares de cada vez, mas haveria de conseguir que fossem cinco.

MW agradeceu ao Padre Ryan pelo endereço de Helnore e fez menção de se despedir, mas este convidou-a a voltar a sentar-se. Com toda a ponderação, começou por dizer que Miss Truttman e Mrs. Bellin «não desejavam prosseguir os contactos» com os Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay. Havia feito tudo o que estava ao seu alcance para nos ajudar, pelo que dispúnhamos agora de todas as informações necessárias para promover a adoção da criança. Pigarreou, deixando claro que era para ele um embaraço ter de pronunciar o que se seguiria. Anne e Carol, disse ele, não desejavam continuar a ser «importunadas» por Miss Winckler. MW retorquiu que se limitava a cumprir a sua obrigação, era Miss Truttman quem estava a dificultar o nosso trabalho: após o nascimento do bebé, declarara que o pai era um tal de Gerald Sebinski ou Sobinski, um homem de cuja existência não se conseguira entretanto ter sequer a certeza. Passada apenas uma semana, ela mudara de ideias e afirmara que o pai era afinal um tal Maynard Helnore. Talvez não lhe fosse mesmo possível dizer quem é o pai, disse o Padre Ryan, tentando defender a sua protegida, talvez fossem «as circunstâncias» que não lho permitissem. MW ficou com a impressão de que ele nos estava a sonegar informações, por isso perguntou se Carol teria sido vítima de algum tipo de violência por parte do pai da criança, se era essa a razão para querer ocultar a sua identidade. O Padre Ryan protestou com veemência: «Não, de modo nenhum, nem pensar nisso.» E de seguida acrescentou: «Sabe como são os jovens...» MW respondeu que não, não sabia. A reação do Padre surpreendeu-a: o rosto dele ruborizou-se e, mesmo não sendo pessoa de ter papas na língua, este ficou sem saber o que mais haveria de dizer. Por fim, balbuciou que entendia o desagrado de MW, entendia-o muito bem até, só que Carol não se comportava agora como habitualmente, a gravidez fora para ela um choque, do qual ainda não tinha

recuperado. Sendo-lhe dado mais algum tempo e sossego, a questão haveria de ser ultrapassada «a contento de todos».

17.11.1953

Telefonema c/ Mrs. Franklin, Cruz Vermelha da Geórgia: Tanto o número de segurança social de Maynard Helnore quanto a sua morada foram comunicados telefonicamente a Mrs. Franklin. Como se trata de um caso urgente de determinação da paternidade, foi-lhe pedido para verificar estes dados logo que possível. Mrs. Franklin assegurou que iria tratar disso de imediato e que em breve nos ligaria.

18.11.1953

Telefonema c/ Miss Duquaine: Sem estarmos à espera, recebemos um telefonema de Miss Amelia Duquaine, a noiva de Maynard Helnore, que nos ofereceu a sua ajuda. Mrs. Helnore contou-lhe «toda a história», pelo que ela considera ser sua obrigação ilibar o noivo de qualquer suspeita relativa à questão da paternidade. Pôs-se desde logo à disposição para responder às nossas perguntas.

MW agradeceu e aproveitou a oportunidade para lhe pedir uma fotografia de Mr. Helnore. Miss Duquaine prometeu comparecer no sábado, 21 de novembro, às 10 horas, no escritório, munida de uma fotografia dele. Recusou que realizássemos uma visita a sua casa.

19.11.1953

Visita / Hospital St. Mary: O bebé tem agora 18 semanas e 4 dias. Tal como dantes, continua a ser difícil distinguir de modo inequívoco as características que indicam a raça; no entanto, tal não é invulgar tendo em conta a idade da criança, além de que muito provavelmente se trata de um mestiço.

O bebé é grande para a idade e tem uma constituição robusta. O seu estado de saúde é muito bom. De acordo com a Irmã Aurelia, alimenta-se bem, chega mesmo a exigir o biberão. Tem um temperamento alegre, sorri muito e só raramente chora. Pudemos constatá-lo facilmente: quando MW se aproximou da sua cama, este virou-se para ela e sorriu.

Daniel parece ser um menino cheio de curiosidade. Tentou chuchar no dedo que ela tinha esticado junto à sua cara. Quando conseguiu, soltou um gorgolejo de satisfação. Com os seus olhos castanho-claros, grandes e redondos, é decididamente encantador. A sua pele

continua a ser branca ligeiramente acastanhada.

O cabelo de Daniel cresceu e mantém-se liso e castanho. Os seus lábios permanecem carnudos. O nariz apresenta uma forma atenuada do nariz bulboso e trapezoidal – é sobretudo largo, ligeiramente achatado e de aspeto grosseiro. Reúne em si as características primitivas dos narizes negroides. No entanto, os narizes dos bebés estão sempre sujeitos a grandes transformações, passado um mês poderão vir a ter um aspeto bastante diferente.

No caso de Daniel, as características da população hospedeira são bastante pronunciadas, mas ainda assim deixam transparecer o seu aspeto negroide. Para terminar a visita estava prevista uma conversa com o Dr. Denys. Este comunicou-nos que realizou mais um exame psicológico. A criança tem agora um QI de 110. Esse número irá decerto nivelar-se pelos 100, uma vez que, à medida que o tempo avança, a capacidade de aprendizagem das crianças negras decresce.

De acordo com o Dr. Denys, já nada impede que a criança seja encaminhada para um lar infantil ou uma família de acolhimento.

21.11.1953

Reunião c/ Miss Duquaine, 10h00: Tal como fora constatado aquando do telefonema, Miss Amelia Duquaine é uma jovem determinada. Embora à primeira vista ela pareça bastante discreta, com a sua pele clara, os seus olhos azul-claros e os cabelos castanhos, assim que abre a boca apercebemo-nos logo da sua capacidade de afirmação. É professora, declarou no início da conversa, e não tolera qualquer disparate. Confirmou que ela e Maynard Helnore estão noivos. Planeiam casar-se assim que ele regresse da Europa (de momento está destacado em Salzburgo). O mais provável é que tal seja possível daqui a cerca de um ano, estão a pensar realizar o casamento no inverno. A última vez que o viu foi em junho de 1953, mas Mr. Helnore escreve-lhe com regularidade. Miss Duquaine trouxe consigo cartas suas e ele tem uma letra muito bonita. Salta à vista a regularidade do arredondamento em letras minúsculas como o «a» ou o «l».

Infelizmente a fotografia que ela apresentou é a preto e branco. Assim sendo, tivemos de dar-nos por satisfeitas com as indicações de cor transmitidas por Miss Duquaine, a saber:

A pele de Mr. Helnore é branca, ainda que possua um ligeiro tom acastanhado, o cabelo é castanho, os olhos e as pestanas castanho-claros.

Os lábios dele são algo carnudos, a boca é grande. O nariz é grosso,

as narinas largas. Nos seus olhos é notória a presença das pregas epicânticas, próprias da raça mongoloide, o que em indivíduos de raça não mongoloide constitui uma característica puramente individual, presumivelmente hereditária (embora na mãe dele não se tenha constatado a presença desse traço). No caso de Maynard, a formação dessas pregas assume proporções extremas: só as pontas das pestanas são visíveis, espreitando de debaixo da dobra palpebral. Não se constatou qualquer semelhança com Daniel Truttman.

Miss Duquaine perguntou se a criança é parecida com o seu noivo. Deu a impressão de estar um pouco tensa. MW respondeu que não, mas acrescentou que a criança em causa é um bebé e que a sua fisionomia ainda irá sofrer alterações profundas. Miss Duquaine afirmou com ênfase que Maynard não pode ser o pai, já que nem sequer conhece Miss Truttman, nem nunca a conheceu. Em compensação, ela mesma, sim, conhece Carol, conhece-a até muito bem. No ano passado viveu num quarto arrendado em casa de Mrs. Rentmeester, mesmo ao lado daquele em que Carol vive. Durante algum tempo foram bastante amigas, tendo também saído juntas com frequência.

Miss Duquaine sorriu. Referiu que Maynard é músico, que toca clarinete, além de compor. Depois de ele ter sido destacado, ela passou a gostar de frequentar um clube de *jazz*, aonde até ia com frequência, não para dançar, mas antes para escutar os músicos a tocar, pois isso fazia-a lembrar-se de Maynard. Ia sempre ao Zebra Lounge, por ser esse o clube preferido dele. E Carol fazia-lhe companhia. O empregado do bar mantinha uma mesa pequena sempre livre para elas, de onde gozavam de uma vista desimpedida para o palco. A maior parte das vezes, logo após a primeira música já Carol se levantara para se misturar entre o público. Miss Duquaine recostava-se e ficava a assistir. De início, acreditou que Carol a acompanhava por ela ter o «marido» ausente. Contudo, cedo se apercebeu de que não era Carol que lhe estava a fazer um favor, mas sim ela a Carol: acompanhando-a até lá, esta podia ficar perto do homem por quem andava de beicinho caído: Mr. Jimmy Jordan.

Miss Duquaine retirou da sua mala de mão um exemplar cuidadosamente dobrado da *Green Bay Press-Gazette*, abriu-o e mostrou um anúncio do Zebra Lounge. Disse então que constava que a criança era mestiça. Apontou para o pianista e perguntou se por acaso o bebé não seria parecido com aquele homem. Jimmy era um negro de pele clara, não obstante, era obviamente um negro.

À primeira vista, podia constatar-se uma semelhança entre Daniel e Mr. Jordan, mas Miss Duquaine foi informada de que tal não pode ser avaliado desse modo, para isso teríamos de nos encontrar pessoalmente com Mr. Jordan. Compreendia-o perfeitamente, disse

Miss Duquaine, após o que retirou outra folha da sua mala. Também esta fora cuidadosamente dobrada. Nos dias 19 e 20 de dezembro, a partir das 22 horas, o Jimmy Jordan Trio irá tocar no The Flame, em Milwaukee. O endereço é: North Ninth Street, 1315.

Acrescentou ainda que esperava que a sua visita tivesse sido útil e, a seguir, despediu-se.

23.11.1953

Reunião interna: Miss Murphy pediu a MW para fazer um ponto da situação. Gostaria de dar início à procura de uma nova família para Daniel; afinal de contas, o bebé já completou quatro meses e, em condições normais, tal procura tem início logo aos dois meses de idade. Aceitou esperar, pois as características distintivas da raça demoram reconhecidamente algum tempo a manifestar-se – à medida que o tempo passa, a pele e o cabelo vão escurecendo. O Dr. Shapiro, de Nova Iorque, por exemplo, recusa-se a examinar bebés com menos de seis meses, porém não podemos dar-nos ao luxo de esperar tanto tempo. É previsível que a procura por pais adotivos ou de acolhimento venha a revelar-se difícil. A maioria dos interessados deseja crianças brancas, são bem conhecidas as dificuldades de encontrar uma solução para as crianças de cor. Entretanto, na certidão de nascimento de Daniel Truttman ainda nada está anotado no campo destinado à raça da criança; o Dr. Schreiber deixou-o em branco. «Estamos já em condições de preencher esse campo?», perguntou Miss Murphy.

Infelizmente, MW teve de responder que não. A suspeita de que Daniel é uma criança mulata ganhou entretanto alguma credibilidade. A mãe dele insiste em afirmar que tal não corresponde à verdade, mas continua sem haver qualquer prova a favor ou em contrário. Miss Murphy suspirou. O caso de Daniel Truttman lembra-lhe um outro, o de David Shaw, a cargo de uma amiga sua de Milwaukee. Também a identidade do pai biológico de David era desconhecida. Por causa da cor escura da sua pele, aos seis meses de idade David foi levado a Nova Iorque, pois acreditava-se que seria um mestiço, filho de um negro. O Dr. Shapiro examinou o bebé e declarou que ele era porto-riquenho. Aconselhou que se esperasse e não se procedesse logo a uma eventual atribuição a uma família, já que a pele da criança iria escurecer.

Um ano e meio mais tarde, continuava por aparecer quem quisesse ficar com David. Os eventuais interessados viam nele tudo e mais alguma coisa: ora achavam que era italiano, ora mexicano, ora negro. Na verdade, viam nele tudo menos a criança que queriam ter. «Com

base na sua formação em antropologia, que avaliação faria quanto à raça da criança?», quis saber Miss Murphy.

MW não fez qualquer avaliação; em vez disso, aconselhou que se esperasse. Ao longo das próximas semanas, o aspeto da criança ainda irá alterar-se bastante, a ponto de talvez já nem vir a ser necessário determinar a identidade e raça do pai. Miss Murphy não concordou com esta proposta. Retorquiu que o caso de David Shaw lhe ensinou que esperar é precisamente o que não se deve fazer. Deu instruções a MW no sentido de enviar um pedido de informação ao Padre Matthew Rose, que já antes tratou do processo de uma criança de cor, bem como requerimentos às instituições nossas congéneres em Milwaukee, Madison, Racine, Kenosha, Appleton, Waukesha, Oshkosh, Eau Claire e La Crosse.

«Vamos partir do princípio de que Daniel Truttman é uma criança de cor», disse Miss Murphy, dando a discussão como terminada. «Ainda assim, para jogarmos pelo seguro, contacte o Departamento de Assuntos dos Veteranos.» Caso o pai de Mr. Helnore tenha combatido na guerra, esse departamento há de dispor de informação relativa às suas origens: a raça dos soldados é registada nos processos individuais.

25.11.1953

Telefonema c/ Miss Combs, Departamento de Assuntos dos Veteranos: Foi dado a conhecer o caso de D. Truttman a Miss Combs, ainda que em traços largos. Esta foi incumbida de recolher informações relativamente à família Helnore. Miss Combs prometeu realizar tais pesquisas e ficou de contactar-nos em breve.

30.11.1953

Telefonema c/ Miss Williquette, Gabinete de Serviços de Beneficência Católica de Appleton: Miss Williquette agradeceu-nos o envio da carta e informou que Mr. e Mrs. Cornell, que já têm duas crianças à sua guarda, pretendem acolher uma terceira. Gostariam de visitar Daniel no domingo, 13 de dezembro, às 15 horas, e pretendem saber se tal será possível. MW disse que sim e ficou marcado.

Radiante, Miss Williquette comentou que os Cornell são um casal íntegro e respeitável. Acrescentou ainda que qualquer criança que por eles seja acolhida poderá considerar-se afortunada.

Telefonema c/ Irmã Aurelia, Hospital St. Mary: A visita do casal Cornell foi anunciada. A Irmã Aurelia ficou surpreendida. Afirmou que irá preparar tudo o que for necessário.

01.12.1953

Telefonema c/ Miss Fisher, Hospital St. Mary: Carol enviou um cheque no valor de 10 dólares. Assim sendo, neste momento o montante da sua dívida para com o hospital é de 305 dólares.

04.12.1953

A audiência no tribunal relativa ao caso de Daniel Truttman foi fixada para segunda-feira, 14 de dezembro de 1953, às 9 horas. Miss Truttman e Mrs. Bellin foram informadas.

09.12.1953

Carta do Padre Rose, Paróquia de St. Mary, Milwaukee: O Padre Rose escreveu a informar de que, num próximo sermão, irá referir o caso de Daniel Truttman. Contudo, na comunidade que dirige não existem paroquianos de cor; nesse sentido, não tem quaisquer certezas de vir a ser possível encontrar uma família que queira receber Daniel. Michael (a criança negra cujo processo ele levou a bom porto) foi entregue a uma família branca, talvez volte a ser possível encontrar uma família assim. Deveremos, em todo o caso, fazer-lhe chegar uma fotografia de Daniel e nunca abandonar a esperança.

Refira-se aqui, a propósito, que a atribuição a uma família nos moldes acima descritos não seria oportuna. A adoção não deverá ser usada indevidamente como uma medida que sirva o propósito da integração. Os casais que queiram adotar mestiços deverão refletir bem acerca das consequências sociais desse seu desejo. Além disso, por razões óbvias, seria melhor para a criança crescer entre os seus iguais.

10.12.1953

Visita / Orfanato St. Mary: Há poucos dias, com o acordo dos médicos, Daniel foi transferido para o Orfanato St. Mary.

A Irmã Aurelia recebeu MW à entrada e acompanhou-a à sala dos bebés. A criança continua de boa saúde (nunca esteve doente) e alimenta-se bem. Em relação às fezes do bebé: nada há digno de nota. Em geral, Daniel é uma criança bem-disposta e, na medida em

que ela consegue avaliá-lo, bastante esperta. Apesar de lhe faltar alguém que fale com ele, Daniel aprende depressa, é um menino inteligente e bonito. A Irmã Aurelia perguntou se já encontrámos o pai e a resposta foi não. Ela acenou com a cabeça, ao mesmo tempo que constatava que raramente as mães se demonstram cooperantes. A seguir despediu-se, tendo explicado que a aguardavam no hospital. Daniel estava a olhar para o teto. Pareceu só reparar em MW quando esta lhe mostrou o seu lápis, quando o segurou diretamente no campo de visão da criança. Os seus olhos são de um tom de castanho impressionante (da cor do cacau). Não se constata a presença da prega palpebral típica dos negros. O cabelo dele continua castanho e liso. Parece ter a pele mais clara do que da última vez que foi examinado, o que contradiz a teoria de que, em termos de características raciais, as crianças são mais indiferenciadas do que os adultos. O nariz é a única parte do rosto em relação à qual isso se aplica: com efeito, é em crianças com idade escolar que o aspeto do nariz se torna mais variado. Entretanto Daniel tem um nariz ligeiramente bulboso, em comparação com o nosso é um pouco mais largo e grosseiro. A parte superior do nariz está em vias de se alçar, deixando bem perceptível que a criança é produto de mestiçagem: o rosto dela faz lembrar o nosso, embora ainda aí se note alguma coisa de primitivo.

Que transformação se terá operado na estrutura antropológica do negro após a sua disseminação pela América? Será legítimo afirmar que a sua configuração se alterou e deslocou no sentido da população que lhe serve de hospedeira? No exemplo concreto de Daniel, parece ser esse o caso: inicialmente os traços herdados do pai eram dominantes, mas agora é mais visível a herança da mãe.

Também MW foi observada por Daniel. Os olhos dele seguiam os movimentos dela e, quando esta se aproximava do rosto dele com a máquina fotográfica, Daniel sorria e esticava os bracinhos na direção dela. Para que a criança mestiça não pensasse que o interesse de MW se concentrava em exclusivo nela, esta fotografou também as crianças nas camas em redor. A fazer fé na literatura especializada, a noção de se possuir um aspeto diferente do do mundo em redor forma-se desde bastante cedo nas crianças de cor.

A mãe não visita Daniel desde o nascimento. Ele tem agora 21 semanas e 3 dias.

11.12.1953

Telefonema c/ C. Truttman: Carol telefonou de manhã bem cedo para relatar que se candidatou a uma vaga na firma Milprint. Será ainda

esta semana informada se conseguiu obter o lugar. MW quis saber se o emprego era para trabalhar na linha de montagem ou no escritório. Carol respondeu que seguramente não iria fabricar embalagens em celofane, pois tinha-se candidatado a um lugar de secretária.

(Anotação feita por JT: Em 1953, a Milprint abriu uma fábrica nova e de grandes dimensões em Green Bay. Esta empresa produz sobretudo artigos de oferta.)

13.12.1953

Visita / Orfanato St. Mary: Às 15 horas, a Irmã Aurelia e MW receberam o casal Cornell no orfanato.

Eleanor e Walt Cornell são um casal de meia-idade, possivelmente entre os 40 e os 45 anos. Proporcionam uma família de acolhimento a duas meninas (Evie e Isabel, com 8 e 12 anos) e, segundo as palavras da própria Eleanor, pronunciadas com um sorriso na cara, gostariam de poder acolher também um rapaz «para o Walt». O desejo do seu marido seria ter um filho com quem pudesse jogar beisebol e ir à pesca.

Eleanor é alguns anos mais nova do que Walt. Tem cabelo louro, de um tom acobreado, que usa amarrado num puxo. É uma mulher de pele clara e olhos azuis, é alta, bastante esguia e, apesar de usar sapatos rasos, ainda assim um pouco mais alta do que Walt. Na silhueta do marido, caçador nos tempos livres, destaca-se a barriga proeminente, semelhante à de uma mãe grávida que ainda não tivesse dado à luz. Tem cabelos louros, olhos azul-claros e é calvo. O amplo sorriso que ostenta a maior parte do tempo pareceu um pouco forçado. Eleanor é claramente quem pretende outra criança, para Walt o acréscimo na família será sobretudo uma concessão à mulher. Os cabelos louros, os olhos azuis e a pele clara de ambos constituem uma herança anglo-saxónica: Eleanor e Walt são originários da Inglaterra, tendo os seus avós emigrado para a América no século XIX. Quando a irmã Aurelia trouxe Daniel para a sala de espera, Eleanor e Walt arregalaram os olhos. Não estavam à espera de que lhes fosse apresentada uma criança mestiça. Eleanor não tardou a recompor-se e abriu os braços: insistiu em segurar na criança ao colo e acariciá-la. Walt avançou alguns passos, ficou de lado em relação à mulher, a observá-la com Daniel nos braços, a uma certa distância.

A criança sentia-se obviamente bem nos braços de Eleanor. Sorriu e brincou com os seus cabelos. Também a pradeira que lhe adornava

o vestido despertou a curiosidade de Daniel. Com os seus pequenos dedos este quis agarrar nas asas da borboleta, apalpou-a minuciosamente e tentou até meter uma das pontas do adereço na boca, pelo que Eleanor teve de intervir. Quando por fim, mas só após o encorajamento de Eleanor, Walt se aproximou, Daniel quis agarrar-lhe os óculos, mas Walt recusou-se a permitir que a criança brincasse com eles.

Finalmente os Cornell despediram-se, dizendo que, de regresso a casa, iriam ter de refletir com toda a calma se poderiam acolher o jovem Truttman. Uma criança de cor representaria um risco: Walt, que trabalha na administração municipal, tem uma reputação a manter. Daniel iria gerar muito falatório.

Depois de os visitantes se terem ido embora, a Irmã Aurelia aproximou-se, lançando um olhar reprovador. Disse que obviamente os Cornell não estavam à espera de que lhes fosse apresentada uma criança negra. De futuro, ter-se-ia de garantir que essa informação fosse atempadamente fornecida aos interessados. MW defendeu o procedimento adotado pelos Serviços Sociais e explicou que não podia fornecer uma informação que na realidade ainda não tinham como certa. A Irmã Aurelia protestou. Declarou que, caso efetivamente não viéssemos a obter tal informação, teríamos então de arranjar alguma maneira de determinar a raça da criança.

14.12.1953

Audiência / Tribunal de Família, Green Bay: Hoje de manhã, às 10 horas, teve lugar a audiência com o juiz que determinou a entrega provisória da custódia de Daniel Truttman aos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay. Carol compareceu acompanhada da sua mãe. Ambas vieram vestidas de modo simples e discreto, a mãe com um saia-casaco cinzento-claro, a filha com outro azul-escuro, além de chapéu e mala de mão a combinar.

Após um interrogatório minucioso realizado à mãe da criança pelo juiz Peter Milford, este decidiu a favor do requerimento por nós apresentado. Tanto Carol como Mrs. Bellin pareceram ficar aliviadas. As perguntas do juiz foram tudo menos agradáveis, sobretudo as que diziam respeito à vida privada de Carol e aos seus planos de futuro. Subsistem dúvidas de que, no que toca a pensamentos, ela olhe tanto para o futuro. De que alguma vez tenha olhado sequer para o futuro.

Carol declarou não ganhar o suficiente para se sustentar a si mesma e a uma criança. Continua sem trabalho e só com o apoio da sua mãe consegue manter-se à tona e não se afundar. Mrs. Bellin confirmou que todos os meses ajuda Carol com um pequeno montante. Desse

modo, a resolução do caso tornou-se óbvia e foi considerado desnecessário fazermos qualquer declaração.

Mãe e filha deixaram o edifício do tribunal com uma expressão de profunda satisfação nos respectivos rostos.

(MW/JE)

15.12.1953

Telefonema c/ Miss Combs, Departamento de Assuntos dos Veteranos: Miss Combs excedeu todas as expectativas. Acabou de ligar para nos comunicar os resultados da sua pesquisa: Edith Helnore (cujo apelido de solteira é Taylor) nasceu em Burton, no Michigan, ao passo que Elmer Helnore nasceu em Green Bay. Os avós emigraram para a América vindos da Suécia e da Irlanda (Espanha não foi por ela mencionada). A família pertence à comunidade de Green Bay da Igreja dos Irmãos Morávios.

Os Helnore têm três filhos: Naomi, 23 anos, empregada de mesa no Morley's Bar; Wayne, 21 anos, vendedor na Hank's Sporting Goods Store; Maynard, 20 anos, local de trabalho desconhecido. Naomi e Wayne têm a pele clara, são louros e de olhos azuis, Maynard tem olhos e cabelo castanhos. Qualquer dos três tem o cabelo liso.

Na família Helnore nunca houve negros nem escravos.

O que se ouve dizer:

Naomi foi uma criança bondosa e meiga. Continua a ser uma pessoa bastante amável, sobretudo para com os clientes regulares.

Wayne foi um bom desportista, chegou mesmo a sonhar com uma carreira profissional como jogador de futebol americano. Porém, teve uma lesão numa perna. Atualmente trabalha como vendedor numa loja de artigos desportivos.

Maynard toca dois instrumentos, piano e clarinete. Até há pouco tempo podia ser encontrado com frequência no Zebra Lounge. Tem a reputação de ser mulherengo e estar sempre com falta de dinheiro.

16.12.1953

Resposta negativa / Gabinete de Serviços de Beneficência Católica de Racine: Miss Steingraeber escreve que não lhe é possível ajudar Daniel Truttman. Em Racine não existem oportunidades de acolhimento nem de adoção para uma criança desse género.

17.12.1953

Resposta negativa / Orfanato St. Vincent, Milwaukee: Miss Evelyn Zakowski escreve que infelizmente não vê qualquer possibilidade de conseguir mediar com sucesso o processo de acolhimento desta criança. Refere ainda que entende bem o nosso dilema, uma vez que ela própria tem a seu cargo os processos de 23 alunos internos de cor e mestiços, todos eles à espera do seu lugar numa família de acolhimento.

Foi-se hoje buscar as fotografias já reveladas. Uma das cópias foi enviada ao Padre Rose.

Amanhã, sexta-feira, 18 de dezembro, MW viajará para Milwaukee com vista a falar com Mr. Jordan. A viagem de regresso está prevista para domingo, 20 de dezembro.

21.12.1953

A viagem a Milwaukee não trouxe o resultado esperado, mas em compensação veio com uma certeza: Jimmy Jordan não é o pai da criança, pudemos certificar-nos pessoalmente disso.

Segue-se o relatório de MW.

(Anotação feita por JT: O relatório está em falta)

22.12.1953

Carta de Mrs. H. Franklin, Cruz Vermelha da Geórgia: Mrs. Franklin escreve a dizer que contactou John Cramer, o diretor de recursos humanos de Fort Benning, cuja carta de resposta nos enviou em anexo.

John Cramer escreve que, de acordo com os seus registos, nunca um indivíduo chamado Maynard Helnore esteve a prestar serviço em Fort Benning. Atualmente também não existe lá ninguém com esse nome ou semelhantes (Helnare, Helnere, Helnor, Helnord). De resto, o número de segurança social fornecido é incorreto, pois tem um algarismo a menos.

23.12.1953

Resposta negativa / Orfanato St. Theresa, Kenosha: Miss Zimmer escreve que lamentavelmente não poderá mediar um processo que

diga respeito a uma criança negra.

24.12.1953

Telefonema c/ Mrs. Cornell: Mrs. Cornell telefonou hoje de manhã para marcar uma reunião, pois pretende ter connosco uma conversa de aconselhamento mais demorada. O pequeno Daniel não lhes sai da cabeça, razão pela qual gostariam de fazer uma tentativa no sentido de acolhê-lo. Ainda assim, o marido dela tem algumas reservas.

Ficou combinada uma reunião para terça-feira, 29 de dezembro, às 10 horas.

28.12.1953

Resposta negativa / Gabinete de Serviços de Beneficência Católica de Waukesha: Miss Carmichael escreve que se sente incapaz de mediar o processo de acolhimento de uma criança mulata.

29.12.1953

Reunião c/ Mrs. Cornell, 10h00: Mrs. Cornell apresentou-se às 10 horas em ponto no escritório. Parecia bastante agitada. Assim que se sentou, tirou da mala de mão uma revista (*Reader's Digest*), abriu-a numa página onde pusera um marcador de livros e pousou-a na mesa.

«A nossa família internacional», podia ler-se em letras grandes e a itálico numa página dupla. Mais abaixo, viam-se fotografias de uma família composta por 14 pessoas de diferentes raças. Mrs. Cornell apontou para o último parágrafo, que dizia assim: «Se pudessem assistir ao modo como as nossas crianças crescem todas juntas, como brincam e aprendem umas com as outras, cabelos escuros lado a lado com cabelos claros, olhos negros sorridentes lado a lado com olhos azuis, tenho a certeza de que passariam a pensar como nós pensamos: veriam que barreiras artificiais, tais como a raça ou a nacionalidade, desaparecem ao depararem-se com um amor verdadeiro e profundamente sentido. Somos mais do que uma mera família internacional, somos uma família de Deus.»

Mrs. Cornell irradiava alegria. Aquele artigo convencera-os, tanto a ela como a Walt. Haviam-se preocupado desnecessariamente. Disse que, de qualquer das maneiras, as mães adotivas e de acolhimento nunca tinham a vida facilitada, sabia-o por experiência própria. Várias tinham

sido as oportunidades em que lhe fora dado a entender que a natureza das suas meninas era ruim ou mesmo malvada, em todo o caso alguém do que deveria ser... Quando estava a preparar-se para o explicar mais detalhadamente, foi interrompida por MW, que desde logo lhe comunicou que não poderíamos ainda entregar a criança aos seus cuidados. A origem da mesma não fora ainda determinada, desconhecia-se quem era o pai da criança. No entanto, foi-lhe assegurado que estávamos a trabalhar com grande empenho no sentido de obter resposta para estas questões.

A reação de Mrs. Cornell deixou perceber a sua desilusão. Disse que se tinha alegrado com a perspectiva de poder ficar com Daniel. No que dizia respeito a ela e ao seu marido, a origem da criança era-lhes indiferente. Para eles era mais importante que esta não ficasse demasiado tempo sozinha, pois afinal de contas um bebé precisa de calor humano, precisa de quem fale com ele, precisa de receber amor. Assegurou que estavam dispostos a dar-lhe tudo isso. MW realçou que lamentava não poder satisfazer de imediato o seu pedido, mas o certo é que seria irresponsável integrar uma criança abandonada numa família sã e já estabelecida. A mãe da criança continuava a não querer cooperar com os Serviços Sociais, além de que o pai nem sequer sabia que tinha um filho.

Mrs. Cornell suspirou. Nesse caso iria esperar; contudo, não estava em condições de prometer nada. Tinha tido de convencer Walt a acolher uma criança de cor. Conseguiria fazê-lo uma segunda vez? Abanou a cabeça, expressando as suas dúvidas. Não tinha a certeza disso.

Com a promessa de esclarecer em breve as questões ainda em aberto, MW despediu-se de Mrs. Cornell. Não entregar já a criança era a decisão mais acertada: havia também que pensar no bem-estar da família de acolhimento.

30.12.1953

Resposta negativa / Paróquia de St. Vincent, Eau Claire: O Padre O'Hara escreve que irá procurar uma família adequada entre os seus paroquianos, mas que se sente cético em relação às perspectivas de sucesso. Na comunidade que dirige não existem membros de cor.

31.12.1953

Telefonema c/ Mrs. Rentmeester: Trude telefonou para nos relatar que era já a terceira vez que, à noite, Carol era acompanhada a casa por um homem. Havia observado os dois através da janela da sala de

estar. Tinham tentado manter-se escondidos sob a sombra das árvores, mas ainda assim ela conseguira vê-los (em virtude da escassa folhagem). O homem abraçara e beijara Carol apaixonadamente. A rapariga retribuía esses abraços e beijos desavergonhados. De acordo com o que lhe fora transmitido pela vizinha, Miss O'Brian, o homem é Henry Walton. Trata-se de um veterano da Segunda Guerra, pelo menos uns dez anos mais velho do que Carol, e é casado com a cozinheira do Elk's Inn.

Trude sublinhou por diversas vezes que é para ela extremamente desagradável que uma tal história se desenrole sob o seu teto. No entanto, ainda não falou com Carol a esse respeito. Antes disso, pretende aconselhar-se junto do Padre Ryan, com quem vai conversar este domingo. MW agradeceu o telefonema e pediu a Trude que a mantivesse ao corrente.

(MW/JE)

04.01.1954

Telefonema c/ Miss Fisher, Hospital St. Mary: Miss Fisher informou-nos acerca dos pagamentos que Miss Truttman até agora realizou. Carol já abateu 40 dólares à sua dívida, pelo que tem 360 dólares em atraso.

05.01.1954

Resposta negativa / Orfanato St. Catherine, La Crosse: Miss Herbert escreve que, neste momento, não há quaisquer vagas disponíveis em lares, mas que irá transmitir o nosso pedido a mais algumas paróquias.

06.01.1954

Telefonema c/ Mrs. Rentmeester: Trude relatou-nos, num tom agitado, que o Padre Ryan pediu para falar com Carol e Mrs. Bellin no seu gabinete, na casa paroquial. Explicou a ambas as mulheres que a situação em que Carol se está a envolver não só apresenta traços de obscenidade como pode até vir a ter consequências bastante nefastas. Não teve ela já uma gravidez fora do casamento? Pretende arriscar-se a ter uma segunda? Até ela e Mr. Walton anunciarem o seu noivado, o Padre não poderá de modo algum tolerar que estes continuem a encontrar-se. E acrescentou ainda que seria impossível

ela ficar noiva de Mr. Walton tão cedo, uma vez que o homem ainda é casado.

Segundo o Padre Ryan, Mrs. Bellin ficou chocada. Afirmou que nada sabia a respeito do caso que a filha tem com aquele homem. Carol, por sua vez, manteve obstinadamente o silêncio e saiu disparada do gabinete assim que o Padre Ryan a dispensou. Este ainda tentou convencer Mrs. Bellin a proibir a filha de manter aquela relação até a Igreja estar em condições de poder aprová-la. Mrs. Bellin assegurou que irá fazer tudo o que estiver ao seu alcance no sentido de manter Carol afastada de Mr. Walton.

Trude está convencida de que Mrs. Bellin nada irá fazer em relação a este assunto. Pediu-nos que intervíssemos.

07.01.1954

Telefonema c/ C. Truttman: MW telefonou a Carol e ordenou-lhe que comparecesse no escritório. Carol hesitou e quis saber se tal se devia à conta do hospital ainda por pagar. Foi-lhe explicado que o que está em jogo é bem mais do que uma conta por pagar: ela trouxe ao mundo um bebé mestiço e recusa-se a cumprir as suas obrigações enquanto mãe. Continua por determinar quem é o pai, mas em todo o caso é certo que não se trata de Mr. Maynard Helnore. MW disse-lhe que deverá apresentar-se no escritório amanhã, às 8 horas, caso contrário irá haver consequências.

08.01.1954

Reunião c/ C. Truttman, 8h00: Carol compareceu no escritório às 8 horas em ponto; no entanto, estava extremamente mal-humorada. Deu a entender a MW que, naquele momento, não estava em condições de saldar a dívida para com o hospital. Foi-lhe explicado que na vida há coisas mais importantes do que o dinheiro: os próprios filhos, por exemplo. Ela está a negligenciar o filho bebé, para o qual ainda não pôde ser encontrada uma família de acolhimento. A custódia que foi requerida ao tribunal tem um carácter provisório, e apenas o fizemos para a ajudar a ela, Carol Truttman. Foi um ato altruísta. Foi-lhe comunicado que, caso venhamos a constatar que ela está a abusar da nossa vontade de ajudar, acabará por vir a sentir todo o peso das suas responsabilidades.

«Vontade de ajudar...», repetiu ela. «Que faria eu sem a sua vontade de ajudar?» A ironia presente na voz dela era indisfarçável. MW voltou a avisá-la, após o que esta pareceu reconsiderar. Num tom hesitante, mas ainda assim com ar de triunfo, disse que estava a planear casar-

se, pelo que em breve deixaria de precisar da nossa ajuda. MW quis saber qual o significado daquela afirmação. Carol respondeu que iria perguntar ao seu noivo se este queria adotar Daniel. E o seu noivo seria Mr. Henry Walton?, quis saber MW. Não era ele casado? Carol corou ligeiramente. Ele tencionava separar-se, gaguejou ela, iria em breve requerer o divórcio. MW recordou-lhe de que não fora uma única vez ao orfanato visitar Daniel, mas agora, de repente, pretendia ser ela mesma a cuidar dele? Carol não teve como responder a esta pergunta.

MW prosseguiu, em tom de repreensão. Se Carol fazia mesmo tenção de se ajudar a si mesma e ao seu filho, que comesasse por parar de espalhar mentiras. Envolver mais alguém neste assunto não era, efetivamente, a melhor maneira de ajudar fosse quem fosse. MW insistiu para que ela revelasse por fim o nome do pai da criança. Carol disse que já há muito o tinha feito, que o pai era Maynard Helnore. MW contrapôs que a mãe de Maynard afirmara nunca ter ouvido falar de uma Carol Truttman. Isso não era de admirar, respondeu Carol. Tal como os restantes filhos dos Helnore, Maynard não tinha uma boa relação com os pais. Só a mais velha é que ainda se dava com eles, até porque ainda vivia lá em casa; os outros tinham aproveitado a primeira oportunidade para de lá saírem e só voltavam nos feriados, como o Natal ou o Dia de Ação de Graças.

A paciência de MW chegou ao limite. Como podia ela, Carol Truttman, que tivera relações com um negro, vir agora acusar Mr. e Mrs. Helnore de não terem sido bons pais? Não era de modo nenhum isso que estava a fazer, defendeu-se Carol, limitava-se a relatar aquilo que lhe fora dito. De resto, nunca antes tivera relações com alguém de cor, até porque não conhecia nenhum negro. E o que tinha então a dizer a respeito de Jimmy Jordan?, perguntou MW. Havia pelo menos uma pessoa que podia atestar que este era seu «conhecido». Se fosse ao Zebra Lounge e se pusesse a inquirir, quantas mais testemunhas iria MW encontrar?

Carol empalideceu. A seguir exclamou: «O Jimmy não é um negro, mas sim um músico!» E saiu disparada da sala.

Esta reação demonstra por um lado que ela conhece Jimmy Jordan, mas por outro revela a sua ingenuidade no que diz respeito a negros.

O jardim dos Truttman era grande, substancialmente maior do que faria supor a parte que conseguia ver a partir da minha janela. Compunha-se de diversos canteiros mais pequenos, ligados entre si por carreiros estreitos que se cruzavam, mas todas as plantas estavam adormecidas sob uma grossa camada de neve, de tal modo que, para saber o que haveria ali debaixo, apenas poderia contar com as indicações de Joan. Era como se eu de repente tivesse cegado, era-me impossível identificar e distinguir fosse o que fosse – até mesmo os arbustos e as árvores mais pequenas, com as suas copas e troncos, estavam envoltos em neve e gelo, só mesmo a luz fraca do sol ao meio-dia conseguia deixar marcas naquela falsa paisagem polar.

Enquanto eu avançava atrás de Joan, quase às apalpadelas e de modo desajeitado, pois não sabia se estava a pisar o carreiro ou um canteiro, esta ia indicando o que ali me era dado ver. Do lado direito, explicava ela, deveria imaginar dalias, do lado esquerdo lilases, num canto diante de mim dispusera um canteiro com pedras e suculentas, ao passo que num outro havia uma pequena floresta de bambus. Por entre uma massa indistinta de neve, via as pontas castanho-amareladas de folhas a espreitarem e senti vontade de tocar numa delas, sobretudo porque, tendo em conta as suas cores, me pareceram ali deslocadas; reprimi, porém, esse impulso, acenei com a cabeça e esforcei-me por não me desviar do caminho. Ao olhar para mim, Joan apiedou-se. Que disparate o meu!, exclamou ela de repente, mostrar-te o jardim durante o inverno. Um jardim de verão durante o inverno! Mas tem paciência, já lá chegamos.

O objetivo da nossa «viagem» era uma estrutura de grandes dimensões que me pareceu disforme, uma aglomeração de sebes que, segundo a descrição dela, haviam sido plantadas em forma de espiral e podadas de acordo com um padrão trapezoidal, mas que agora estavam apenas cobertas por uma espessa camada de neve. Era o labirinto de Danny. Fora este que assim o desejara, e Joan criara-o para ele como um presente, por ocasião do vigésimo aniversário do casamento de ambos. No inverno, o jardim ficava escondido sob a neve e os «muros» do dédalo tornavam-se então inescrutáveis; em certos sítios conseguia-se até trepar aos arbustos congelados e espreitar por cima dos tais «muros». Joan sorriu, um sorriso surgiu gravado em sulcos profundos na sua face.

No centro do labirinto, numa ínfima *piazza*, havia um banco de madeira e um baú de plástico escondidos debaixo de uma lona. Joan retirou duas almofadas e duas mantas do interior do baú. Sentámo-nos em cima das almofadas, cujo enchimento isolava um pouco, protegendo assim do frio. Eram três da tarde, o Sol preparava já a sua descida, em breve cederia o seu lugar ao brilho tremeluzente da neve, até que a Lua surgisse no céu. Joan e eu embrulhámo-nos nas mantas grossas que, de acordo com as suas palavras, fora a mãe de Danny a tricotar. Cheirava a neve e a gelo e, de tempos a tempos, eu ia mexendo os dedos dos pés, só para ter a certeza de que ainda conseguia fazê-lo. Joan perguntou-me se também eu estava quentinha. Com a cabeça acenei que sim, e ela pôs-me na mão um copo de plástico que retirara do bolso direito do seu casaco; do bolso esquerdo saiu uma garrafa térmica e uma tablete de chocolate. Desenroscou a garrafa, verteu o café nos nossos copos e pousou o chocolate no banco. Disse-me que fora professora, de início na universidade, depois no liceu. À primeira oportunidade, tratou de se reformar, não albergava qualquer esperança de vir a progredir na carreira. Começara a nevar. Os flocos eram brancos enquanto caíam, mas depois de aterramem ficavam azuis, como aquele crepúsculo precoce. Joan estava sentada de costas viradas para a luz, pelo que tive de adivinhar-lhe as expressões do rosto. Perguntei-lhe o que ensinara. Francês e alemão, disse ela. O alemão no St. Julian College, fora aí que conhecera Danny...

em 1974, terminei a minha tese de mestrado. Sonhava viajar um ano inteiro pela Europa, só que não tinha dinheiro suficiente. O que tinha poupado chegava apenas para um bilhete de avião que me levaria até Frankfurt. Assim sendo, regressei a Green Bay, porque tinha ouvido que na faculdade precisavam de leitores de alemão. O primeiro dia de aulas correu mal, estava terrivelmente nervosa. Os estudantes aperceberam-se disso e reagiram com malícia. No fim desse dia até tive dificuldade em enfiar a chave na porta do carro, de tanto que me tremiam as mãos. De súbito, o Daniel apareceu e abordou-me. Perguntou-me se eu alguma vez tinha vivido na Alemanha. Ignorei-o. Disse-me que não era estudante, mas que gostaria de assistir às minhas aulas, caso pudesse. Acrescentou que queria um dia viajar até à Alemanha e pretendia estar preparado, saber ao menos dizer algumas palavras. «Para isso basta um guia de conversação», respondi-lhe. Ele riu-se. Disse-me que precisava de mais do que apenas «Onde fica a estação?» e «Como te chamas?». Esperava poder vir a ter conversas com expressões mais surpreendentes. Disse também que a sua mãe adotiva era originária da Alemanha.

Com um sorriso, Joan acrescentou que, ainda nessa noite, se haviam encontrado no Kroll's para comer um *cheeseburger* e uma taça de *booyah*. Passados oito meses, estavam casados. A mãe dela tinha-se recusado a assistir ao casamento, pois não gostava de Danny. Desde que, no verão de 1967, o negócio do tio fora destruído, a mãe não queria nem ouvir falar de afro-americanos. Andam sempre a armar confusão e destroem tudo, dizia

Mrs. Coleman... Mrs. Coleman?, perguntei. *Ma mère*, respondeu Joan...

a minha espantosa mãe. Estaria a mentir se dissesse que o desprezo dela não me incomodava. O Danny aguentava-a com uma serenidade admirável. Já eu, no final de cada serão que ela tratava de estragar, jurava a mim mesma que iria, de uma vez por todas, cortar relações. Contudo, no dia seguinte, a maioria das vezes logo às primeiras horas da manhã, apercebia-me de que, a cortar relações com ela, teria de o fazer também com toda a gente: ela não era a única que, em relação ao Danny, se limitava a ver um macaco. Um *porch monkey*^[1].

Joan bebeu o café que restava no seu copo de plástico e guardou a garrafa térmica no bolso do anoraque. Tanto as suas faces como os seus olhos estavam ligeiramente avermelhados. Não suportava aquela expressão, *porch monkey*, que não fazia qualquer justiça a Danny. Naquela altura ele gostava de dançar, era um dançarino de corpo e alma! Aquando do segundo encontro, foram até ao pavilhão desportivo do liceu onde ela andara. Ele levava consigo um leitor de cassetes, um aparelho achatado e retangular que funcionava mal e, na maioria das vezes, comia a fita das cassetes ao invés de a ler e tocar; caso isso acontecesse, vinha munido de uma cópia no bolso das calças. Dissera-lhe para ela se sentar na segunda fila, pressionara o botão start e começara a dançar. Peter O'Toole cantava: *To dream the impossible dream / To fight the unbeatable foe...* Anos mais tarde ficara a saber que não fora O'Toole a cantar aquela canção, mas antes um ator chamado Simon Gilbert. Joan achava até apropriado que fosse ao som de um *playback*, de um balé executado pelos lábios de O'Toole, que Danny tivesse dançado a sua própria versão do bailado, uma amálgama do balé infantil de Madame Ledvina e da dança moderna ensinada por Mr. Kazik, o professor de educação física. E qual seria o tal «sonho impossível»? Ingressar na Juilliard School, com o objetivo de vir a trabalhar e viver em Nova Iorque como dançarino. Danny trabalhara anos a fio na concretização do seu sonho, anos a fio ajudara-o também ela para que conseguisse lá chegar. Eram os dois uns sonhadores, jamais acordaram, nem mesmo quando andavam a entregar pizzas, ou aquando da correção dos testes e exames. E porque haveriam de acordar? Fora um sonho maravilhoso... Joan remeteu-se então ao silêncio.

Perguntei-lhe o que acontecera. Se ele não passara no exame de admissão. Joan abanou lentamente a cabeça. Danny nunca chegara a fazê-lo. Joan retirou uma pequena lanterna do interior do bolso do anoraque e ligou-a. Nesse mesmo instante, aquele fim de tarde transformou-se em noite profunda. Ele nem sequer chegara a Milwaukee.

Fora até Sheboygan e dera meia-volta.

No dia seguinte, um sábado, acordei envolta por um silêncio que era invulgar, até mesmo para o ninho do cuco: nada se mexia, nem o rumor de um

automóvel se conseguia escutar ao longe; tinha a impressão de me encontrar no interior de uma câmara de vácuo. Se no dia anterior, quando estivera no jardim de Joan, me vira desprovida do sentido da visão, agora, no interior da casa dela, era da audição que estava privada. Só quando avancei, tateante, e desci a escada sombria até à sala de estar é que consegui perceber por que razão a total ausência de som se me afigurava tão estranha: o rádio estava desligado.

Segui até à cozinha, produzindo mais ruído do que era costume, por entretanto me aperceber de que estava sozinha em casa. E não me enganara: um envelope, onde fora cuidadosamente escrito o meu nome, estava pousado na mesa da cozinha. Na mensagem de Joan pude ler que esta se esquecera de me dizer que iria visitar Danny à casa de saúde e que só estaria de volta na segunda-feira. Apreciara tanto falar sobre aqueles dias perdidos, sobre os *lost days*, que decerto fora por isso que se esquecera de me informar.

Eu não contara vir a sentir aquela vaga de alívio; além disso, de repente achei que o silêncio em redor era qualquer coisa serena e benevolente. Cedi à tentação de me pôr a cantarolar enquanto fazia o café. Era para me ter posto a cantar a sério, mas a minha voz estava enferrujada. Depois do pequeno-almoço, mal consegui esperar para me levantar da mesa. A cozinha de Joan era o cantinho do meu mundo em Green Bay que eu conhecia melhor. Apresssei-me a avançar até à sala de estar.

Uma vez mais, dei-me conta de como estava escuro no ninho do cuco. A casa era um sorvedouro de luz, a escuridão aninhava-se nos cantos, nas esquinas, nas frestas, alastrava-se, rastejando, de detrás dos armários, de debaixo das mesas e dos limites dos tetos para o centro das divisões, nem sequer se mantinha afastada das janelas, cujas superfícies envidraçadas, baças do pó, filtravam a luz, estrangulando o seu brilho. Terá sido essa a razão para não ter reparado de imediato na quantidade de lembranças e recordações que as suas divisões albergavam: a memória tornada objeto. De todas, a mais popular era o postal, uma espécie em vias de extinção; Joan guardava-os em cima das cómodas, dispostos uns a seguir aos outros. Havia castiçais, pequenos e grandes, havia jarras, baixas e altas, havia taças, largas e estreitas, objetos espalhados entre os livros nas prateleiras e diante das caixas de chapéus nos armários. Os raminhos de flores secas, os espelhos de mão, as caixas de comprimidos e os pequenos estojos de joias, bem como as pequenas figuras, fossem elas de pessoas ou de animais, tudo isso estava enfiado entre e à frente dos pratos, das chávenas e das canecas no aparador. Porém, o verdadeiro tesouro permanecia escondido na parte de baixo dos móveis: por baixo da estante da sala de estar descobri maços de cartas, sob o louceiro da sala de jantar encontrei velhos cadernos de apontamentos (datados) e debaixo dos móveis de verga do jardim de inverno havia sacos de plástico quase a rebentar de tão cheios de fotografias.

Curiosamente, todas as paredes estavam vazias, à exceção de uma na sala de estar, decorada com o retrato a preto e branco de um homem. Segundo

a minha estimativa, a fotografia deveria remontar aos anos vinte do século passado. Sobre a parte inferior da moldura larga de ébano fora instalada uma plaquinha estreita de latão, com a inscrição «*Father*». Tirei o retrato da parede e segurei-o diante da janela, à luz...

sou bastante míope, no meio da escuridão quase não consigo ver, mas ainda assim não encaro a minha miopia como uma desvantagem. Pelo contrário, houve até uma altura em que, por princípio, não usava óculos quando saía de casa; o mundo distorcido, desfocado – que ao longe consistia em sons e cheiros, enquanto ao perto se compunha de superfícies e corpos que eu podia ou, melhor, tinha mesmo de tocar para conseguir descobrir a sua identidade, a sua essência –, esse mundo parecia-me mais real do que aquele que eu percecionava com os meus olhos. O ato de ver assenta na distância, até mesmo para se conseguir observar um objeto de perto há que criar algum afastamento, por mais pequeno que seja. Cheirar ou tocar, porém, são processos íntimos, o objeto percecionado liga-se ao sujeito que o perceciona, objeto e sujeito tornam-se um só, ainda que apenas por um momento. O ato de entender, de compreender, de apreender pensamentos alheios, de agarrar ideias de outrem é, de um modo semelhante, também ele um ato íntimo, uma supressão de todas as distâncias, em última análise, uma supressão de si mesmo, um deixar-se cair sem saber onde ou como se vai aterrar...

o homem da fotografia tinha cabelos curtos e claros, com risco ao lado, olhos também eles claros, óculos pequenos, com lentes redondas, e estava vestido com um fato escuro, uma camisa branca e uma gravata cinzenta. Estava recostado numa cadeira de repouso em madeira, num jardim, pois ao fundo reconhecia-se a presença de arbustos e adivinhava-se a existência de árvores. A expressão do rosto dele era descontraída, relaxada, sorria para a câmara, não, sorria na direção da câmara, sorria para o fotógrafo. Ou talvez para a fotógrafa? Era um sorriso caloroso, um sorriso que só se dirige a alguém que se conhece bem, que se julga conhecer bem, um sorriso cúmplice, que dá uma resposta.

Ele está feliz, eis a resposta.

Não cheguei a ter oportunidade de fazer qualquer pergunta a Joan acerca da fotografia, já que após o seu regresso ela começou a evitar-me. Embora quisesse saber como corra a visita a Danny, sempre que eu entrava na sala de estar Joan acabara de deixá-la, vendo-a eu então esgueirar-se para o jardim de inverno através da porta do outro lado da divisão. Se a seguisse, ela escapava-se do jardim de inverno para o primeiro andar, ignorando o facto de estar a chamá-la. Ainda nos dedicámos algumas vezes a jogar assim às escondidas, até eu ter desistido. Comecei por presumir que ela não teria vontade de conversar, por isso desisti daquela perseguição, mas mais tarde perguntei a mim mesma se a teria magoado, se teria feito um qualquer

comentário inadequado ou deixado escapar uma palavra impensada. Ponderei se haveria de lhe escrever uma carta ou deixar um bilhete na mesa da cozinha. Acabei por abandonar essa ideia: não sabia o que haveria de escrever, além de que, à medida que o tempo ia passando, tanto menor era a minha vontade de falar com ela. Já não era só Joan que fugia de mim; também eu passei a fazer os possíveis por não me cruzar com ela. Evitávamo-nos mutuamente.

Um dia, já a interrupção letiva da primavera havia terminado, deparei-me com Ada Berkins, uma vizinha que ainda não conhecia pessoalmente, apenas lhe tinha ouvido a voz. Miss Berkins surpreendeu-me diante da porta de entrada. Eu acabara de fazer uma caminhada de meia hora, viera a pé de St. Julian's até à Woodlawn Avenue, mas mesmo assim sentia-me ainda cheia de energia, o que talvez se devesse àquele fim de tarde relativamente ameno. Quando ela me propôs que bebêssemos uma chávena de chá, aceitei o seu convite com prazer. Disse que queria saber tudo a meu respeito, que teria de lhe contar a história da minha vida. Demonstrou um tal grau de curiosidade que acabei por me sentir lisonjeada e acedi prontamente ao seu desejo: pedi-me que esboçasse os trechos mais importantes da minha vida, mas especificou que dissera «esboçar» porque não teríamos tempo para uma pintura a óleo, na melhor das hipóteses apenas um desenho a carvão. Ada era pintora, artista, toda a sua existência era consagrada à arte, sobretudo à arte da vida. Obtinha a maior parte dos seus rendimentos com a venda de ervas e, ao invés de «curandeira», designava-se a si mesma como «praticante de curas». O seu método era especial, realçou, acrescentando que realizava as curas com recurso à arte e a «ervas asiáticas». Como se essa expressão fosse uma deixa, o seu olhar repousou no meu rosto. As suas pinturas, revelou-me, tinham o poder de curar. Escapou-se-me então um *A sério?* que soou incrédulo. A sério, confirmou ela sorridente. Tinha consciência de que a afirmação soava presunçosa, mas o sucesso dos resultados obtidos falava por si. Fora através do seu tratamento que Danny recuperara do AVC que sofrera, devia-se a Ada o facto de este ter saído dos cuidados intensivos. Como estava ele, quis então ela saber, continuava a fazer progressos?

Não pude deixar de ficar com a impressão de que o intuito de toda a nossa conversa fora tão-somente aquela pergunta, mas apesar disso, ou talvez precisamente por essa razão, fiz-lhe o obséquio, queixei-me do estranho comportamento de Joan e acabei por me aperceber de que fora mexer num ninho de vespas.

Ada e Danny tinham frequentado o mesmo liceu, andado no mesmo ano e tido algumas disciplinas juntos. E ela estivera apaixonada por ele – informação que Ada só revelou depois de ter trocado a sua chávena de chá por um copo de uísque. Enquanto ela falava acerca de si e de Danny, dei-me conta de que toda a arte da vida se dissipou; de súbito, vi diante de mim apenas

alguém que não procurava esconder a sua vulnerabilidade. Surpreendeu-me constatar o quanto ela se mantinha fiel a um sentimento já passado. Amara-o, admitiu-o sem rodeios, não fora apenas um entusiasmo, uma paixonetinha, mas uma resolução. Decidira amá-lo, com todas as vantagens e desvantagens. E infelizmente decidiu também confessar-lhe o seu amor...

os amigos dela despedem-se, ela fica para trás, põe-se a remexer nos bolsos sempre que acredita estar a ser observada. Danny aparece, rodeado pelos seus disparatados amigos, com sorrisos desdenhosos. Ada não sabe como fazer-se notar, deixa-se ali ficar, hesitante. De repente ele vira a cabeça na sua direção e olha para ela. Cumprimenta-a com um aceno de cabeça, faz sinal aos amigos para se porem a mexer, aproxima-se lentamente e pergunta-lhe se quer acompanhá-lo no caminho para casa. Eis a deixa de que ela estava à espera. À semelhança de Emily Webb^[2], começa o que tem para dizer com uma reprimenda: até há um ano ela gostava muito dele, balbucia Ada, mas depois ele mudara, tornara-se arrogante, passara a vangloriar-se dos seus sucessos como *quarterback* e no palco. Era-lhe penoso ter de dizer-lho, muito penoso até, mas, enquanto amiga, era seu dever ser sincera com ele.

Ada riu-se. Supunha que ele reagisse com consternação, que se sentisse arrependido, mas em vez disso este fitou-a, sem perceber de onde aquilo vinha, e perguntou-lhe se tinha enlouquecido. Se é isso que preferes, então vai sozinha para casa, dissera ele, apressando-se a ir embora. Ele nada tinha de George Gibbs, contou ela, sorridente, nem uma pontinha. Tivera esperança de que aquilo acabasse numa *ice-cream soda*, mas em vez disso desatara a chover. A chuva encharcara-lhe o cabelo e daí escorrera-lhe pela testa para os olhos. Poder-se-ia dizer que fossem lágrimas, mas não, Ada abanou a cabeça e rematou que as lágrimas eram quentes, ao passo que aquelas gotas de água eram frias.

A partir dessa altura, Ada passou a observar Danny já só de longe, mas sem dúvida que foi havendo o que observar: Danny a fazer de Capitão Von Trapp, em *Música no Coração*. Danny a fazer de Bernardo, em *West Side Story*. Danny a fazer de Dom Quixote, em *O Homem de La Mancha*. Além de professor de desporto, Mr. Kazik era ainda professor de música e também nessa qualidade se revelava exigente com os seus protegidos; e estando Danny disposto a passar horas seguidas a cantar e dançar num pavilhão desportivo sem aquecimento, acabou por se tornar o seu ator favorito, o Jimmy Stewart de Alfred Hitchcock. Foi Kazik quem convenceu Danny a tornar-se dançarino e cantor ou, melhor ainda, ator da Broadway. Esquece os filmes, Dan, disse ele, a verdadeira arte... os verdadeiros artistas representam no teatro, a Broadway chama por ti.

Ada não conseguia entender a razão que levava Danny a não seguir o seu chamamento e a dar meia-volta em Sheboygan, passada apenas uma hora de viagem. Porém, à pergunta que cautelosamente lhe fiz, sobre se a cor da pele de Danny alguma vez representara um problema nos tempos de liceu, ela reagiu com indignação. Como podia eu pensar tal disparate?, Danny fora a

estrela do seu ano, toda a gente gostava dele e muitos o invejavam. Fora o *quarterback* da equipa de futebol americano e o rei do baile de finalistas. A cor da sua pele não tinha qualquer importância, ninguém olhava para isso, isto é, ninguém de entre os que com ele tinham crescido, especificou Ada. Quanto a Joan, disse que esta tinha bem consciente o facto de Danny ser diferente, e acabara mesmo por reforçar essa diferença. Joan Baez por fora, mas Jackie Kennedy por dentro, e fora ela que fizera dele um negro. Antes dela, Danny não era tratado como estando à margem, só depois de estar com ela é que passou a sentir-se e a comportar-se como um estranho. Pouco antes do AVC, acrescentou Ada, tinham voltado a aproximar-se e fora ele mesmo quem lho confessara.

Enquanto tomavam uma *ice-cream soda*.

Nos dias que se seguiram, Ada espalhou o boato de que eu andava a escrever um livro sobre Danny, e em Green Bay o seu soprano parecia ser bastante mais escutado do que o contralto de Joan. A maioria das pessoas acreditava que a minha obra tratava da juventude de Danny enquanto negro numa cidade habitada quase por completo por brancos, havendo quem achasse que o meu interesse na vida dele serviria apenas de base para um romance, que por sua vez serviria de base para um filme, em que algum ator famoso, pelo menos do calibre de um Denzel Washington, desempenharia o papel principal. A partir de então, quando ia fazer compras, fosse à Bosse's News & Tobacco ou à Erbert and Gerbert's, passei a deparar-me com uma curiosidade que não tinha já que ver com a minha origem, fixando-se agora na minha profissão: se antes era *a chinesa*, passei então a ser uma emissária de Hollywood. No entanto, ninguém jamais me perguntou se estava de facto a escrever algum livro acerca de Danny e, caso assim fosse, por que razão precisamente sobre ele; em vez disso, as pessoas abordavam-me com uma atitude firme e decidida para me contarem coisas acerca de Danny, de Joan ou até de si mesmas. Esta necessidade de partilhar informação surpreendeu-me, já que até então os habitantes locais me tinham parecido bastante parcios em palavras. Uma vez que era frequente passar as manhãs no Al's Hamburgers, para não me cruzar com Joan, foi precisamente aí que essa gente expansiva passou a procurar-me.

O Al's era um *diner*, como aqueles que conhecemos dos velhos filmes de Martin Scorsese. Contudo, não se tratava de um espaço amplo com vários compartimentos, mas antes de um local pequeno e estreito, com um teto baixo, duas janelas para o comprido, com vidro fosco, e um pavimento de ladrilhos castanho-claros; ficava-se desse modo com a impressão de se estar numa casa de banho. Diante do póster de Elvis havia um frigorífico, onde guardavam a manteiga, o leite e a cerveja, e mesmo à frente de um grelhador sobredimensionado via-se um balcão comprido, com bancos altos

azuis, cuja ocupação de manhã se resumia, quando muito, a não mais de um único cliente, alguém que, de regresso a casa depois de um turno da noite, aproveitava para devorar um *cheeseburger* com batatas fritas e aros de cebola. Junto à janela que dava para a rua estava pendurado um cartaz verde onde se lia *Welcome to Wisconsin*, patrocinado pela New Glarus Brewing Company. O banco em que me sentava estava coberto com um material castanho-claro que imitava couro e combinava com a cor dos ladrilhos do chão. Quando esse banco rangia, o ruído sobrepunha-se à música do rádio. A maior parte das vezes, dava início às minhas manhãs com algum dos sucessos de Bruce Springsteen: *Man, I ain't gettin' nowhere / I'm just livin' in a dump like this...*

Aquando do meu segundo café, Val vinha sentar-se diante de mim. Era a arrendatária do Al's e tinha braços fortes e de formas arredondadas. Logo que nos conhecemos confidenciou-me que houvera em tempos um Al, numa altura em que o cabelo dela ainda tinha o seu tom naturalmente louro e as *T-shirts* ainda não estavam com um aspeto gasto.

Suspeito que foi graças a ela que, dia após dia, pude receber um novo visitante, alguém que, estando eu sentada na minha mesa de cliente habitual, vinha ter comigo e me interpelava. «Pude receber» não, «tive de receber», pois não tinha como rejeitá-lo, o que por um lado se devia à natureza da situação, mas por outro também à minha incapacidade de pôr um fim a este mau hábito. De início, senti-me impelida a abreviar essas conversas. Normalmente prefiro manter-me anónima quando estou num lugar estranho, até mesmo no sítio a que chamo a minha terra o papel de cliente habitual consegue provocar-me um tal desconforto que, caso aí seja reconhecida, nunca mais entro no estabelecimento em causa. Criar raízes é uma aptidão que me falta. Com o tempo, porém, passei a apreciar ver-me reduzida ao papel de «autora»: permitia-me distanciar-me de mim mesma, conseguia literalmente esconder-me por detrás dessa palavra. Deste modo, no meu íntimo foi-se formando uma imagem daquele lugar, a chamada «baía verde», bem como de Joan e Danny, a que os habitantes da cidade se referiam simplesmente como «os amantes», *the lovers...*

nem sempre essa designação era usada num tom benevolente. Na verdade, Danny e Joan davam nas vistas enquanto casal. No início da década de 1970, um par de namorados formado por uma branca e um negro não era propriamente uma coisa normal: não o era nas ruas de Milwaukee, quanto mais nas de uma pequena cidade como Green Bay, que nessa altura contava com uns 90 mil habitantes, a grande maioria dos quais trabalhava nas fábricas de papel que orlavam as margens do rio Fox. Já antes da Segunda Guerra Mundial se registara um aumento da população, as fábricas atraíam a sua mão de obra com bons salários e empregos estáveis. Depois, com o contributo daqueles que regressaram da guerra e das suas famílias, o número de habitantes voltara a crescer, bairros inteiros tinham sido construídos, as casas eram produzidas em massa, mas foram tomados os cuidados necessários para

que toda a vizinhança continuasse a ser branca. Vinte anos mais tarde, o aspeto da cidade pouco se alterara; até mesmo cinquenta anos depois, no início do novo milénio, Green Bay dava a impressão de ser um local surpreendentemente homogêneo. Joan não estava enganada quando disse que, nos arredores, eu era a única dos do meu tipo.

Além disso, pelo menos foi assim que Ada o retratou, Danny e Joan não fizeram minimamente segredo do facto de estarem apaixonados. Davam abraços e beijos ardentes em plena rua, andavam sempre de mão dada. Aquele amor, exibido de um modo assim tão óbvio, era considerado incómodo pela população; muitos perguntavam-se se seria mesmo amor, se não seria apenas desejo, outros percecionavam as demonstrações públicas de afeto como uma provocação, acreditavam estar a ser confrontados com um qualquer ativismo político, com uma operação de luta que visava a implementação forçada da igualdade racial para afro-americanos em particular, e para as minorias em geral. Havia quem estivesse convencido de ter ido parar às filmagens de alguma longa-metragem, outros afirmavam reconhecer em Danny um qualquer jogador dos Green Bay Packers; em qualquer desses casos, chegaram mesmo a pedir-lhe autógrafos. Tivesse alguém olhado com mais atenção e ter-se-ia de imediato apercebido do erro cometido, pois a reação a que se assistia era de mal-estar: o mal-estar de quem está à margem.

O porquê de Joan se apaixonar por Danny não carecia de quaisquer explicações, mas também ninguém se perguntava qual a razão para Danny se ter apaixonado por Joan. Disseram-me que ela era arrogante, presunçosa e convencida, mas em relação a quê? Não era, de forma alguma, bonita ou engraçada, nem sequer atraente; vestia-se bem, isso sim, e era alta, mas com os seus aborrecidos cabelos castanhos, a sua testa com uma franja hirta, o seu rosto estreito, que parecia ainda mais estreito em resultado do cabelo liso; certo é que quem se cruzasse com ela mais depressa não repararia em nada do que ficaria a olhá-la. Só a cor dos seus olhos era referida como um aspeto positivo. Se dantes os seus olhos emitiam um brilho azul, mais turquesa até do que azul, cintilante como o do oceano Atlântico, atualmente eram cinzentos como uma laje de betão envelhecida. Só uma pessoa a defendeu: Otis, que aparecia no Al's todas as sextas-feiras para comer as *chocolate chip cookies* que Val não conseguira vender ao longo da semana. Segundo declarações do próprio Otis, este não era amigo dos Truttman, mas sim um dos membros fundadores da Green Bay Historical Society, além de presidente do clube de xadrez e, acima de tudo, um contemporâneo do casal e observador atento. Foi ele que, com toda a sua subjetiva objetividade, como se espera de alguém que se intitula cronista, me contou a respeito da *monstruosa* mãe de Joan...

quando Joan tinha apenas nove meses, Caitlin fez a mala e declarou que iria abandonar o marido e a filha bebé, de modo a conseguir encontrar-se. A

Polícia foi chamada nessa mesma noite, pois o choro ininterrupto de Joan alarmara a vizinhança. Não tardou que se espalhasse o rumor de que James batera na mulher, razão pela qual esta saía de casa. Este defendeu-se dando a saber, através de amigos e conhecidos, que Caitlin era viciada no jogo e que dissipara já uma parte considerável do pecúlio dele; passado pouco tempo, ela requereu o divórcio. Aquando das audiências, compareceram perante o juiz testemunhas que afirmaram, sob juramento, que a mulher de James era uma alcoólica e uma histérica, não estando por isso em condições de assumir responsabilidade por si mesma, muito menos por uma criança. James requereu não só que a guarda de Joan fosse retirada a Caitlin, mas também que esta fosse interditada. Embora o Juiz Connolly estivesse do lado dele – uma mulher que abandonasse o seu bebé para ir «encontrar-se» era, a seu ver, uma doente mental –, este objetou que era do interesse da criança e do próprio pai fazê-la assumir a responsabilidade pelo seu ato, além de que uma interdição seria, até mesmo para ele, ir longe demais. O requerimento de divórcio foi deferido e a guarda de Joan entregue ao pai, facto que foi comentado exaustivamente em todos os jornais de Milwaukee e que levou à atribuição da alcunha «Cathy» a Caitlin, em alusão à maldade da protagonista feminina de *A Leste do Paraíso*, o romance de John Steinbeck que naquele momento encabeçava a lista dos livros mais vendidos. Havia quem achasse que, desse por onde desse, Cathy deveria ser chamada à razão, nem que para tal tivesse de ser submetida a uma terapia de eletrochoques; outros achavam tratar-se de um caso óbvio de perversão da natureza – afinal estava-se perante uma mulher a quem faltava o mais valioso dos dotes femininos, o instinto maternal –, pelo que só mediante uma lobotomia se poderia resolver o assunto. No entanto, toda a gente era da opinião de que o marido era digno de pena e fora sem dúvida enganado e levado a casar-se com ela.

De acordo com Otis, Caitlin não se deixou abalar por tais diagnósticos feitos à distância e prosseguiu a sua busca. E foi em Green Bay, 117 milhas a norte de Milwaukee, que por fim descobriu o que procurava. Conseguiu-o mediante um homem chamado George Coleman, que originalmente se chamava Kolehmainen e era vendedor de seguros, jogador de xadrez e caçador nos tempos livres, além de viúvo sem filhos. Foi graças a ele que Caitlin se reencontrou, ele é que a reconduziu de volta à sociedade, ele é que a fez vencer a sua dependência do álcool. O casamento perdurou, declarou Otis em jeito de conclusão da história, mesmo depois de a filha indesejada lhe ter aparecido à frente como vinda do nada.

No dia seguinte, deparei-me com Joan na cozinha, à minha espera. Em cima da mesa vi uma cafeteira fumegante e duas chávenas, ao lado destas um *coffee cake* ainda quente. Estava novamente a nevar, os montes de neve acumulada que tinham começado a encolher iriam agora poder crescer de novo, e toda aquela massa de neve iria iluminar o jardim, conseguindo suplantar até o brilho do céu, e eu iria uma vez mais acreditar que céu e terra haviam trocado de lugar.

Joan ouvira dizer que eu andava a escrever uma biografia de Danny. Cautelosamente, perguntou-me se eu não teria algumas perguntas que também quisesse fazer-lhe.

Naquele momento achei que ela não merecia que lhe dissesse a verdade, por isso acenei afirmativamente com a cabeça.

Perguntei-lhe se o homem da sala de estar, na fotografia, era o pai dela. O homem com um ar feliz.

Joan riu-se: O homem com um ar feliz! *How cute.*

Não era o pai dela. Abanou a cabeça com veemência e afirmou que o seu pai fora muita coisa, mas feliz decerto que não.

James O'Donoghue era um homem receoso e desconfiado, um especulador da bolsa que mais parecia talhado para uma vida como funcionário público. O'Donoghue Senior, esse, sim, fora o jogador cuja sede de aventura o levava a viajar para a América e a quem a perspectiva de uma vida de riquezas empurrara para os braços de uma mulher jovem e nervosa, que logo nos primeiros anos de casada cultivara uma desconfiança em relação ao marido que haveria de culminar em numerosos dramas conjugais. Mais tarde, mesmo só os olhares trocados pelo casal bastariam para ensinar a James o sentido da palavra «receio». Após a morte do pai, ele entendeu que era a mãe o rochedo que fazia frente à rebentação, a pedra que tanto era capaz de se deixar arrastar e acompanhar a ondulação como de esmagar tudo o que se lhe atravessasse no caminho. Foi a cabeça desta que engendrou o plano de difamar e interditar Caitlin. O facto de a interdição ter sido recusada foi um revés para a *Grandma* O'Donoghue, no entanto foi-o de pequena monta, já que de resto alcançara tudo aquilo que se propusera.

Joan dizia que fora educada pela avó, não pelo pai. Esse só se atrevia a aproximar-se dela quando a mãe não estava por perto. James era incapaz de ser rígido, sendo a rigidez precisamente a única coisa que ajudaria a contrariar o que em Joan havia da sua mãe – pelo menos era essa a convicção da avó. Quando pai e filha estavam sozinhos em casa, este permitia-lhe tudo, pois sentia-se responsável por ela ter de crescer sem mãe: não tivesse ele por todos os meios tentado segurar a sua mulher, talvez esta tivesse ficado. Foi com este género de autocensura por parte do pai que Joan se viu confrontada desde tenra idade, pelo que, com o passar do tempo, perdeu qualquer respeito que pudesse ter por ele, tendo por fim exigido ser levada à mãe. Tinha então doze anos, a avó acabara de morrer, o enterro acontecera havia apenas alguns dias. Quando o pai não atendeu a este seu pedido, Joan fugiu de casa, no entanto também não chegou longe: foi apanhada junto à paragem de autocarro e trazida de volta para a sua gaiola dourada.

Enquanto nas ruas de Milwaukee havia gente a tentar impor o fim da segregação racial, James tentava impor a vontade de Joan junto da sua ex-

mulher. Durante bastante tempo, Caitlin hesitou. Por fim, lá se deixou convencer a encontrar-se com a filha, encontro esse que foi vigiado à distância por James. Caitlin e Joan conversaram sobre os doze anos que entretanto haviam passado enquanto bebiam um batido. O copo de Joan estava ainda meio cheio quando o assunto se lhes esgotou, mas a rapariga insistiu em que apreciara a companhia da mãe e, a partir de então, quis visitá-la todos os verões, indo ter com ela à casa onde vivia, em Green Bay.

Os verões em Green Bay eram compridos, bem mais do que em Milwaukee, o tempo parecia não passar, abrandava, ficava preso no calor e na humidade – que em conjunto privavam as pessoas da capacidade de respirar. Não fosse Joan tão obstinada, cedo teria desistido da ideia de tornar a sua mãe uma mulher exemplar (entenda-se «uma boa mãe»). O quarto que Caitlin e George puseram à sua disposição era mais um espaço de arrumos do que propriamente um quarto de dormir. Havia aí um sofá-cama estreito e a máquina de costura de Caitlin, que esta utilizava uma vez por ano, quando achava que tinha de corresponder às expetativas da associação feminina; além disso, ali ficavam também guardados sapatos velhos e patins de gelo, um carrinho de mão para os trabalhos de jardinagem, bem como as bonecas e os animais de peluche de Caitlin, de que esta não conseguira separar-se. Joan espremeu-se, a si e à sua mala, para ali caberem, não sobrava sequer espaço para uma cómoda. Aquela estreiteza resultou num azedume, sentido por todos os envolvidos: Joan queixava-se da falta de espaço, Caitlin do facto de ter agora de renunciar à utilização de coisas de que nunca sentira sequer falta, e George passou a achar uma maçada ter de escutar aquelas lamúrias. Resolveu o problema mudando-se para a cabana de fim de semana que tinha em Door County, onde se mantinha recolhido, só regressando a casa depois de Joan ter subido os degraus do autocarro da Greyhound que a levaria de volta a Milwaukee. Durante uma dessas estadas na cabana, que fora construída em conjunto pelo seu pai e avô finlandeses, veio a encontrar um exemplar da tradução inglesa do *Mein Kampf*, de Hitler. Passou esse e os cinco verões que se seguiram a tecer conjeturas sobre o que teria levado o seu avô e o seu pai a guardarem um livro que não conseguiriam ler, quanto mais entender. Tal como a maioria dos finlandeses emigrados para a América, tinham vindo para trabalhar como lenhadores e, a dada altura, conseguiram ser donos do seu próprio negócio. Contudo, para aprender a ler nunca lhes sobrou tempo, tendo permanecido analfabetos.

Não obstante as diferenças de opiniões e brigas entre ambas, Joan e Caitlin voltavam sempre a estar juntas. Embora o drama entre mãe e filha acabasse invariavelmente por fazer verter lágrimas e suscitasse a acusação de que a mãe nunca quisera a filha, curiosamente a declaração pouco empenhada por parte de Caitlin de que a coisa não tinha sido bem assim chegava sempre para impedir um corte definitivo. Os laços que as uniam eram frágeis e quebradiços – na verdade existiam apenas na cabeça de Joan, mera noção por ela formada a partir da leitura de livros sobre mães abnegadas e dedicadas. Só

no último ano do liceu é que Joan se apercebeu de que Caitlin entendia o significado de *mother* de um modo diferente do seu. A partir de então, George viu-se forçado a levar a sua mulher consigo para a cabana, onde deixou de ter o tempo que antes tinha para matutar acerca do estado de espírito dos seus antepassados, já que Joan escrevera a Caitlin a seguinte mensagem:

Dear Mother,
FUCK YOU.

J.

Joan esboçou um sorriso. Infelizmente escrevera outra coisa diferente, qualquer coisa inofensiva, mais evasiva. A seguir passou vários anos sem dar notícias, o que terá decerto sido um favor que fez a Caitlin. Ela e Danny tinham isso em comum, disse, mães que teriam preferido não o ser. Suspirou. Perguntou-me se eu tinha uma que merecesse esse título.

Não tinha a certeza de como haveria de responder, pelo que me limitei a ser sucinta. Disse apenas que tinha crescido com o meu pai.

Right.

Joan acenou com a cabeça, disse que se lembrava de termos falado do assunto, só não sabia se eu era órfã de mãe ou se fora abandonada. Fui abandonada, respondi, consciente da avalanche de perguntas que isso desencadearia. A primeira foi logo se a minha mãe me abandonara concretamente a mim. Disse-lhe que não fora bem assim. Curiosamente, senti-me na obrigação de defendê-la. Que queria eu dizer com isso, que não fora bem assim?, insistiu Joan. Os meus pais tinham-se separado vários anos depois de eu ter nascido, expliquei, realçando o facto de o terem feito de comum acordo.

Joan olhou para mim com um ar pensativo. Perguntou-me se visitara a minha mãe regularmente. Abanei a cabeça. Não sei porque escondi o facto de ter visitado a minha mãe todos os verões. Fi-lo a partir do momento em que o meu pai me julgou capaz de viajar sozinha – e a confiança dele na minha autonomia era grande, sobretudo quando o que pretendia era assegurar a sua própria independência. Não sei também por que razão omiti o facto de passar julgos inteiros no seu apartamento **TO** em Seul, num nono andar. Nem porque voava para a Coreia precisamente em julho, na época da monção. Antes disso nunca assistira a uma queda de chuva tão impiedosa. O céu parecia dissolver-se, como se escorresse, enquanto eu ficava sentada diante da ventoinha, a ouvir a minha mãe a ensaiar. Nunca lhe chamei Mãe, mas antes Ha, como o meu pai lhe chamava. Lembro-me de ouvi-la a tocar violoncelo, de notas soltas que ficavam penduradas no ar, muito depois de já terem deixado de ressoar. Passava as tardes sozinha, pois Ha estava a dar aulas; era compositora, mas naquele momento não tinha qualquer encomenda. Mais do

que uma vez cheguei a meter-me no elevador até ao piso térreo, apesar de ela me ter dito expressamente que não deveria sair do apartamento. Emergia da cabina do elevador, avançava os poucos metros até à porta do prédio e abria-a; punha a cabeça do lado de fora, achava-me em liberdade, envolta pelo ruído, fedor, calor e humidade. Corria de volta para o elevador e subia novamente para a sua *garçonnière*, a palavra que insistia em usar para me referir ao seu apartamento^[3], sobretudo por ela ser incapaz de pronunciar-lá. No ano em que concluí o liceu, ela voltou a casar-se e prometeu visitar-me em Viena. Mas quebrou a promessa. Nunca mais voltei a vê-la.

Respondi a Joan que a minha mãe regressara a Seul no final dos anos oitenta e nessa altura não era propriamente fácil voar com frequência entre a Coreia do Sul e a Áustria. Joan lançou-me um olhar interrogativo. Falei-lhe do preço dos bilhetes, da Guerra Fria, da viagem demorada. Guerra Fria?, perguntou. Medo de ataques terroristas norte-coreanos, respondi. Viagem demorada?, perguntou. Vinte e duas horas, mais a escala no Alasca, respondi. No Alasca?, perguntou. Em Anchorage, respondi. Perguntou-me depois quando fora a última vez que vira a minha mãe. Em 1996. Joan quis saber se nunca mais desde então. Abanei a cabeça. Ela acenou lentamente com a dela. *Welcome to the club*.

Perguntou-me se ela me reconheceria de imediato. Claro que sim, respondi. Então a coisa correu melhor comigo do que com o Danny...

a única atividade que despertava algum interesse em Carol era o golfe. Ainda que sem qualquer sucesso, participava em todos os torneios amadores. E treinava fizesse chuva ou sol; só mesmo quando nevava é que ela ficava em casa, pois detestava neve. O próprio Danny não jogava golfe, mas tornou-se membro do clube por causa dela. Tinha esperança de que surgisse um momento oportuno para chegar à fala com a mãe. Joan disse-lhe que momento oportuno era coisa que não havia, recomendou-lhe que simplesmente a abordasse quando a visse. Estiveste toda a tua infância à espera disso, toda a tua juventude, agora sabes o nome dela, sabes o que faz todas as manhãs, de que estás à espera?, perguntou-lhe. Do momento oportuno, respondeu Danny, não dando quaisquer sinais de querer pôr fim àquela espera. Finalmente, ele lá se decidiu a levar a coisa adiante no clube de golfe, equipando-se com uma camisa e umas calças novas, além de um boné de beisebol que só por si seria uma homenagem a Tiger Woods. Ao regressar, contou a Joan que fora estabelecido um contacto. Um contacto?, perguntou ela. Ele acenou com a cabeça de modo enigmático. Relatou então que se acercara de Carol e que de repente esta o chamara e lhe fizera sinal para se aproximar. Danny pensara que ela o teria reconhecido. Afinal Carol nunca deixara Green Bay, porque não haveria de contar com a possibilidade de vir um dia a cruzar-se com o filho? Talvez até tivesse secretamente ansiado por isso. Ele avançara na direção dela, de modo hesitante. Levantara uma mão e acenara. Para sua grande surpresa, ela acenara de volta. Danny interpretara-o como um convite para se aproximar. Apressara-se, a ponto de, com o nervosismo, ter tropeçado.

Já diante dela, o sol encandeara-o, tendo ele tido de fechar os olhos. O coração palpitava, chegara mesmo a contar as batidas. Ela nem o cumprimentara, tratara logo de perguntar se era ele o responsável pela relva. No décimo primeiro buraco precisava de ser reparada...

depois disso, ele desistira de ser membro do clube. Joan ainda lhe dissera que ele não precisava de reagir assim, de ficar com aquele ar lamentoso; Carol não fora decerto a primeira que o teria tomado pelo encarregado da manutenção, e também não seria a última. Atualmente arrependia-se de lhe ter dito aquilo, confessou Joan. A frase aninhara-se na sua memória, à noite surgia-lhe na consciência sob a forma de um eco que teimava em não se calar; ia, com efeito, soando cada vez mais alto. Há muito que enfrentava esse problema, que era assolada por imagens do passado, *scenes from the past*, por vezes insignificantes, por vezes importantes, mas nas quais nunca mais pensara desde que tinham acontecido. Já ponderara a possibilidade de eliminar todas as recordações, de as pôr a arder no jardim, queimar todas as cartas, todos os diários, todos os postais, assim como assim não fazia planos de alguma vez voltar a lê-los. Talvez desse modo conseguisse ver-se livre dessa maldição. O que a atormentava não era só o facto de as recordações serem recorrentes, eram sobretudo os sentimentos que tais lembranças nela desencadeavam: de cada vez que as recordava, estas fortaleciam-se, pareciam-lhe mais vivas. E de cada vez, após acordar, incapaz de desligar essa cisma, perguntava-se como teria decorrido a sua vida se tivesse reagido de outra maneira, se tivesse tomado outra decisão. Se, por exemplo, não tivesse dito a Danny que Irene fora levada para o hospital...

o seu pai adotivo, Frank, emprestou-lhe o automóvel, Josh uma camisa branca e Peter um par de calças todo elegante. Está nervoso, não apenas por causa do exame de admissão, mas também por esta ser a sua primeira viagem de carro longa. Uma *road trip*. Está planeada uma paragem em Chicago, outra em Cleveland e ainda mais uma em White Haven. Joan não pode acompanhá-lo, tem de dar aulas no dia seguinte, acabou de iniciar a sua atividade como professora de alemão no St. Mary Highschool. Danny esboça um sorriso e diz que, de qualquer modo, é melhor assim, pois nesse caso poderá passar as noites no carro. Preocupada, ela pergunta-lhe se na última noite, na véspera de prestar provas, não vai dormir num motel. O sorriso dele torna-se mais largo. Encolhe os ombros. Os irmãos berram e incitam-no. Danny entra para o carro, dá três apitadelas e arranca dali. Frank ergue a mão para se despedir, Irene tem os olhos húmidos, diz-lhe, a gritar, que ele irá tomar Nova Iorque de assalto, que na Juilliard School todos o irão disputar. Uma hora mais tarde, ela tem um ataque cardíaco. Uma vez que Danny prometeu parar em todas as estações de serviço para lhe ligar, Joan fica em casa, junto ao telefone, enquanto os outros estão à espera no hospital. Sente-se nervosa. Não sabe o que há de fazer. Deverá contar-lhe sobre o estado de saúde de Irene? Suspeita que, sabendo disso, ele dará de imediato meia-volta. Danny sente verdadeiro amor pela sua Irene, é por ela que quer vir a ser ator. Em relação ao resto da

família diz que, para eles, é como se ele fosse um animal doméstico. De início ainda fora um cãozinho de colo, mas atualmente é o rafeiro que se põe a viver no jardim só para não o deixar entregue às ruas. Irene, pelo contrário, é a sua *Mom*...

então Joan abanou a cabeça. Irene não teria querido que ele interrompesse a viagem, teria preferido que continuasse, que fizesse o exame e fosse aprovado, mas Danny regressara de imediato, nem sequer dera a Joan oportunidade de convencê-lo do contrário. Só depois de ter ouvido os passos dele à entrada de casa é que esta entendera quanta esperança aquele exame lhe transmitira, quanta força lhe dera. A oportunidade de frequentar a Juilliard teria sido o bilhete para fora dali. Após o funeral de Irene, Joan dissera a Danny que em Green Bay não havia futuro, nem para ele nem para ela, ali ele passaria a vida a grelhar hambúrgueres e ela a ensinar alemão, até estarem os dois com os pés para a cova. Danny não quisera dar-lhe ouvidos, afirmara que prestaria provas no ano seguinte, o que até seria melhor: teria mais um ano para aprender, mais um ano para treinar. Ela encarara aquilo com ceticismo, receava que também no ano seguinte ele se esquivasse a fazer o exame. E viria a ter razão. Uma e outra vez ele adiara a prestação de provas, até ser já demasiado velho. Declarara, por fim, que já ninguém iria querer ensinar um aspirante a ator com trinta anos. Joan permanecera em silêncio. Pressionara os lábios um contra o outro e ficara calada...

que haveria eu de dizer? Que teria preferido não lhe ter dito que Irene estava no hospital? E teria isso realmente alterado alguma coisa? Um lugar deixa a sua marca numa pessoa, grava-lhe o seu cunho, dá-lhe forma. Danny não era exceção, manteve-se agarrado a esta cidade, firmemente agarrado. Era bastante dotado, mas estava convencido de que isso só era verdade aqui, em Green Bay, tudo o que fosse realmente extraordinário, tudo o que fosse acima da média, vinha de fora e não de cá. Via-se refém de um dilema: não era como todos os demais, a igualdade era algo que lhe estava vedado, mas a condição de ser acima da média, de ter estofos para ser uma estrela, também não estava ao seu alcance, pois, apesar de tudo, era demasiado parecido com todos os outros em redor. A convicção de se ser mediano, *irremediavelmente* discreto, encontra-se firmemente ancorada nas cabeças dos habitantes locais. Reflete-se também no aspeto da cidade, nos edifícios, nas ruas, nos acessos às autoestradas, nos viadutos e pontes, que nada mais conseguem ser além de imitações, de reproduções de um molde. Green Bay é uma cidade sem qualidades, um amontoado de estruturas pardacentas assentes sobre uma paisagem em tempos pantanosa. No verão deixa de conseguir negar a sua origem e evoca um insuportável ambiente de calor e humidade, os enxames de mosquitos conferem então algum grau de risco à região, concedem-lhe originalidade, nem que seja por apenas algum tempo... Mas que acontece quando se acalenta o desejo de se ser discreto? Que acontece quando se atenua as próprias expectativas a ponto de já quase se deixar de tê-las?...

então Joan segurou-me na mão, conduziu-me até à sala de estar e

apontou para a fotografia...

o que acontece então é que se pendura a fotografia de um estranho na parede e se lhe chama *Father*.

A foto estivera exposta no Neville Public Museum. Danny encontrara-a numa caixa em que andara a remexer, na loja do museu. Disse que era assim que imaginava o seu pai, a sua vida com ele. Pegara nela e dirigira-se à caixa. Iria então comprar a experiência, a sensação de que Carol o privara.

Antes de eu ter oportunidade de lhe fazer essa pergunta, Joan disse que não, o tom claro da pele do homem não o incomodara, Danny já estava habituado a isso.

Tínhamos a maior parte das nossas conversas no carro de Joan, entre bilhetes de estacionamento, garrafas de plástico vazias e as mais variadas peças de roupa, fossem elas luvas, gorros ou casacos. Joan considerava-se uma pessoa pouco sentimental, mas na verdade era incapaz de se separar de certos objetos e lembranças, cada bilhete de cinema, cada pedra alguma vez apanhada encontrava um lugar naquele seu espaço também doméstico, que de certo modo funcionava como um álbum de recordações. Nesse sentido, a sua casa imóvel assemelhava-se àquele seu lar móvel, ainda que a primeira estivesse mais organizada do que o seu *Chevy*. Como as massas de neve teimavam em continuar a acumular-se, ela conduzia-me aonde quer que eu precisasse de ir; na sua opinião, andar pela cidade às sacudidelas no autocarro ou a patinhar no meio da neve era qualquer coisa de intolerável. Apesar de, por fim, eu lhe ter confessado que não andava a escrever qualquer romance ou biografia de Danny, ela insistiu em aproveitar aquelas deslocções para me dar a conhecer Daniel Truttman como pessoa, tanto assim que não pude deixar de ficar com a impressão de que não era para mim que ela estava a falar, mas antes para ele: daria desse modo seguimento a conversas que tinham ficado interrompidas. Ela própria desaparecia no interior do seu discurso, até mesmo a voz baixava de tom, a ponto de já só algumas palavras isoladas serem audíveis, mas eu nem sequer perguntava nada, pois não queria interromper o fluxo das frases.

Seguíamos em direção a Door County. Joan prometera mostrar-me a cabana de George que, para grande espanto seu, ela havia herdado após a morte de Caitlin. Estava enevoado, mas isso em março era normal e habitualmente o tempo clareava durante a tarde. Entretanto o frio abrandara um pouco, julguei até conseguir reconhecer, naquele manto de nuvens, abertas por onde o sol pudesse espreitar.

Joan estava inteiramente concentrada na condução, e eu já quase a cabecear. De repente, ela começou a falar. Disse que, no fundo, Danny nunca se interessara por Carol, nunca tentara imaginar como seria ter sido filho dela. A rejeição que ele experimentara enquanto bebé acompanhara-o a vida toda,

sob a forma de histórias e rumores; os pormenores variavam consoante o narrador, mas não o facto de ter sido rejeitado. No fundo não sentir a falta de Carol tornara-se uma estratégia, uma estratégia de sobrevivência; e não apenas não sentir a falta dela, como também desprezar o desprezo a que ela o votara. Joan reduziu a velocidade. Ninguém permitira a Danny esquecer essa parte da sua biografia, ninguém se apiedara dele.

Ainda eu estava a remoer aquela palavra, aquela ave rara e exótica, a piedade, já ela prosseguira no seu discurso, dizendo que cultivar a nostalgia era um ato hostil. Como se poderia afirmar que se amava alguém quando, ao mesmo tempo, se ansiava por uma outra vida? Ela própria nunca tivera qualquer hipótese, disse Joan, como de resto também Frank, o pai que não era o verdadeiro, também não tivera...

afinal Danny acreditava que, conseguindo encontrar o verdadeiro pai, todo o passado se relativizaria, e mediante tal relativização poder-se-ia encerrar um capítulo da sua vida, qualquer coisa que lhe fora imposta. Além disso, estava convencido de que, conseguindo encontrar o pai por sua própria iniciativa, se libertaria do estigma de ser vítima e se restabeleceria enquanto pessoa. Este objetivo passou a ser a nova Nova Iorque, a partir de então todos os esforços convergiram e se orientaram nesse sentido: *encontrar o pai seria encontrar a felicidade*. Após o malogrado primeiro encontro no clube de golfe, Joan escreveu uma carta a Carol e propôs-lhe um encontro a três. A resposta de Carol fez-se esperar, tiveram de passar dois meses até esta telefonar a Joan. Não tinha a certeza de que o encontro fosse uma boa ideia, começou ela por dizer, de modo hesitante, *mas talvez devêssemos tentá-lo*. Forneceu a sua morada e convidou-os, a Joan e a Danny, para jantar. No fundo, a ideia não agradava verdadeiramente a Danny, pois naquele breve encontro no clube de golfe vira confirmado tudo o que Irene e Frank lhe haviam contado acerca de Carol. No entanto, para conseguir encontrar o pai – que no seu entender era, tal como ele próprio, também uma vítima de Carol –, Danny aceitou sujeitar-se a conhecê-la...

alcançámos a estrada nacional que conduzia a Sturgeon Bay. O nevoeiro não se dissipara, pelo contrário, parecia mesmo ter-se tornado mais impenetrável: uma hora antes ainda se conseguia ver melhor e mais longe do que agora, e eu reconhecia a presença de árvores à distância, de postes de eletricidade. Uma ilusão..., comentou Joan, insegura do que via. Entretanto seguíamos tão devagar que fiquei com a impressão de que estaríamos paradas. Ainda assim não conseguia fazer outra coisa que não fosse olhar fixamente para o nevoeiro; qualquer tentativa de apenas olhar se transformava num fitar atento e, quanto mais tempo fixava a vista na densa névoa, mais apática me sentia, como se estivesse a dormir de olhos abertos. Aquele nevoeiro era uma espécie de mutação da neve, também ele tapava, escondia o mundo, era essa a sua natureza, a sua razão de ser. Assim sendo, que poderia ser mais coerente do que sabotar o próprio ato de ver? Extinguir o mundo que se apresenta aos olhos de quem observa, provocar uma cegueira ao obrigar a ver uma miríade

de gotículas de água.

Declarei que a visibilidade era um fardo. A frase saiu-me pela boca, não pensara nela em relação a Joan. Esta murmurou, sem sequer olhar para mim, que deveria explicitar o que queria dizer com isso: naquele momento ela bem que desejaria conseguir ver sem margem para dúvidas, pois àquele ritmo só iríamos alcançar o nosso objetivo dali a um par de dias. Propus fazermos uma paragem na área de serviço mais próxima, beber um café iria ser benéfico. Ela concordou e, para ajudar a passar o tempo, durante os minutos que se seguiram cada uma foi, à vez, tentando adivinhar o que a outra estava a ver.

Por fim, Joan conseguiu detetar uma mancha de cor à distância, a empena vermelha de um telhado que se destacava do denso cinzento em redor. O nome do restaurante era Belgian Delight e estava completamente deserto quando lá entrámos. Fomos sentar-nos à janela, embora nada ali houvesse para ver. A empregada de mesa, uma mulher loura e roliça, que parecia gémea de Val e se apresentou como Claire, trouxe-nos duas canecas de café. Pedi um *petit gâteau*, por me parecer inadequado estar num restaurante que se anunciava belga e não provar nada com chocolate. Bem poderia ter-me abtido, pois obviamente o chocolate era americano, e não belga, como de resto se indicava na ementa. Pousei o meu garfo na beira do prato. Joan começou a retirar pedaços do meu bolo com a sua colher.

Não teria lá chegado sozinha, afirmou ela, com a boca cheia. Aonde?, perguntei. Ao facto de eu ser miscigenada, respondeu, acrescentando que o meu aspeto era completamente asiático. Uma vez mais, pôs-se a observar-me detalhadamente. Quis saber se eu era parecida com a minha mãe. Sobretudo com ela, respondi eu. Acenou com a cabeça e continuou a mastigar. A qual das culturas me sentia mais ligada, perguntou, à europeia ou à asiática? Ou seria eu uma dessas criaturas alheadas e desenraizadas, que não se sentia em casa nem num sítio nem noutro? Ela mantinha o olhar fixo no exterior. Murmurou que era impossível que o aspeto não tivesse qualquer influência sobre o modo como alguém se sente.

Reagi de modo irritado. Havia semanas que estava à espera de que a invernia acabasse. O frio e a neve deixavam-me deprimida, mantinham o mundo como que embrulhado, não permitiam sequer um breve vislumbre das coisas, de como elas eram quando desembrulhadas, quando postas a descoberto.

Espicaçada, respondi que tinha raízes, que estavam obviamente presentes e tinham origens óbvias. Acrescentei que, desde que me lembrava, havia quem tentasse atribuir-me um estado de desenraizamento ou, por outro lado, impingir-me raízes que nada me diziam. Esse pretendo desenraizamento resultava do mesmo tipo de *racial profiling* que o *konnichi wa* dos vendedores de hortaliças no Naschmarkt, em Viena. Impassível, Joan interrompeu-me

para me perguntar se ao falar de origens óbvias me referia às paternas. Respondi que sim. Ela quis saber como era em relação às maternas. Essas eram negligenciáveis, retorqui, fora muito pouco o tempo que passara com a minha mãe. Não consigo lembrar-me dos primeiros três anos da minha vida e os farrapos de memórias que se seguem a esses anos não têm qualquer valor, são meros encontros esporádicos com uma conhecida. E, no entanto, ela sempre estivera comigo, insistiu Joan. Como assim?, perguntei, já irritada. Ela fazia parte de mim, mesmo que eu não quisesse admiti-lo estava presente em mim, declarou Joan. De cada vez que me olhava ao espelho, de cada vez que via a minha imagem refletida, insistiu ela, a minha mãe estava presente. Isso tinha de ter algum efeito em mim. Respondi que, ao contrário dela, me vejo apenas a mim mesma, vejo a cicatriz na testa, dos meus tempos de infância, quando caí do sofá, vejo pestanas que gostava que fossem mais compridas, e vejo os cabelos grisalhos que encontro no meio dos castanhos.

Joan olhou-me com ceticismo. Voltando à carga, interrogou-se se seria possível que eu não me apercebesse da asiática que havia em mim. O aspeto asiático era até muito mais visível do que o europeu, quase como se exigisse ser visto e reconhecido. Declarou que ou estava a enganar-me a mim mesma e a negar a minha origem ou então...

ela não queria deixar-se convencer de que, ao olhar para mim mesma, era sobretudo eu própria que eu via, ao invés de uma asiática ou de uma austríaca de origem asiática: via apenas a Fran, *simply Fran*. Já eu não queria admitir que a sua desconfiança tinha alguma (pouca) razão de ser... Nunca percebi por que razão a origem da minha mãe haveria de pesar mais do que a do meu pai. Primeiro comecei por achar que as pessoas em meu redor eram incapazes de ver em mim os aspetos paternos, como se fossem imunes a isso; mais tarde, comecei a interrogar-me se tal *cegueira* seria uma decisão: se a maioria decidira ver em mim, enquanto ser humano, apenas essa categoria. Por outro lado, era capaz de entender completamente a incompreensão de Joan: ainda criança, sentia-me ofendida pelo facto de o meu pai ter um aspeto diferente do meu, e recordo-me de lhe ter perguntado, mais de uma vez, se isso não o incomodava como me incomodava a mim. Contudo, antes mesmo de ele conseguir responder, a minha avó – a quem eu chamava Barbara apesar de ela se chamar Hilde – intrometia-se na conversa, abafava-a com as suas exclamações, perguntava que disparates andava eu outra vez para ali a dizer, já que era claro que ele e eu tínhamos exatamente o mesmo aspeto. E acrescentava que tinha provas disso, que estavam espalhadas por toda a casa, entre os livros e dentro de molduras. Nessas fotos podia efetivamente constatar-se uma semelhança, no entanto todas elas, sem exceção, eram imagens a preto e branco, a maioria das quais estavam tremidas e mostravam o rosto dele do tamanho de uma ervilha. Lá deixei de abordar o assunto, mas continuei a interrogar-me se também ele se sentiria atingido quando as pessoas perguntavam em que altura ele me adotara – se fora em bebé ou mais tarde, já criança, sobretudo quando se falava de mim como *a pequena*

asiática, por oposição a ele, *o grande europeu*. Isso metia-se de permeio, fosse lá *isso* o que fosse. E quanto maior a insistência de Joan, quanto mais veemente a sua obstinação, a sua certeza de ter razão, tanto mais voltava eu a senti-lo com intensidade, tanto mais os meus cabelos perdiam o seu tom ligeiramente arruivado, as pregas das minhas pálpebras se tornavam mais marcadas, os cantos dos meus olhos mais bicudos...

por vezes sinto-me como uma ilusão de ótica, como se não fosse aquela que alego ser, um cordeiro em pele de lobo, sendo que nasci já a usar esse disfarce, ou seja, como cordeiro-lobo. Talvez fosse mais exato falar de mim como uma pintura que cria uma ilusão, não me chamaria falsificação, já que, como é óbvio, não sou responsável pelas circunstâncias do meu nascimento. Assim, se sou uma ilusão engendrada, poder-se-á levantar a seguinte questão: será o meu aspeto a ilusão e o meu interior a verdade ou, pelo contrário, será o aspeto aquilo que é verdadeiro e a minha alma uma ficção? A julgar pelas reações das pessoas em meu redor, presumo que elas estarão a reagir com incompreensão à ilusão (errada), àquilo *que não é verdadeiro*. Será que é o meu aspeto que está certo e eu errada? Como poderá a biologia nunca estar enganada?

Ouviu-se uma tossidela vinda do balcão. De seguida, num tom de voz despropositadamente alto para o tamanho daquele espaço, Claire perguntou se iríamos querer mais alguma coisa. Virámo-nos bruscamente na direção dela. Uma sopa, por favor, pediu Joan em voz alta. A sopa do dia?, perguntou Claire. É de legumes?, perguntou Joan. *Yep*, respondeu Claire. *Yup*, respondeu Joan. E a senhora?, perguntou então Claire. Eu não quero nada, respondi, também num tom de voz mais estridente do que o costume. Afinal sempre quero, emendei eu, com o tom da voz já mais atenuado: Uma sanduíche. Com ovo?, perguntou Claire. Sim, respondi. Um ovo ou dois?, perguntou Claire. Um, por favor, respondi. Estrelado?, perguntou Claire. *Yep*, respondi. *Bacon?*, perguntou Claire. Não, respondi. Queijo?, perguntou Claire. *Yup*, respondi. Café?, perguntou Claire. *Yup*, respondeu Joan. *Okay*, rematou Claire e desapareceu em direção à cozinha. Regressou com uma garrafa térmica. O café estava tépido e era amargo.

A luz no interior daquele espaço alterara-se, ficara mais clara, embora no exterior se mantivesse o mesmo tom pardacento. Joan virou-se para a janela, por isso avancei até junto do balcão, que constatei ser efetivamente pequeno, teria quando muito um metro de comprimento. Havia ainda uma vitrina, onde se viam pequenas figuras de gatos, gatinhos de porcelana, de barro, de madeira e de plástico, bem como objetos em redor do tema dos gatos, incluindo novelos de lã, botas e ratos. Claire fez sinal com a cabeça na direção de uma dessas figuras e disse que o gato a fazer ioga era o seu preferido; a seguir chamou-me a atenção para a sua mão, deu a entender que a sanduíche estava pronta, e caminhei lentamente de volta para a nossa mesa.

Começara com um gosto estranho na boca: de cada vez que Danny comia qualquer coisa mais pesada, queixava-se de um singular gosto amargo e picante. Culpou a culinária de Joan. Tendo noção de que era terrível como cozinheira, ela considerou a explicação plausível. Prometeu melhorar e inscreveu-se num curso de cozinha. Era de comida mexicana que Danny mais gostava, por isso Joan aprendeu com a Señora Camila a preparar um *mole poblano*. O entusiasmo de Danny não foi desmedido, tivera esperança de vir a comer *burritos* e *tacos* recheados, mas as malaguetas não só lhe ardiam no estômago como na língua, e acabavam por resultar novamente naquele gosto amargo e picante que cada vez mais o afetava. Joan insistiu com ele em que consultasse um especialista em medicinas alternativas que declarou que, dali para a frente, Danny iria ter de passar sem as suas especiarias; além disso, deveria evitar todos os legumes vermelhos – tomates, pimentos e malaguetas –, bem como cebolas e alhos. A pimenta também já não lhe era permitida, apenas o sal. Por fim, Danny já só se alimentava de pão, manteiga de amendoim e leite. Aquele gosto desagradável na boca não regressou em força, mas na verdade também nunca desapareceu por completo. Foi por essa altura que ele começou a queixar-se de insónias. Sempre fora normal acordar duas a três vezes durante a noite, só que a partir de então deixou de conseguir voltar a adormecer. Os seus passeios noturnos pela casa acordavam Joan, que lhe propôs que tentasse ler. Danny pediu um romance grosso, ela entregou-lhe *A Leste do Paraíso*, o mesmo exemplar que adquirira depois de ter descoberto que em tempos tinham chamado «Cathy» à sua mãe. Ele não leu o livro; em vez disso, pousou-o na mesa de cabeceira, a funcionar como uma espécie de muro protetor, que deveria impedir o sono de se escapar. Depois de também o romance não ter cumprido o efeito desejado, Joan arrastou Danny para o consultório de um psiquiatra, que declarou que o *paciente* sofria de uma depressão.

Danny recusou-se a aceitar o diagnóstico. Afirmou que não se sentia triste nem se achava inferior a outros. Não tomou os antidepressivos que lhe foram receitados. A paciência de Joan atingira o limite; havia muito que ela suspeitava de que qualquer coisa não estava bem. Apesar do que ele afirmava, Joan vira-o já amiúde com um ar abatido. Começara por justificar esse estado com o facto de ele ter tido de desistir do sonho de uma carreira na Broadway, mas agora interrogava-se se não teria sido o contrário: se não fora a tristeza que o impedira de se apresentar para prestar provas. Joan insistiu em que Danny deveria depositar a sua confiança nela, tentou forçá-lo a falar. Ele manteve o silêncio, de início por obstinação, mas depois por se sentir desorientado; não sabia sequer como haveria de começar uma confidência daquele género. Ela interpretou-o mal, achou que Danny estava a rejeitar a sua ajuda, que estava a rejeitá-la a ela. Isso magoou e enfureceu Joan, e foi em resultado dessa mágoa, dessa fúria, que ela mesma passou a reagir enfurecida, passou a magoar. Como ele se esquivava de falar acerca da sua adoção, ela impôs-se e abordou o assunto. Quis saber, assim de passagem, como por

acaso, se alguma vez Danny havia desejado ter sido adotado por uma família afro-americana. Como assim?, perguntou ele. Porque talvez pais negros pudessem ter tido uma maior compreensão, respondeu ela, em relação a ele e à sua situação. *À minha situação...*, repetiu Danny, tossicando de seguida. Os pais tinham-se saído bem, ele nunca se sentira incompreendido, acrescentou então, de modo sucinto. Era óbvio que não queria dizer mais nada, mas Joan não cedeu. Quis saber se Danny não sentia vontade de ter amigos afro-americanos. Uma vez mais, ele olhou para ela, pasmado. Ficou surpreendido, mas também se sentiu atingido. Respondeu-lhe que tinha bons amigos, perguntou-lhe porque estava ela a denegri-los. Joan defendeu-se. Não era essa a sua intenção, apenas se questionara... Danny interrompeu-a, disse que ela apenas se interrogara se ele não seria mais feliz *no meio da sua gente*. E perguntou-lhe, furioso, se também ela o queria despachar para longe. Para junto dos pretos? Ou, já agora, de volta para a sua terra? Para África?

Joan ficou chocada com a intensidade da reação dele, não contara com nada daquilo: não imaginara que Danny a achasse capaz de tais pensamentos, tão-pouco que, manifestamente, ele já tivesse com alguma frequência tido de ouvir tais coisas. Ficou sem saber o que responder, como reagir. Foi mais essa sensação de desamparo do que propriamente a fúria que a fez sair de casa: correu para o exterior de calças de fato de treino e *T-shirt* e pôs-se a deambular pela cidade naquele quente fim de tarde, no início do verão. Pela primeira vez na sua vida, Joan deu-se conta do pouco que o aspeto da cidade se alterava ao andar-se a pé, do quão grandes eram as distâncias entre os edifícios. Também não tinha consciência de como os passeios estavam vazios durante o dia, do quão deslocado poderia sentir-se alguém que andasse a pé. De repente, achou que conseguira entender o que se estava a passar no íntimo de Danny. Deu meia-volta junto à estação de autocarros. Propôs-se a pedir desculpa, pois afinal era ela a agressora; repetiu para si mesma essa ideia, de modo a não a esquecer. *Não sou eu a vítima. Eu sou a agressora...*

ao chegar, a casa está vazia. Espera por Danny no quarto. Apesar de estar nervosa, acaba por deixar-se adormecer. Na manhã seguinte, depara com ele a dormir no sofá da sala. Está a rressonar baixinho. Joan não o acorda. Regressa de mansinho ao quarto e fica à escuta de ruídos vindos da divisão contígua. É domingo, não terá de ir à escola. Tenta pôr-se a corrigir trabalhos dos alunos, no entanto, é incapaz de se concentrar. Por fim ouve o sofá a ranger. Hesita. Deverá dar-lhe mais algum tempo? Joan espreita cuidadosamente pela frincha da porta entreaberta. Ele esfrega os olhos, passa as mãos pelo cabelo, boceja. Fecha os olhos, volta a abri-los. Dá-se conta da presença dela, expira ruidosamente e, com uma voz ainda ensonada, pergunta: Porque não me aceitas tal como sou?

Joan pigarreou. A visibilidade era um fardo, nisso eu tinha razão. A

visibilidade dele dificultara muita coisa, não era nem minimamente transparente, antes completamente opaca. Não tolerava a luz nem a sombra, era monumental, imensa, atraía sobre si toda a atenção, concentrava-a num feixe e dirigia-a para o que era evidente. Contudo, aquilo que é evidente pretende ser visto apenas de uma única maneira, não admite quaisquer outras possibilidades, quaisquer outras leituras, quaisquer nuances...

não interrompo, embora o argumento contrário me esteja já na ponta da língua, há qualquer coisa me impede de fazê-lo. Cobardia? Preguiça? Nem todas as batalhas são dignas de ser travadas, nem todos os adversários o são de facto, alguns não passam de «ruído branco»...

e Joan admite que obviamente via Danny enquanto afro-americano, como teria podido não vê-lo? Para tal, teria de ter sido cega, como ele. Como poderia este achar que a sua origem étnica não teria qualquer relevância? Como podia ele não saber que esta lhe pertence, que faz tão parte dele quanto o seu talento para assobiar ou a sua predileção pelo azul? Como podia ele acreditar que seria possível «pertencer» a troco de nada, «fazer parte» sem quaisquer condições, sem restrições, sem imposições?...

ser-se-á tolerado, suportado? Ou será que essa «pertença» é uma recompensa obtida por um qualquer desempenho? Não raras vezes, essa admissão – o facto de nos deixarem entrar, ao Danny e a mim – é algo puramente arbitrário. E, de cada vez, temos de voltar a ser admitidos: deixam-nos entrar por sermos honorary white e, enquanto «brancos honorários», temos de estar continuamente a provar a nossa lealdade, o nosso valor, a nossa pertença...

por vezes Joan perguntara-se se ele teria sequer consciência de ser uma pessoa de cor, já que se comportava como branco, ainda mais do que os próprios brancos. Certa vez surpreendera-o a fitar-se ao espelho, após o que este lhe explicara que se sentia surpreendido com o quanto era parecido e, no entanto, também tão diferente. Após a impressão inicial não pudera, contudo, deixar de se ver a si mesmo como negro. Branco ou negro? Danny não conseguia decidir-se...

honorary white. *Por vezes pertencemos, por vezes não. A única certeza é que não somos nós quem determina quem somos. Se pelo menos tivéssemos estado inseridos num grupo, numa comunidade que estivesse sujeita ao mesmo código, às mesmas regras que nós, poderíamos ao menos, através dela, ter decodificado os significados, poderíamos ter sido completos no seio desse grupo de conspiradores, só que crescemos entre pessoas que, quando muito, não fazem caso da nossa alteridade, que nos «perdoam» a nossa diferença.*

Não interrompi, embora o argumento contrário me estivesse já na ponta da língua. Aprendi a calar a boca. Joan passou as mãos pela toalha de mesa, tentando contrariar um arqueamento do tampo. Danny sofria com o facto de não ser visto, declarou ela, de não saber se o que outros viam era ele mesmo ou uma versão dele, alguém que ele não era. A dada altura, prosseguiu Joan,

Danny passara revista à sua vida e chegara à conclusão de que ninguém sabia quem ele era, acrescentando de seguida que ele próprio também não fazia ideia. Não conseguia furtar-se ao olhar externo, e como haveria ele de conseguir? Aquele era afinal o seu próprio olhar. Estava mais familiarizado com esse olhar do que com o seu. Mas como pode alguém existir quando a percepção que tem de si mesmo é a de ser um corpo estranho?, perguntou-me Joan, ao mesmo tempo que me dirigia um olhar inquiridor.

O olhar dela era penetrante, exigia uma resposta. Não sabia ao certo o que esperava que eu lhe dissesse: queria ela que lhe contasse um qualquer episódio que apoiasse o seu diagnóstico, que confirmasse a sua impressão de ser uma entendida no assunto? Senti-me de repente como a testemunha de um processo cujo intuito é pôr a descoberto que também eu sou uma vítima...

o melhor é irmos regressando, já é tarde, disse eu.

Joan acenou com a cabeça, em sinal de concordância. Pagámos e deixámos o Belgian Delight. O nevoeiro continuava denso. Tive a impressão de que estávamos a atravessar a neve, como se tivéssemos encolhido e fôssemos entretanto suficientemente pequenas para avançar pelo interior daquela massa de gelo. Passei toda a viagem de regresso a imaginar a vida interior do inverno em todos os seus pormenores. Confortava-me a ideia de haver um mundo onde só eu pudesse entrar.

Chegada a casa, desta vez fui eu que tentei escapar-me a Joan, intento em que fracassei. Ela mostrou-se extremamente hábil a frustrar as minhas manobras de diversão. Por exemplo, se me perguntasse se queria tomar o pequeno-almoço com ela e eu lhe respondesse: Hoje não, talvez amanhã, Joan diria que no dia seguinte os *lussekatter* de Mrs. Anderson já não estariam frescos, que teria de comê-los ainda naquele dia, levando depois o prato com esses bolinhos de açafrão suecos ao meu quarto. Mais tarde, Joan já nem sequer prestava atenção às minhas tentativas de fuga, fossem elas verbais ou não, chegando a barrar-me o acesso à porta ou a fazer-me esperas quando eu tentava esgueirar-me para o exterior. Após ter participado algumas vezes neste seu jogo, vi-me tomada por uma tal noção do ridículo da situação que tive de lhe pedir explicações. Perguntei-lhe porque não me largava, porque não encolhia as garras, o que queria afinal de mim. Joan gaguejou: Garras? Como assim?, acrescentando então que não queria nada de mim, absolutamente nada. Compadeci-me dela, senti vergonha por ter perdido a compostura. Propus que fôssemos passear a pé: em Viena, esse é um remédio para todos os males, mas o mesmo não se aplica a Green Bay. Perplexa, ela olhou para mim e encaminhou-me para a cozinha sem dizer palavra. Fez-me sentar no banco e ela própria sentou-se numa cadeira, que rangeu. Depois levantou-se e ficou então de pé. Apoiando o peso ora num pé ora no outro, como uma criança que na escola tem de recitar um poema e vai avançando às apalpadelas, fez por fim o pedido que tinha para me fazer.

Perguntou-me se iria com ela visitar Danny. Naquele fim de semana. No dia seguinte.

A casa de saúde ficava nas imediações do lago Heidmann, em Bolt, a meia hora de distância de Green Bay. Havia um ou outro automóvel no amplo parque de estacionamento, o portão de entrada estava deserto, o silêncio reinava sobre o recinto, como se todo o espaço estivesse vazio. Não soprava o vento e também não se ouviam quaisquer animais, muito embora tivesse visto gralhas durante a viagem. Fiquei com vontade de fugir. Também Joan se sentia nervosa. Debaixo de um pulôver trazia vestida uma blusa – e não uma *T-shirt*, como de costume –, escolhera uma saia nova, pusera brincos e até mesmo um colar, que no entanto mantinha escondido debaixo da blusa. Além disso, maquilhara-se, empoara as faces e pusera batom; o vermelho dos lábios parecia berrante no meio daquele ermo em que se situava a Heidmann Nursing Home.

Na receção estava sentada uma mulher jovem que Joan cumprimentou com um *Good morning, Sandy*. Esta levantou os olhos e acenou com a cabeça para nos cumprimentar. O olhar de Sandy poisou em mim e senti-o até dobrarmos uma esquina. O quarto de Danny ficava no primeiro andar. O seu companheiro tivera alta recentemente, pelo que ele tinha agora o pequeno quarto só para si. Estava sentado na cama e olhava na direção da janela, para o exterior; conseguimos vê-lo através da porta de vidro do quarto. Joan murmurou que a razão para ter escolhido aquele lugar fora o facto de Danny sempre ter gostado daquela zona, mas sobretudo do lago. Ergueu as sobrancelhas, como quem me fizesse uma pergunta, eu acenei com a cabeça. Tínhamos combinado que ela começaria por entrar sozinha e depois falaria a Danny da minha visita. Afastei-me um pouco do vidro, pois não quis ficar a observá-los. Passados alguns minutos, Joan abriu a porta e fez-me sinal para entrar. Danny não levantou os olhos quando o cumprimentei. Vestia um pijama azul-escuro, o cabelo chegava-lhe quase aos ombros. Joan apontou para uma cicatriz no lado esquerdo da cabeça de Danny e explicou que fora ali que o operaram. Acrescentou que ele não conseguia falar, mas que percebia «algumas coisas», corrigindo-se de seguida para «bastantes coisas». Depois indicou-me uma cadeira, eu sentei-me e, ao fazê-lo, tapei-lhe a vista para o lago; apesar disso, Danny não alterou a postura da cabeça. Fiquei com dúvidas de que ele se apercebesse da nossa presença, ou fosse do que fosse. Fez-me lembrar Barbara, que passara o ano a seguir ao AVC num estado de semiconsciência, tendo depois morrido. Interroguei-me se Joan ainda se lembraria da voz de Danny. Eu não tardara a esquecer a voz da minha avó; esta mantivera-se em silêncio ao longo de toda a doença e, mesmo depois de ter sido desintubada, não voltara a falar, já não sabia como fazê-lo. Não fora possível dar início a qualquer terapia da fala, a deterioração do seu estado de saúde não o permitira, tudo acabara por se revelar mais urgente do que isso. Hoje desejaria ainda lembrar-me da voz dela. Muito raramente ouço uma

palavra e tenho a impressão de conseguir reconhecê-la, só que o som dissipase, mistura-se com outros, e não tenho remédio senão admitir que a memória dele se me escapou, que o esqueci.

Enquanto eu observava Joan a falar com Danny, a apontar para a parede, para a cadeira, para a jarra com as flores murchas, a nomear as coisas esforçando-se por lhe explicar o mundo, aquele pequeno mundo do quarto da casa de saúde, tive a impressão de conseguir compreender aquilo que efetivamente tínhamos em comum: ela recusava-se a aceitar que Danny estava a morrer aos poucos; também eu não quisera admiti-lo quando o mesmo acontecera com Barbara. Observar o modo como alguém vai morrendo é mais do que um observar, é um ver que quer ir além do ver, é um testemunhar que se quer afastar do banco das testemunhas e suspender a progressão da morte; é, afinal, o total desamparo face à morte. Esta sensação de desamparo deixa uma ferida que não sara, que jamais sara, a dor abranda, sossega, mas debaixo da superfície, sob a pele, continua adormecida.

Durante a viagem de regresso a casa, Joan comentou que aquele não fora um dia particularmente bom para ele. Em dias bons, Danny reagia às palavras dela, ao toque; em dias bons, tinha a sensação de as coisas serem como dantes. Sorriu, dizendo que também antes houvera dias em que Danny preferira manter-se em silêncio. Talvez ele se tivesse apercebido dos ressentimentos dela. Riu baixinho, como se quisesse atenuar as palavras que se seguiram: disse que abominara a origem dele, o facto de ser de cor, vira nisso a causa de todos os problemas que ela própria enfrentara. Imaginara o quão mais fácil teria sido a vida dela se ele fosse branco, quanto mais sucesso ele teria tido, quanto mais dinheiro teria ganho. O que ela vislumbrara diante de si era uma versão branca de Danny, um Danny com pele branca e cabelo claro. Além do aspeto dele, Joan nem tivera de se esforçar na fantasia que criara, pois de qualquer modo, tanto nas suas preferências como nos seus hábitos, Danny era já mais branco do que outra coisa...

já não me largava a desconfiança de que não me teria apaixonado por ele caso fosse mesmo negro, um *verdadeiro* afro-americano. Depois interroguei-me se me teria sido mais fácil deixá-lo, caso ele fosse verdadeiramente negro. Senti-me então enganada, defraudada... Só depois de Danny ficar doente é que a sua origem passou para segundo plano. Só depois de ele se reduzir a nada além de um corpo que precisa de ser alimentado, de ser mantido limpo, um corpo que não é o de uma criança nem o de um idoso, que é apenas um organismo, um ser que se compõe tão-somente de funções corporais, que há que registar e manter sob observação, sob vigilância. De facto, a questão da sua origem desapareceu, deixei de tê-la presente: a sua visibilidade transformou-se em invisibilidade.

Dito isto, Joan deteve-se. O seu silêncio tornou-se quase doloroso, por isso optei por falar eu: tendo escolha, jamais me apaixonaria por uma pessoa que estivesse na mesma situação que eu. Já estou habituada a ser posta de parte, mas assistir a outros a sê-lo? Antes estar só e doente. Assim como

assim, a pessoa doente está sempre sozinha face à sua doença.

Joan acenou com a cabeça. Também ela sentira o desdém que outros dirigiam a Danny, e o mesmo acontecera com a raiva que ele dirigia a esses outros. Em tais circunstâncias, amar significara ser arrastada para o corpo dele, abrir mão de uma certa distância de segurança, quer se quisesse quer não. Em tais circunstâncias, amar significara ter não apenas de se envolver por completo no ato de amar, mas também, no fim de contas, não ter mais nada senão esse amor, pois o mundo outrora incólume acabava por sucumbir sob a visibilidade de Danny...

jamais teria conseguido trazer uma criança a um mundo assim, a um mundo assim *ferido*, declarou Joan.

Em abril a neve começou por fim a derreter. Estando a minha viagem de regresso planeada para o início de maio, podia ausentar-me de Green Bay, já que não tinha quaisquer avaliações para realizar. Nas três últimas semanas aluguei finalmente um automóvel, pois queria passar alguns dias em Chicago antes do voo de regresso a Viena. Após os meses passados sob uma camada de neve – pelo menos fora essa a impressão com que ficara –, estava ansiosa por explorar o mundo. Ainda não o vira e experimentara em toda a sua plenitude. Joan não deixou transparecer o que achava do facto de já não ter de me conduzir de um lado para o outro. Também não dediquei mais energia a pensar nisso; afinal de contas, ao andar a treinar a condução já tinha o suficiente com que me entreter. Felizmente as ruas eram largas e estavam vazias, pelo que as minhas curvas bamboleantes e travagens abruptas não provocaram quaisquer acidentes. Com o tempo fui-me habituando ao veículo que conduzia, ao seu tamanho e às suas oscilações, tendo ficado convencida de que tinha boas hipóteses de chegar a Chicago sã e salva. Desisti dos meus passeios a pé. Em vez disso, passei a ir de carro para todo o lado, cheguei mesmo a ir a um *drivethru bank*, só para poder dizer que já o fizera, e subitamente constatei que, afinal, a disposição da cidade até fazia sentido. Green Bay era um lugar em que só se teria de sair do carro para ir comer a um restaurante ou fazer compras numa loja; de tudo o resto era preferível tratar através da janela aberta do próprio automóvel. Além disso, a cidade era também mais bonita quando vista a partir de um carro: de repente passou a fazer sentido a considerável distância a que as árvores haviam sido plantadas umas das outras; e o mesmo se aplicava à distância entre edifícios, ao tamanho e colocação das placas das ruas, até mesmo ao *design* dos placares publicitários.

Passeava pelas estradas secundárias de duas faixas ou acelerava pelas estradas de ligação de seis faixas, na direcção do pôr do Sol. Tinha a impressão de seguir sempre rumo a poente, o que naturalmente se devia sobretudo à hora do dia escolhida para tais passeios; ainda assim, essa coincidência afigurava-

se-me significativa, imaginava-me, qual *cowboy* no seu cavalo, a avançar na direção do crepúsculo. Joan pareceu aperceber-se de que eu não tinha vontade de conversar com ela. Embora tivesse deixado de tentar fazer-me quaisquer confidências (nas nossas breves trocas de palavras falávamos apenas do tempo ou de Obama, de quem ela começara por ter mais expectativas), não pude deixar de ficar com a impressão de que ela pretendia qualquer coisa de mim, mas não se atrevia a dizê-lo. O seu olhar concentrado e o modo como se inclinava para a frente quando falávamos pareciam dar a entender que estava vigilante, como se aguardasse a altura certa para se lançar sobre a presa. Esforcei-me por aumentar a distância entre nós as duas, mas quando, na noite antes da minha partida, ela me perguntou se tinha vontade de ir ao Kroll's comer um hambúrguer e uma taça de *booyah*, decidi aceitar. Estava disposta a escutar as suas recordações uma última vez. Passei a tarde a fazer as malas. Precisei de mais do que as habituais duas horas, por não conseguir decidir se haveria de levar comigo a imagem tridimensional que ela me oferecera ou simplesmente deixá-la lá. Acabei por decidir deixá-la onde estava; não acreditava que alguma vez voltasse a ver Joan ou o ninho do cuco e, fosse como fosse, pareceu-me mais educado fingir um lapso do que deitar fora um presente.

O Kroll's era grande e amplo, dando quase a impressão de ser um ginásio, mesmo apesar dos bancos estofados em formato de meia-lua, que juntamente com as mesas redondas formavam uma espécie de compartimentos recolhidos. Joan já lá estava. Quando me viu, ergueu o braço e acenou-me. Fiquei contente por ela me ter feito sinal, pois o restaurante parecia ser apreciado e já eram poucas as mesas que estavam livres. Sem sequer me perguntar se queria, Joan pediu duas taças de *booyah* – que mais não era do que *bouillabaisse* –, dois *butter burgers* e *fries*. Enquanto esperávamos que chegasse a cerveja, disse-me que certo dia fizera a mala, uma só, que nem sequer era muito grande, e saíra de casa. Danny troçara dela e dissera-lhe que o melhor era que desfrutasse daquelas férias, acrescentando que ele próprio trataria de aproveitar bem as dele. Aproveitá-las-ia *ao máximo*. Sempre fora um homem charmoso, era-lhe fácil meter conversa com mulheres. Namoriscava com empregadas de mesa e vendedoras, e fazia-o até mesmo diante de Joan. Por vezes, ela achava que Danny o fazia de propósito. Enquanto se afastava, Joan continuou a ouvi-lo troçar dela. Começou então a fazer planos: arranjaria um advogado de divórcios; deixaria Green Bay e fixar-se-ia noutra parte do país, em Seattle ou Portland; voltaria a planear a viagem à Europa que pretendia fazer vinte anos antes; iria aprender a cozinhar *pak choy*, feijão-frade, castanha-d'água e raiz de lótus; passaria os fins de semana no sofá, com um livro na mão e o comando da televisão no colo; por fim, os problemas dele já não seriam problemas dela. Só este último

pensamento, *Os problemas dele já não serão os meus*, ter-lhe-ia bastado para poder apreciar a vida ao máximo. Entretanto, também Danny tratou de fazer planos: não incluíram empregadas de mesa nem vendedoras, mas antes uma tal de Carol Truttman...

após o jantar a três, que não fora agradável nem desagradável, mas ao qual se seguiu um longo período de silêncio, Danny propôs-se começar por ligar a Carol uma vez por semana. Os telefonemas eram penosos e desanimadores, mas ainda assim ele não desistiu. Passadas apenas quatro semanas, Carol surpreendeu-o com um convite para que fosse a casa dela tomar café. Fora-lhe oferecido um bolo, mas não iria ser capaz de comê-lo sozinho, e seria uma pena ter de deitar fora um *devil's food cake* tão terrivelmente bom como aquele... A partir desse dia passaram a falar duas vezes por semana: uma ao telefone e a outra em casa de Carol. Embora ela não fosse de forma alguma mulher de fazer bolos, nem ocasionalmente, a verdade é que começou a fazê-los para os lanches com Danny: ora um *coffee cake*, ora um *banana bread*, ora um *chocolate fudge cake*. Todas as quartas-feiras ela servia um pequeno bolo que os dois escolhiam no domingo anterior. A estes encontros veio juntar-se uma nova rotina: como segundo emprego, Danny transportava alunos da escola primária pelos bairros de Green Bay. Quando falou disso a Carol, esta confessou, a rir, que dava tudo para voltar a ser criança em idade escolar, após o que ele a convidou para uma viagem de autocarro. Contudo, o barulho das crianças deixava-a nervosa, por isso Danny foi buscá-la após entregar o último aluno em casa, aproveitando depois para dar uma volta de autocarro através da cidade com a sua *Ma*.

Joan disse que, naquela altura, Danny teria por volta de quarenta e cinco anos, sendo Carol vinte anos mais velha. De acordo com a descrição de Danny, agradara-lhe ir sentada na primeira fila e ter uma vista desimpedida da estrada. Durante a viagem, fora sempre a dar risadas e a conversar: sobre o tempo, sobre Bill Clinton e Monica Lewinsky, sobre Lee Janzen, que acabara de vencer o US Open pela segunda vez, sobre o filme *Braveheart* e sobre Óscares não merecidos. Durante meses, a coisa terá corrido bem, provavelmente porque se limitavam a falar de coisas sem importância. No fundo, nem Danny nem Carol tinham aprendido a confiar, a depositar a sua confiança em alguém. Por fim, Danny terá acreditado que a sua relação com Carol seria capaz de suportar perguntas difíceis...

era inverno. O mundo estava submerso numa camada de neve, um mundo invernal que era uma espécie de mundo para lá do mundo. Carol anunciou: Não quero fazer mais viagens de autocarro, está já demasiado frio para isso, mas quando quiseres podes vir visitar-me ao ninho do cuco. Voltaram a encontrar-se uma vez por semana para lancha e beber café. Pouco antes do Natal, Danny reuniu toda a sua coragem e decidiu perguntar-lhe pelo pai. Ela ficou irritada e reagiu com aspereza: Não te chega a tua mãe? Para que precisas tu de um pai? Ele, não menos obstinado, não menos irascível, declarou: Não tens o direito, nunca tiveste o direito de me ocultar a identidade

do meu pai. Conheço o relatório da arquidiocese, sei aquilo que fizeste. E que foi que eu fiz?, perguntou ela, já furiosa. Tiveste um caso com um músico, respondeu ele num tom não menos furioso. Nas suas fúrias, ele era tal qual a mãe. Isso é uma mentira!, exclamou ela, uma mentira repugnante engendrada por aquela Duquaine. Nunca tive um caso com o Jimmy Jordan. *Jamais* tive um caso com o Jimmy. Um *caso* com o Jimmy foi coisa que nunca tive. Não tive caso nenhum com ele! Carol apontou na direção da porta de entrada e declarou: Não te devo qualquer explicação. Não fui eu que dei cabo da tua vida, mas sim tu que deste cabo da minha.

Joan contou que, depois de Carol se ter separado, esta voltara a casar-se uma segunda vez: aos quarenta e muitos anos encontrara o homem da sua vida, mas, passados poucos meses de estarem casados, ele morreria num acidente de automóvel. Não voltara a ter filhos; em geral, crianças eram coisa que não combinava com ela. Mantinha-se afastada dos seus sobrinhos e sobrinhas, dos seus irmãos, de amigos e conhecidos, de toda a gente que andasse a povoar o mundo com crianças. Por fim também desistira do seu adorado golfe, pois uma operação malsucedida fez com que cegasse de um olho. Em pouco tempo, a íris adotara uma cor azul-clara, mas Carol recusara sempre o uso de uma prótese ocular. A única pessoa que ela permitira que se aproximasse fora Danny, mas até mesmo essa relação estivera sujeita a regras e condições. Quando este as infringiu, ela tratou de o banir da sua vida. Danny só voltara a ouvir falar de Carol depois de ela morrer, relatou Joan. Aquando da leitura do testamento, ele ficara a saber que, enquanto filho biológico, herdara tudo o que ela possuía: as suas economias e a casa. Gostaria de ter obtido respostas, de ter encontrado diários ou cartas, mas Carol não deixara nada disso, apenas um punhado de bijuteria barata, uns quantos vestidos e sapatos caros, e nada mais. Nem um pedaço de papel, fosse sob a forma de postais ou de álbuns de fotografias. Era como se ela sempre tivesse estado sozinha no mundo.

Danny mudara-se para a casa de Carol e não tocara nas coisas da sua mãe, à exceção das roupas e sapatos, que doara a uma instituição de caridade.

Joan suspirou. Houve um dia em que lhe bateram à porta. Era Danny, que lhe entregou um grande ramo de flores. Disse que largara o seu nome falso e que adotara o verdadeiro. Perguntou-lhe se era capaz de imaginar uma vida em comum com Danny Truttman?

Terminámos a nossa refeição, na mesa estavam espalhadas embalagens de papel vazias, nas nossas taças já só havia uns restos de *booyah*. Joan disse então que naquele mesmo dia se mudara para o ninho do cuco; meio ano mais tarde, Danny viera a sofrer um AVC.

Joan agarrou a minha mão e apertou-a. Tinha de ajudá-la, disse ela, tinha de ajudá-la a ela e ao Danny. Estava convencida de que, se ele soubesse quem

era o pai, iria recuperar mais depressa, iria querer estar bem de saúde para poder conhecê-lo. Respondi-lhe que não fazia ideia de que modo poderia ser útil, uma vez que não morava em Green Bay. Precisamente por isso, disse Joan, cortando-me a palavra. A assistente social a quem o caso de Danny fora em tempos atribuído era austríaca, e Joan ouvira dizer que Marlene Winckler regressara à sua terra natal. Poderia eu fazer o favor de tentar encontrá-la? Ela estava convencida de que Marlene seria a chave que permitiria descodificar aquele enigma: conhecera o caso melhor do que ninguém, teria de ter ficado a saber quem era o pai biológico.

Joan abriu a sua mala e retirou de lá um dossiê fininho de cartolina vermelho-clara; entregou-mo e explicou que se tratava do processo dos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay. Marlene Winckler recolhera informações que não incluía nos seus relatórios. De certeza que teria ficado a saber quem era o pai.

Não tinha dúvidas de que ela o saberia.

[1] *porch monkey*

Ofensa racista dirigida a pessoas negras, que as caracteriza como preguiçosas. Literalmente significa qualquer coisa como «macaco de alpendre», no sentido de «ficar sentado diante de casa sem fazer nada».

[2] **Emily Webb**

Personagem da peça *A Nossa Cidade (Our Town)*, de Thornton Wilder, que confronta George Gibbs, o rapaz de quem gosta, de um modo em tudo semelhante ao que aqui é relatado. George irá aceitar a crítica, admitir que errou e acabam por ir tomar uma *ice-cream soda*.

[3] *garçonnière*

Esta palavra francesa – que significa «apartamento de solteiro, de uma assoalhada» – encontra uso no espaço de língua alemã, mas sobretudo na Áustria.

Do processo dos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay

11.01.1954

Resposta negativa / Gabinete de Serviços de Beneficência Católica de Oshkosh: Miss D. Steiner escreve a dizer que não acredita conseguir encontrar em Oshkosh um lugar para Daniel Truttman numa família de acolhimento. Será mais provável a criança poder ser acolhida em Milwaukee.

12.01.1954

Telefonema c/ Mrs. Rentmeester: Parece indispensável investigar a fundo o carácter de Carol, nenhuma das pistas até agora seguida conduziu fosse aonde fosse. Assim sendo, combinou-se o seguinte com Mrs. Rentmeester: ela irá perguntar às suas outras inquilinas se estas aceitariam falar connosco acerca da sua colega de casa. Caso aceitem, Trude irá marcar uma reunião com elas.

13.01.1954

Telefonema c/ Mrs. Rentmeester: Trude telefonou para nos informar das datas de duas reuniões: Miss Larson, que vive no quarto imediatamente ao lado do de Carol, mostrou-se disposta a comparecer no escritório amanhã, 14 de janeiro, às 8h30. Miss Kelly, a outra inquilina, poderá responder às nossas perguntas na sexta-feira, 15 de janeiro, às 17h30.

Quando MW agradeceu a Mrs. Rentmeester em nome dos Serviços Sociais, esta respondeu que nos prestava a sua ajuda neste assunto «com toda a satisfação», já que a vida privada de Carol Truttman era «um escândalo». Disse que acabara de denunciar o contrato de

arrendamento. Até ao fim do mês, Carol iria ter de deixar o quarto que ocupava.

14.01.1954

Reunião c/ Miss Larson, 8h30: A conversa com Miss Larson foi dececionante. Desde o início, deu a entender que só aceitara falar connosco porque Mrs. Rentmeester não lhe dera outra opção.

Helen Larson tem 23 anos, pele clara, olhos azuis, cabelo louro, é alta e bastante esguia, algumas pessoas diriam que é escanzelada. Tal como Carol, era telefonista, entretanto trabalha agora como vendedora na sapataria Mullen's, em frente ao Beaumont Hotel. Conheceu Carol no tempo em que ambas trabalharam na Bell Telephone Company. Foi através de Miss Truttman que ela se tornou inquilina de Mrs. Rentmeester.

Carol e Miss Larson frequentaram e concluíram o mesmo liceu (St. Mary Highschool). São semelhantes em diversos aspetos, até mesmo no modo impertinente como respondem, embora Miss Larson seja mais confiante e descontraída. Quando lhe perguntámos quais os seus planos para o futuro, declarou não querer ainda comprometer-se com nada, mas uma coisa tinha a certeza de que não iria fazer: passar mais de meio ano a vender e arrumar sapatos. É evidente que se sente talhada para mais do que isso.

Contestou ser amiga de Carol: de início haviam feito muita coisa juntas, iam ao cinema e punham-se a ver montras, mas a dada altura a sua «amizade» terminara. E quando acontecera isso? Enquanto pensava, ia mexendo os dedos e os lábios, como quem estivesse a fazer contas. «Em outubro de 1952», disse ela por fim. Recordava-se de que Carol queria levá-la consigo à festa de aniversário de Miss Eklund (professora no St. Mary Highschool). Carol convidara-a por saber que ela gosta de bolinhos de canela, e em quase nenhum lado se consegue encontrá-los com uma qualidade decente. Além disso, agradara-lhe a ideia de poder falar sueco. Tal como ela, Miss Eklund é de origem sueca. No entanto, pouco antes da festa, Carol cancelara o que haviam combinado, alegando falta de tempo. Helen acreditara nela, mas no dia seguinte encontrara o resto de um bolinho de canela no balde do lixo da cozinha. Miss Larson encolheu os ombros. Carol fora visitar a professora, mas obviamente não quisera levá-la consigo. A partir desse dia, tinham evitado o contacto uma com a outra, e ela própria também nada mais fizera para reatar a amizade.

Quando lhe perguntámos se ela e Carol frequentaram clubes de jazz, Miss Larson respondeu que sim. Tinham estado juntas no Zebra Lounge, no entanto ela não vira Carol com qualquer homem de cor.

Hesitou brevemente antes de acrescentar: «Mas é coisa de que a julgaria capaz.»

(MW/JE)

15.01.1954

Reunião c/ Miss Kelly, 17h30: Miss Kelly tem 21 anos, é de estatura baixa e corpulenta. Tal como muitas mulheres com o cabelo louro acobreado possui pele branca, de tom rosado, e olhos de um azul claro como água. A família dela é originária da Irlanda, o que se percebe claramente pelo sotaque. É muito animada e ri com frequência, mesmo quando não há razão para tal. Talvez isso tenha que ver com a sua profissão: é professora de piano e ensina exclusivamente crianças. Gostaria de «um dia, sabe-se lá quando?», ter a sua própria escola de piano.

Miss Kelly foi cordial, dir-se-ia mesmo que é bastante sociável. Quis logo passar a ser tratada por Maeve. Não é difícil imaginá-la a frequentar bares. A avaliar pela sua voz algo grave e rouca, bem como pelas pontas dos dedos amareladas, é bem provável que fume.

Maeve declarou que tentara por diversas vezes tornar-se amiga de Carol, mas que isso fracassara sempre: concluíra que Carol não queria dar-se com ela. Não percebera porquê, até porque têm os mesmos gostos musicais, além de que se cruzavam com frequência nos mesmos lugares, o Piccadilly, o 616 e o Becher's Club. Tinham ambas dado gargalhadas ao assistir ao espetáculo do comediante Allen Di Blasio, tinham dançado ao som dos Captivators... Porém, no que a homens diz respeito, o gosto de Carol é muito diferente do dela. De repente Maeve introduziu uma pausa, pelo que MW se viu obrigada a perguntar o que queria ela dizer com aquilo. A jovem arregalou os olhos, surpreendida, e perguntou então se ainda ninguém referira o assunto. Toda a gente sabia que Carol andava sempre na companhia de negros. Uma vez mais, MW teve de lhe pedir que explicasse melhor: com que negros ao certo, conheceria ela os nomes desses homens? «Acredita que um deles poderá ser o pai da criança?», perguntou Maeve, curiosa. Segundo ela, não estranharia nada que Carol se deixasse engravidar por um negro. Deu uma risada, mas depois abanou a cabeça, como quem lamentasse o sucedido. Infelizmente não poderia indicar nomes, já que ela própria não conhecia nenhum negro. Depois da guerra, a maioria dos trabalhadores de cor havia sido despedida, pois na verdade estavam apenas a preencher as vagas deixadas pelos homens ausentes. Alguns, porém, tinham podido conservar os seus empregos.

Nomeadamente aqueles que trabalhavam nas fábricas de papel, por exemplo na John Hoberg. Esboçando um sorriso enigmático, Maeve disse que não se admiraria se viéssemos a encontrar o pai da criança entre os operários dessa fábrica.

16.01.1954

Visita a casa de C. Truttman: Carol foi hoje (a um sábado) surpreendida com uma visita a sua casa. A jovem não deverá, de modo algum, convencer-se de que o assunto está esquecido. No entanto, quando MW chegou, Carol estava ausente, de acordo com Mrs. Rentmeester, tinha ido fazer compras. Trude teve a amabilidade de nos franquear a entrada no quarto de Carol.

Enquanto estávamos à espera, Trude relatou-nos ainda o que conseguiu apurar acerca da mulher de Mr. Walton: Mrs. Irma Walton (cujo apelido de solteira é Bouchard) é cozinheira no Elk's Inn. Deverá ter 39 anos, sendo por isso seis anos mais velha do que o marido. Irma tem dois filhos de um primeiro casamento, chamados Gary (12 anos) e Arthur (15 anos). Henry e Irma Walton não se casaram há muito tempo, faz apenas três anos. Há um ano ele teve um acidente de automóvel e desde então coxeia da perna esquerda. Foi ele o responsável pelo acidente (condução sob o efeito de álcool). Desde então é membro dos Alcoólicos Anónimos, nunca mais tocou numa gota de álcool e é bastante religioso (mas não é católico).

Quando Carol se deparou connosco no seu quarto, tentou escapar rapidamente, mas foi-lhe impossível. Trude tratou logo de se despedir; desde o nascimento da criança que a relação dela com Carol se tornou tensa.

MW deu a entender a Carol que na última reunião esta se comportara de modo impossível, razão pela qual a conversa não pudera ser terminada. A acusada manteve-se obstinadamente em silêncio, não pronunciou qualquer desculpa. Em vez disso, ergueu a mão esquerda, com um ar triunfante. O anel no seu dedo era pequeno, mas a pedra cintilava de modo considerável. A joia parecia uma peça herdada e era claramente diferente dos anéis que ela costuma usar. Disse ser um anel de noivado e sublinhou que Henry e ela estavam noivos. Ficou ligeiramente corada e, ao mesmo tempo que esboçou um sorriso envergonhado, corrigiu-se: «Quase noivos.»

MW perguntou a Carol se aquele anel era da mãe ou da avó dele, ou se o seu «noivo» fora até à joalharia mais próxima e deixara que lhe impingissem um anel que mais parecia uma joia de família, daquelas herdadas e já descoradas em certos sítios, com enfeites que pareciam do século passado. Era o anel da avó, retorquiu Carol num tom

indignado. Assim sendo, prosseguiu MW, ele dera a Irma o anel da mãe e à própria Carol o anel da avó. Quando mais tarde a deixasse, que anel iria receber a próxima? O da tia? Henry jamais a deixaria, gritou Carol, acrescentando que naquele momento ele estava a tratar de se divorciar da mulher. Iriam casar-se logo que o divórcio se efetivasse, o que aconteceria dali a um mês. Já num tom de voz mais contido, disse depois que até lá fariam o que o Padre Ryan exigira: só voltariam a encontrar-se depois de Henry estar divorciado. O anel era uma espécie de presente de despedida. MW respondeu que ficava satisfeita por saber isso, mas que se perguntava o que iria acontecer com os filhos de Mrs. Walton. Faria Carol tentões de adotá-los ou iria ver-se livre deles, como fizera com Daniel?

A resposta de Carol foi imediata. Como os filhos são do primeiro casamento de Irma, irão naturalmente ficar com a mãe. E Daniel? Irá Mr. Walton adotar Daniel, tal como ela anunciou da última vez? Carol começou a gaguejar e corou bastante. Da sua hesitação deu para perceber que ainda não discutira o assunto com o noivo, estando em vez disso à espera do «momento certo». Tendo em conta que Carol mente o tempo todo, tal não seria surpreendente. É de duvidar que ela alguma vez tenha tido essa intenção.

MW resumiu os resultados das inquirições até então realizadas para se conseguir encontrar o pai da criança. Declarou que certamente Carol não teria interesse em que prosseguíssemos com a investigação, pois isso poderia vir a prejudicar-lhe a reputação. Já andava a enganar a arquidiocese há bastante tempo, estava na altura de dizer a verdade. Qual era o nome do pai da criança? Tinha ela conhecido esse homem de cor num bar e, se sim, em qual? No Zebra Lounge ou no Becher's Club? Viera ele para Green Bay durante uns tempos, para trabalhar? Era originário de Milwaukee ou de Chicago? A maioria dos negros vinha do Sul, seria também esse o caso do pai de Daniel? Ou trabalharia ele numa das fábricas locais, talvez na John Hoberg? Era inútil mentir, iríamos verificar as suas declarações.

Carol foi empalidecendo. De início ainda tentara responder, mas entretanto desistira e já só fitava MW com um olhar vazio. «Nunca vai desistir de procurá-lo, pois não?», perguntou ela. «Nunca iremos desistir», confirmou MW.

Carol escancarou a porta e murmurou que já não tinha mais nada a dizer, que já dissera tudo. MW declarou que ainda não lhe fizera todas as perguntas. «Isso é-me indiferente», interrompeu-a Carol num tom agressivo. «Vá para o Inferno!»

Visita a Miss Eklund, St. Mary Highschool: Miss Eklund recebeu MW na sala dos professores, a seguir a uma aula. MW acertou na hora escolhida e teve de esperar apenas alguns minutos.

Miss Eklund é uma senhora de certa idade, com uma atitude extremamente doce e simpática. Parece ter uns sessenta e poucos anos, é pequena, graciosa e tem pele branca, quase translúcida, bem como cabelos grisalhos e compridos, que usa reunidos num puxo. Os cabelos são tão finos que, à primeira vista, quase parece que sofre de calvície.

Miss Eklund declarou ter sido professora de Carol durante quatro anos, a inglês e a história. Carol não fora a sua melhor aluna, nunca demonstrara qualquer queda para os livros, mas tinha bom coração. A jovem continuava a visitá-la duas vezes por ano, uma delas pelo seu aniversário e outra pelo Natal. No ano em questão, ela viera ao seu aniversário e houvera bolinhos de canela. A seguir, enquanto abanava a cabeça de modo pensativo, Miss Eklund declarou que não reparara na gravidez, até porque a festa fora em outubro.

Tanto quanto se apercebeu, durante o liceu Carol não teve nenhum namorado fixo. As outras raparigas usavam os anéis de curso e os casacos desportivos dos respetivos namorados, mas Carol não. Seria talvez demasiado discreta para que algum rapaz reparasse sequer nela. Ainda se lembrava bem do baile de finalistas (tinha sido ela própria e Mr. Campbell, o professor de matemática, a vigiar a «canalha»): embora Carol tivesse chegado acompanhada, o jovem com quem viera não tardara a pôr-se a dançar com outra rapariga. Infelizmente já não se lembrava do nome do rapaz, talvez Miss Alsteen pudesse ajudar. Naquela altura, ela e Carol eram inseparáveis. Tanto quanto sabia, Elizabeth Alsteen vivia em Green Bay e trabalhava como secretária num escritório de advogados chamado Olson & Sons.

Por momentos, Miss Eklund hesitou. Perguntou-nos por que razão nos interessávamos pelo passado. Se entendera bem, era em relação ao presente que havia que atuar. MW respondeu-lhe que, com frequência, as paixões do liceu regressavam na idade adulta e continuavam relevantes. «É bem verdade, é bem verdade», concordou Miss Eklund, enquanto sorria e adotava um ar pensativo.

Naquele momento começou a tocar a campainha. Miss Eklund levantou-se devagar. Declarou que sentia imensa pena em relação ao bebé, que Carol a dececionara profundamente. «Mas afinal que se pode fazer?», perguntou ela, suspirando de seguida. «Os jovens vivem a sua própria vida. Apenas podemos ter esperança de que seja a vida certa.»

19.01.1954

Telefonema c/ Miss Alsteen: Foi combinada uma reunião para quinta-feira, 21 de janeiro, às 8h30. Miss Alsteen não quis que a visitássemos em casa.

20.01.1954

Telefonema c/ Mr. Newman, da John Hoberg: Mr. Newman, o chefe dos recursos humanos da fábrica John Hoberg, declarou que na próxima terça-feira, 26 de janeiro, às 10h30, teria tempo para uma conversa curta.

(MW/JE)

21.01.1954

Reunião c/ Miss E. Alsteen, 8h30: Custa a acreditar que Elizabeth Alsteen e Carol fossem amigas. Em todos os aspetos, Miss Alsteen é o oposto de Carol. Tem estatura pequena e é esguia, no rosto comprido e anguloso destaca-se a sua palidez, a pele quase branca como a cal. Tem o cabelo louro, encaracolado e de aspeto suave. Nela vê-se confirmada a regra de que, em rostos mais largos, os olhos são mais cavados, ao passo que em rostos estreitos estão mais à face. Os dela são azul-claros e não parecem, de modo algum, assentar demasiado profundamente nas órbitas: Elizabeth tem um perfil quase helénico.

Miss Alsteen mostrou-se reservada e afável. Por detrás da sua solicitude percebia-se haver alguma desconfiança, mas felizmente sentia também curiosidade. Esta última revelou-se útil, pois ajudou-a a pôr rapidamente de parte as suas reservas: não demorou muito até que Elizabeth demonstrasse abertura.

Deu início à conversa dizendo que já não eram tão amigas como nos tempos de escola. Sentia mágoa por esse contacto mais íntimo com a amiga ter sido interrompido. Quando foi mencionado o nascimento da criança fora do casamento, Elizabeth pareceu abatida ou constrangida: em todo o caso, aquilo obviamente afetava-a, era-lhe desagradável. Declarou ter a certeza de que Carol não era uma má pessoa.

Tanto Elizabeth como Carol são um produto da classe média americana: ambas cresceram num ambiente protegido, com três irmãos, no caso de Carol, ou dois, no caso de Elizabeth, tiveram aulas de piano com Miss Hilda, aulas de balé com Madame Colette e, ainda meninas, jogaram golfe na liga feminina. Elizabeth referiu que Carol

nunca gostou de piano nem de balé, mas que em compensação adorava golfe, tendo até participado em torneios, embora infelizmente nunca tenha chegado ao ponto de ganhar qualquer medalha. A súbita morte do pai (em 1949) operou uma mudança em Carol. Passou a ser mais solitária, mais carrancuda, mais temperamental. Um ano mais tarde, a mãe voltou a casar-se e Carol afastou-se das suas antigas amigas.

Quando MW perguntou acerca de homens que Carol pudesse ter conhecido, Elizabeth encolheu os ombros. Disse que, quando andavam na escola, Carol era uma rapariga tímida, que preferia observar a experimentar ela mesma, que nas festas da escola só raramente dançava. No último ano do liceu isso alterara-se um pouco, ela saíra mais da casca, até arranjava um namorado, mas passado um mês a coisa terminara. Na altura, Carol dissera-lhe que fora ela a pôr fim à relação, mas o rumor que circulara na escola apontava noutro sentido. A razão para o namoro ter sido rompido não foi revelada por Elizabeth; era-lhe penoso falar desse assunto. No entanto, ainda se lembrava do nome do namorado: Robert Sowinski. Morava em Dousman Street. Estava certa disso porque os seus avós moram no prédio ao lado.

Recorrendo ao serviço de informações, conseguiu-se obter o número de telefone de Mr. Sowinski. Este pediu-nos para irmos ter com ele a sua casa no sábado, 23 de janeiro, às 11 horas, já que é impossível conciliar o nosso horário de expediente com as horas das aulas. A morada é: Dousman Street, 1329, Green Bay.

22.01.1954

Resposta negativa / Padre Rose, Paróquia de St. Mary, Milwaukee: O Padre Rose escreve que infelizmente continua sem encontrar um lugar para a criança numa família de acolhimento, mas que continuará a procurar. Não devemos desanimar.

23.01.1954

Visita a casa de Mr. Sowinski, 11h00: Robert Sowinski é parecido com o ator Donald O'Connor. Tem cerca de 1,75 m e é magro, quase se poderia dizer que é franzino. A sua pele é ligeiramente morena, o rosto comprido, o queixo pontiagudo e saliente. A testa é alta, sendo já visíveis entradas no cabelo. Tem o nariz comprido e estreito, a ponta é ligeiramente arredondada. Os lábios são finos, a boca é relativamente pequena. O cabelo é castanho e liso. Em relação às órbitas, os olhos estão à face, não são cavados. São alongados e

pequenos, a íris tem cor azul. Nem com muito boa vontade se consegue constatar qualquer semelhança com Daniel Truttman.

Os pais dele estiveram presentes durante toda a conversa, que teve lugar na sala de estar. Mr. Sowinski estuda no St. Julian College, pelo que ainda vive com os pais. Tal como o pai, quer vir a ser advogado.

Uma vez que os Sowinski estavam preocupados e nervosos, não nos detivemos com cortesias e fomos diretamente ao assunto. A história de Daniel Truttman foi contada de modo abreviado, e de seguida perguntou-se se Robert conhecia uma mulher chamada Carol Truttman. Este disse que sim. Conhecia Carol do liceu. Tinham ido juntos ao baile de finalistas. MW quis confirmar se também tinham saído juntos no último ano do liceu, disse que fora Miss Alsteen que o referira. «Eliza», declarou ele, esboçando um sorriso de esguelha. «A pudica Eliza.» Liz não era propriamente a sua maior fã, acrescentou, após o que se recostou na cadeira. Naquela altura houve quem dissesse que Eliza era lésbica e que estava apaixonada por Carol, prosseguiu ele. Carol sempre o negara, mas a verdade é que Liz se intrometiera constantemente na relação deles. «Intrometeu-se em que sentido?», perguntou MW. Robert suspirou: «Punha-se a interrogar Carol e recomendava-lhe expressamente que não fizesse certas coisas.» «Certas coisas?», perguntou MW. «Dar beijos, por exemplo», respondeu ele. Talvez só não gostasse dele, mas em todo o caso ela interferira tanto que, passado apenas um mês, Robert pusera termo ao namoro com Carol. Dissera-lhe que teria de escolher entre ele e a sua melhor amiga. Sorriu novamente. Ela escolhera Eliza. E depois de terminar o liceu, perguntou MW, tinha ele voltado a ver Miss Truttman? Mr. Sowinski trocou rapidamente um olhar com o pai, e de seguida abanou a cabeça.

Embora as respostas tenham sido insatisfatórias, deu-se por terminada a inquirição. Como não se constata qualquer semelhança entre Robert Sowinski e Daniel Truttman, não há razão para continuar a analisar a relação entre Carol e Robert. Em vez disso, perguntou-se por mera formalidade se o apelido Sowinski é de origem polaca. «Precisamente», respondeu o pai, que é membro do executivo municipal, como Mrs. Sowinski não se cansou de realçar. Uma parte da família é oriunda da Polónia, a outra parte da Boémia.

MW agradeceu à família Sowinski pelo tempo dispensado e preparou-se para se ir embora, mas entretanto Robert perguntou se Daniel estava a receber os cuidados necessários. Comentou que Daniel era o nome do seu avô. MW respondeu com sinceridade e declarou que a situação da criança é bastante delicada: a mãe não só se recusa a dizer a verdade, como também a cuidar de Daniel, e não se sabendo quem é o pai irá ser impossível encontrar uma nova família para ele. «Oxalá se consiga em breve encontrar o pai biológico», disse

Mrs. Sowinski, fechando de seguida a porta de casa.

25.01.1954

Reunião (sem marcação) c/ Mrs. Cornell: Mrs. Cornell apareceu nas instalações dos Serviços Sociais sem aviso prévio. Estava visivelmente agitada. Começou por dizer que lhe chegara aos ouvidos uma história, mas depois de dizer isto já nem sabia como haveria de acabar de contar tal «história». Após alguma hesitação e gaguejo, lá disse que neste momento circula por Green Bay o seguinte boato: uma mulher jovem (local) teria ficado grávida na sequência de uma «orgia» com «três músicos negros de Chicago». De acordo com uma das versões dessa história, ela participa na orgia de livre vontade, mas segundo outra versão ela é submetida à vontade deles por meio do álcool. A jovem em causa é branca como a Doris Day, mas o bebé que então foi concebido é negro como a noite.

Mrs. Cornell perguntou então, já transtornada, se Miss Truttman fora coagida. Sendo esse o caso, não iriam poder aceitar a criança. Olhou para MW com uma expressão preocupada. Mrs. Cornell parecia estar à espera de uma confirmação e não de qualquer retificação. A bem da verdade, MW declarou que as circunstâncias em que a criança foi concebida não nos são conhecidas. Só mesmo Miss Truttman poderá dizer com exatidão o que se passou entre si e o pai da criança. Mrs. Cornell perguntou se Carol continuava a recusar-se a revelar a identidade do pai. MW acenou com a cabeça, em jeito de confirmação.

«Pobre criança», comentou Mrs. Cornell, «pobre criança...». Não ficou claro se se referia a Carol ou a Daniel. Com um ar abatido, Mrs. Cornell declarou que não tinham outra escolha senão desistir. Não podiam arriscar-se a ver-se envolvidos naquelas histórias, preferiam adotar «um bebé livre de escândalos». MW assegurou-lhe que entendíamos a situação e que aquela decisão não teria qualquer efeito sobre uma futura adoção.

26.01.1954

Reunião c/ Mr. Newman, John Hoberg, 10h30: A conversa com Mr. Newman, um homem grande e desengonçado, com um tom de pele castanho-amarelado e mãos largas e ligeiramente peganhentas, teve lugar numa sala de reuniões e contou com a presença da sua secretária. Em jeito de cumprimento, Mr. Newman contorceu o rosto num sorriso débil.

Depois de o caso de Carol Truttman lhe ter sido descrito, explicou que

entre o seu pessoal havia apenas um trabalhador de cor, mas que não seria possível falar pessoalmente com ele. De qualquer modo, se fosse o capataz a fazer as perguntas, as respostas seriam decerto até mais sinceras. Não tínhamos qualquer objeção em relação a isso, respondeu MW, mas ainda assim quis saber se poderíamos estar presentes e escutar a conversa.

Mr. Newman pareceu indeciso. Acabou por dizer que seria melhor se o assunto fosse tratado internamente. Eles já conheciam todos os pormenores da situação, podíamos estar certos de que Mr. Walton iria tratar do assunto com toda a rapidez e discrição. «Mr. Walton?», perguntou MW. «Mr. Henry Walton?» Mr. Newman fez um ar surpreendido. «Sim», respondeu ele, «Mr. Henry Walton é o capataz». Perguntou então se o conhecemos. MW respondeu que ele é o noivo de Miss Truttman, pelo que talvez fosse melhor ser outra pessoa a fazer as perguntas, alguém que não estivesse envolvido no caso. Mr. Newman concordou. Assim sendo, confiaria a tarefa a Mr. Clark, o substituto de Mr. Walton, que trataria do assunto tão bem e de modo tão minucioso quanto este.

MW quis saber quando poderíamos contar com o resultado do questionário, levantando-se de seguida. Mr. Newman respondeu que a sua secretária nos telefonaria na primeira semana de fevereiro e saiu da sala. MW deu então a Miss Thompson o nosso número de telefone e morada e despediu-se.

29.01.1954

Telefonema c/ Mrs. Rentmeester: De acordo com Trude, ontem à noite desenrolou-se um verdadeiro «drama amoroso» diante da janela do seu quarto: Mr. Walton e Carol estiveram a discutir alto e bom som no jardim.

Mr. Walton acusou Carol de lhe ter mentido descaradamente: não fazia ideia do quão indecente era o comportamento dela, fora um seu subalterno que o pusera ao corrente e agora era alvo de chacota de todos aqueles que trabalhavam na fábrica! Mr. Walton pôs-se a andar de um lado para o outro, por entre as árvores, enfurecido; Carol seguiu-o, produziu exclamações que mais pareciam miadelas, tentou interromper as tiradas dele e tranquilizá-lo com proclamações da sua inocência; só que este não se deixou acalmar, pois sentia demasiados ciúmes. Perguntou-lhe várias vezes, aos gritos, com quantos homens ela dormira. Quantos haviam sido afinal? A seguir exclamou que, tivesse ele sabido como ela era oferecida, nunca, mas nunca mesmo, lhe teria pedido para vir a ser sua mulher. Como podia ele dizer aquilo?, perguntou Carol, já a soluçar. Aquelas histórias eram um

exagero, eram mentirosas, nada daquilo era verdade! O pai dela trabalhara vinte anos na John Hoberg, até morrer, e Peter Clark aprendera com ele o que sabia. Eram até amigos. Como podia Peter agora pôr-se a dizer tais coisas acerca da filha do amigo? Talvez tivesse inveja de Henry, por ter sido preterido aquando da promoção.

Mr. Walton ficou a olhar para Carol como se esta fosse louca. Como podia ela afirmar uma coisa assim?, perguntou, após o que se sentou no chão, já exausto, e acrescentou que metade da cidade estava a par da leviandade dela. Carol sentou-se ao lado dele, abraçou-o e assegurou-lhe que nada daquilo era verdade. Depois começaram ambos a chorar. Por fim, ela segurou na mão dele e entraram em casa. Trude presumia que tivessem ido para o quarto de Carol, chegou a ouvir uma porta no piso superior a fechar-se. Em condições normais não autoriza que haja homens a visitar as suas inquilinas, mas na noite anterior todo aquele drama a abalou de tal modo que, depois de ter preparado uma chávena de chá de camomila, se limitou a meter-se na cama.

Ao romper do dia, Trude viu Mr. Walton a esgueirar-se de sua casa. Como tem o sono leve, foi acordada pelo rangido da porta de entrada. Mr. Walton trepou pela sebe do jardim, como se fosse um ladrão.

(MW/JE)

01.02.1954

Telefonema c/ Miss Fisher, Hospital St. Mary: Os serviços administrativos não receberam no mês passado qualquer cheque de Miss Truttman. Neste momento ela deve 395 dólares ao hospital.

03.02.1954

Reunião (sem marcação) c/ C. Truttman: Hoje de manhã, Carol irrompeu pelo nosso escritório. Era tal o seu descontrolo e histeria que todos os colaboradores conseguiram ouvir o que ela dizia.

Carol exigiu que se ponha imediatamente fim às buscas pelo pai da criança. Diz que nos forneceu o endereço da base a que Maynard pertence, bem como o número de segurança social deste e o seu próprio. Além disso, deu-nos ainda o número de telefone de Mrs. Helnore. Que mais pretendemos dela? Acabou de ser despedida, por nossa causa, e é também por nossa causa que, desde há três dias, está sem abrigo. Teve de se hospedar numa qualquer pensão reles, porque até mesmo a sua mãe se recusa a acolhê-la. O noivo deixou de falar com ela. Hesitou, mas depois acrescentou: «Mas é

claro que já sabia disto! Os seus espões mantêm-na informada!» Explicou depois em pormenor a sua teoria da conspiração: distribuímos os nossos agentes por toda a cidade, que a seguem dia e noite, que a observam e escutam para depois nos relatarem o sucedido. A situação em que ela se encontra é comparável à de uma mosca numa teia de aranha. Nós, a aranha, fazemos com que ela, a mosca, se veja cada vez mais em apuros, pois no fim de contas o que pretendemos é matar a nossa presa. Disse, aos gritos, que queremos destruir a vida dela, destruí-la a ela, tirar-lhe tudo o que tem de seu. O homem que ela ama repudiou-a, e o mesmo aconteceu com a família! Estamos satisfeitas?, perguntou. Estamos por fim satisfeitas? Fitou MW com os olhos esbugalhados e o cabelo desgrenhado e por lavar, quase parecia um animal feroz caído numa armadilha. Nesse ponto, há que dar-lhe razão: encostámo-la à parede, muito embora não fosse o que queríamos. E foi isso que tentámos explicar-lhe de um modo tão cauteloso quanto possível. Nunca foi nossa intenção magoá-la, não a perseguimos a ela, mas sim à verdade. «A verdade, a verdade...», gritou Carol. Disse que não temos nada que ver seja com que verdade for e avançou na direção de MW de punhos levantados... Miss Murphy e Miss Wagner tiveram de agarrá-la. Carol chegou mesmo a morder e bater nos enfermeiros; deverá ser mantida no hospital até amanhã, para observação.

04.02.1954

Telefonema c/ Irmã Aurelia, Hospital St. Mary: Segundo a Irmã Aurelia, Carol teve alta ao meio-dia. Foi Mrs. Bellin que veio buscá-la.

05.02.1954

Telefonema c/ Miss Thompson, John Hoberg: Miss Thompson declarou que a inquirição não produziu quaisquer resultados. O operário de cor que trabalha lá na fábrica assegurou, de um modo credível, que não conhece Miss Truttman. Só chegou a Green Bay no início de agosto de 1953. Antes disso vivia em Savannah, na Geórgia.

08.02.1954

Telefonema c/ Padre Rose, Paróquia St. Mary, Milwaukee: O Padre Rose comunicou-nos que possivelmente terá encontrado uma família para Daniel. Mr. e Mrs. Pauly, que vivem em Green Bay e são seus parentes afastados (Mrs. Pauly é sua prima por afinidade), gostariam

de visitar Daniel. O casal já não é jovem e criou cinco filhos. A filha, que é a mais velha dos cinco, está já casada e ela própria irá ter em breve uma criança. O filho mais novo ainda frequenta o liceu (St. Norbert Highschool). Os Pauly sabem que Daniel é mestiço e nada têm contra isso. Como a criança tem já sete meses, gostariam de conhecê-la em breve, de preferência este domingo, 14 de fevereiro de 1954, às 14 horas, se tal for possível.

MW confirmou a data e hora do encontro, prometeu informar a Irmã Aurelia e estar presente para receber o casal Pauly.

Miss Murphy, que, desde o acesso histérico de Carol ocorrido há cinco dias, pretende concluir o caso o mais depressa possível, ficou radiante com esta notícia. Disse que deveremos apresentar a solução da adoção aos Pauly de um modo «tão cativante quanto possível».

09.02.1954

Telefonema c/ Mrs. Rentmeester: Trude tinha duas coisas a comunicar-nos:

1.) Carol está novamente a morar em sua casa. Mrs. Bellin implorou-lhe que aceitasse a filha de volta, não tendo ela sido capaz de recusar a ajuda a uma mãe desesperada. E Mrs. Rentmeester disse que Carol poderá ficar até 28 de fevereiro, mas depois deverá procurar outro alojamento. Mrs. Bellin concordou.

2.) Mr. Walton deu início ao processo de separação. Em todo o caso foi isso que disse Gladys, uma amiga de Trude que trabalha no tribunal. A (futura) ex-mulher pediu ao juiz que acelerasse o processo, pois nada quer ter que ver com a amante do seu marido e os assuntos de ambos. O juiz decerto entenderá perfeitamente esse desejo.

Em jeito de conclusão, Trude relatou que, desde a semana passada, Mr. Walton não voltou a ser visto, nem no interior nem nas imediações da casa dela. Há algum tempo que também não vê Carol. A rapariga trancou-se no seu quarto e recusa-se a sair.

11.02.1954

Visita / Arquivo da Green Bay Press-Gazette: A procura por outros músicos de *jazz* de cor, que pudessem encontrar-se em Green Bay na altura em que Daniel Truttman terá sido concebido, não teve quaisquer resultados.

O Jimmy-Jordan-Trio foi a única banda de negros que permaneceu quatro meses – de meados de agosto até ao início de dezembro de 1952 – em Green Bay. Pelo que se conseguiu perceber das fotografias existentes na *Green Bay Press-Gazette*, todos os restantes

cantores e músicos eram de pele clara e/ou do sexo feminino.

12.02.1954

Telefonema c/ Agente Mitchell: O Agente Mitchell, que faz as suas rondas de vigilância na vizinhança onde MW mora e que a tem aconselhado frequentemente no caso de Daniel Truttman, teve a amabilidade de nos agendar uma reunião com o seu superior, o Comandante Lee. A conversa ocorrerá na segunda-feira, 15 de fevereiro de 1954, às 9 horas.

14.02.1954

Reunião c/ Mr. e Mrs. Pauly, Orfanato St. Mary, 14h00: Antes de os Pauly chegarem, a Irmã Bernadette, que é quem cuida de Daniel, explicou que o bebé é saudável, já aumentou de peso e tem crescido bastante. Tenta agora gatinhar na sua cama de grades, o que acaba por ser muito divertido, pois estica os bracinhos e perninhas na horizontal, acabando por parecer que está a remar no ar, como se quisesse nadar. No entanto, nem sequer sai do mesmo sítio, fica apenas a oscilar, para cá e para lá, sobre a barriga redonda, como se fosse um inseto desajeitado.

Desde a nossa última visita (10 de dezembro de 1953), o aspeto da criança alterou-se bastante. O tom da sua pele escureceu um pouco, os cabelos, que eram castanhos e lisos, passaram a ser castanho-escuros e ligeiramente ondulados. O seu nariz vai-se tornando cada vez mais bulboso e trapezoidal – as características primitivas passam a ser dominantes. Os lábios são grossos, mas as pregas palpebrais típicas dos negros permanecem ausentes.

Em comparação com Daniel, Mr. e Mrs. Pauly têm um aspeto angelicalmente branco. São ambos louros, de pele clara e olhos azuis. A diferença entre a criança e os adultos é impressionante. MW abordou esse assunto com o casal. Mrs. Pauly explicou que isso não os incomoda minimamente; de resto, diz que conhecem já de antemão as implicações do que se propõem fazer. Não houve como não reparar no quanto Daniel a cativou desde o primeiro momento – já não queria largá-lo do colo, e também o bebé se agarrava aos braços dela como se fosse um macaquinho. Mr. Pauly ficou a observar o espetáculo, ia sorrindo com um ar bondoso e, de vez em quando, afagando a face ou o cabelo da criança. Quando os olhares dele e de MW se cruzaram, este declarou (como que a desculpar-se) que a sua mulher adora crianças. Desde que a filha mais velha se casou, ela aguarda ansiosamente a chegada de um neto. Porém, impaciente

como é, não conseguiu resistir assim que o Padre Rose lhe contou a história do pequeno Truttman. Ela dissera que teriam de proporcionar-lhe um lar, que poderiam perfeitamente viver um pouco mais acanhados e que, quando o pequeno viesse a precisar de ter o seu próprio quarto, já os outros teriam saído de casa há muito. O seu filho mais novo acabou de fazer 15 anos.

Perguntámos ao casal Pauly se tem experiência com crianças negras. Mr. Pauly abanou a cabeça. Em Green Bay praticamente não há negros, por isso ninguém tem experiência com crianças negras. Voltámos a fazer a pergunta, mas de outra maneira: terão eles consciência de que será mais difícil educar uma criança negra do que uma branca? Mrs. Pauly, que até então apenas havia escutado o que se dizia enquanto ia brincando com Daniel, interveio dizendo que está a contar com isso. Preocupava-a que na escola viessem a fazer pouco dele por causa do seu aspeto diferente. Acrescentou que tivera esperança de que ele se parecesse menos com o pai e mais com a mãe; infelizmente não é assim, mas não se sabe como ele irá desenvolver-se. De qualquer modo, é num instante que os bebés mudam.

MW perguntou ainda se toda a família está de acordo com a adoção de um bebé de cor. Qualquer criança estranha à família será sempre uma fonte de tensões, e uma criança mestiça sê-lo-á certamente ainda mais. Mrs. Pauly concordou, com um lento aceno de cabeça. Terão ainda de falar com todos a respeito do assunto, mas Sarah, a filha mais velha, já começou a tricotar um casaquinho para Daniel, e mesmo Joshua e Peter, os dois mais novos, correram para a cave, em busca de brinquedos antigos. E em relação aos rumores a respeito da mãe da criança, insistiu MW, por acaso já lhes tinha chegado alguma coisa aos ouvidos? Mr. e Mrs. Pauly trocaram um olhar. Mr. Pauly afirmou que tinham ouvido uma coisa ou outra, mas que nessas histórias fala-se sempre dos pais, não da própria criança. Que sentido faz atribuir as culpas de um adulto a um ser inocente? Não estão a contar que venha a ser fácil, disse Mrs. Pauly, até porque há muitos preconceitos, mas em conjunto, e sobretudo com a ajuda do Padre Rose, querem fazer tudo o que puderem para ajudar uma criança potencialmente infeliz a ter um futuro feliz. MW explicou que irão ter de esperar até que demos as nossas investigações por concluídas, mas que depois nada obstará a que se siga em frente com uma adoção.

Os Pauly acenaram lentamente com a cabeça. Ficou a impressão de que estariam um pouco irritados. Mrs. Pauly apertou Daniel uma última vez nos braços antes de o deitar na sua caminha. A criança começou a chorar e não quis separar-se dela. Também Mrs. Pauly tinha lágrimas nos olhos quando se afastou de Daniel.

15.02.1954

Reunião c/ Comandante Lee, Esquadra Principal de Green Bay, 9h00: O Comandante Lee é um homem bastante ocupado. Ainda assim, cumprimentou MW de um modo afável e escutou-a pacientemente enquanto esta lhe expôs os pormenores do caso Truttman. Após ela terminar o seu relato, ele disse que o ideal seria evitar este tipo de investigações. Acrescentou que a insensatez dos jovens deve ser combatida assim que começa a manifestar-se, por vezes até com apoio policial. O Agente Mitchell irá então dirigir a investigação, prosseguiu, podendo contar com o apoio de toda a força policial de Green Bay.

O Agente Mitchell tem perto de 30 anos e a sua família é oriunda da Escócia. Tem cabelo louro acobreado, de aspeto crespo, e um nariz grande e largo, cuja ponta quase toca no lábio superior, que é bastante fino (o lábio inferior é apenas um pouco mais grosso). Howard, como gosta de ser chamado, é grande e tem porte atlético; na equipa de futebol americano da escola era o *running back*. Disse que terá todo o gosto em fazer as averiguações deste caso, pois sempre será qualquer coisa diferente das habituais rondas.

Howard já deu os primeiros passos na investigação. De momento, há 85 homens negros e 23 mulheres negras a residir na região metropolitana de Green Bay. Desses 85 homens, há nove que vivem na cidade de Green Bay. Quatro têm mais de 45 anos e são casados, dois têm mais de 35 e são também casados, dos restantes três há um homem que só desde o outono do ano passado é que vive cá. Assim, de acordo com a opinião dele, só dois homens é que poderão ser considerados como passíveis de serem o pai da criança: um tal Mr. Jones e um outro, Mr. Taylor.

Mr. Jones trabalha como mecânico na oficina de automóveis Meyer & Sons, ao passo que Mr. Taylor está registado como desempregado. MW quis saber por que razão ele excluía o grupo acima dos 35 anos das investigações, ao que Howard respondeu que não imaginava que Miss Truttman se envolvesse com um pai de família: uma rapariga jovem como ela apenas se sentiria à vontade com homens da sua faixa etária. MW retorquiu que lhe era difícil avaliar a idade dos homens de cor; um negro de quarenta anos poder-lhe-ia dizer que era dez ou até vinte anos mais novo e ela acreditaria. O Agente Mitchell riu-se, incrédulo, e a seguir prometeu que iria verificar todos, mas perguntou: «Talvez possamos pôr de parte os sexagenários, não?» MW concordou. Quando esta lhe pediu para estar presente aquando

das inquirições, Howard olhou-a com um ar de dúvida. «Trata-se de uma investigação policial oficial...», disse ele lentamente. MW objetou que o caso era, acima de tudo, uma investigação de paternidade e que não fora cometido qualquer delito. «Ao que sabemos...», respondeu Howard, mas acabou por ceder. Uma vez que se tratava de visitas domiciliárias, ela poderia vir também.

Desdobrou o mapa da cidade de Green Bay e assinalou nele todos os locais que, ao longo dos próximos dias, iriam visitar, a começar pelos dois homens que pareciam ter maior probabilidade de ser o pai da criança.

16.02.1954

Visita a casa de Mr. A. Jones, 18h00: Archie Jones não se encontrava em casa. A mãe dele informou-nos de que, depois de terminar a Guerra da Coreia, este nunca regressou a casa. Foi mobilizado há três anos. A ela apenas disseram que o filho está dado como desaparecido. Não se sabe o que lhe terá acontecido.

Através da abertura da porta, conseguia ver-se o pai de Mr. Jones. Estava sentado no sofá, na sala de estar, com os olhos cravados num jornal amarrotado. Terá no máximo perto de 50 anos, no entanto parece mais velho. O seu filho terá mais ou menos a mesma idade que Carol. Concordámos que os Mr. Jones, tanto o filho quanto o pai, estão fora de questão quanto à possibilidade de serem o pai da criança.

Antes de Howard se despedir, deu a conhecer que pediu a um colega para investigar se na área abrangida pela sua esquadra terá ocorrido alguma violação no final do outono de 1952. O Agente Davis faz as rondas nas imediações do Zebra Lounge.

17.02.1954

Visita a casa de Mr. C. Taylor, 9h00: Antes mesmo de conseguirmos fazer qualquer pergunta, Mrs. Taylor declarou que o filho emigrou e desde há um ano que está a viver no Canadá. «Desde há um ano?», perguntou o Agente Mitchell. «Mas qual foi a altura exata em que Mr. Taylor emigrou?» Teria de fazer contas de cabeça, resmungou Elizabeth Taylor (que no entanto não se assemelha nem um pouco a Liz Taylor). «Em janeiro de 1953», respondeu ela, sem parar de nos fitar. «Não», corrigiu-se, «foi em dezembro de 1952, a seguir ao Natal».

Howard perguntou se ele alguma vez teria mencionado o nome de uma jovem chamada Carol Truttman. Como seria de esperar,

Mrs. Taylor abanou a cabeça com veemência e assegurou que o filho jamais mencionara qualquer Carol Truttman. E acrescentou que este também não tinha participado em nenhuma orgia: o sentido de decência que ele tem nunca lho permitiria. Disse que o seu Cary é bastante tranquilo e brando, razão pela qual teve também dificuldade em encontrar trabalho. «Há que ser-se mais sonoro quando nos anunciamos, há que atrair as atenções para não se passar despercebido...» E, já a murmurar, disse: «Quando se é negro, é com facilidade que se passa despercebido. A menos que tenha sido cometido um crime, claro. E é disso que se trata, não é?» Perguntou-nos se andamos à caça de algum criminoso.

MW decidiu então intervir. Realçou que não é esse o caso, mas que se tratava de uma criança que iria ter de crescer sem pai, sem a sua verdadeira família. Dirigiu o olhar para as fotos de família afixadas na parede. A imagem de um bebé, que decerto não teria mais de um ano, chamou-lhe a atenção. Mrs. Taylor deu-se conta disso e afirmou tratar-se de Cary aquando do seu primeiro aniversário. «E qual o aspeto dele hoje em dia?», perguntou MW. «Ficou muito diferente?»

Mrs. Taylor abanou a cabeça. Sorridente, afirmou que continua a parecer um bebé, após o que retirou outra fotografia da parede. Aí podia ver-se um jovem de fato e gravata. «É de quando fez o crisma», explicou Mrs. Taylor, e acrescentou que desde então o seu aspeto não se alterou, pois continua a ter um bigode ralo.

Cary Taylor não é um homem bem-parecido, poder-se-ia mesmo dizer que pode ser contado entre os espécimes feios da sua raça. É improvável que uma mulher como Carol tivesse um relacionamento com ele; habitualmente, o bom aspeto de um negro terá de se situar acima da média para que este possa despertar o favor de mulheres normais.

Mrs. Taylor suspirou. «A rapariga é branca, não é?», perguntou. Howard, por sua vez, perguntou-lhe qual a origem de tal suposição. Esta respondeu que ia ouvindo certas coisas. Ele confirmou que a criança era mestiça. Nesse caso, retorquiu ela, de certeza que o seu filho não era o pai, pois ele não se interessava por raparigas brancas. Ter de desmotivá-lo disso fora uma preocupação a menos que ela tivera. Mrs. Taylor riu-se. As mulheres negras excitavam-no, mas as brancas eram-lhe indiferentes. Fora por isso que o filho emigrara, exclamou ela, a escolha aqui era muito limitada! Assim sendo, o melhor teria sido rumar a sul, opinou Howard, após o que esboçou um sorriso irónico. «Para quê? Para acabarem por enforcá-lo?» Mrs. Taylor dirigiu um olhar muito pouco amistoso a Howard. Este ainda lhe perguntou, a gaguejar, se ela poderia fornecer-nos a morada do filho no Canadá, mas esta limitou-se a olhar para ele, desta vez com dó. «Não», disse por fim Mrs. Taylor, e fechou-nos a porta na

cara. Concluímos que era grande a probabilidade de Mr. Taylor não ser o pai de Daniel Truttman, até porque as semelhanças entre ele e a criança são muito poucas.

Em virtude de compromissos já assumidos, durante a tarde o Agente Mitchell irá realizar sozinho as inquirições.

18.02.1954

Telefonema c/ Mrs. Pauly: Logo no início da conversa, Mrs. Pauly deu a saber que tinha uma boa notícia para nos dar. Eles decidiram acolher Daniel no seu lar – de início enquanto pais de acolhimento, mas não está posto de parte virem a adotá-lo.

Apesar das nossas objeções, ela não se deixou demover da decisão tomada. Mr. Pauly e ela estão cientes do passado de Miss Truttman, consideraram tudo isso aquando da tomada de decisão e concluíram que a criança é uma vítima. Estão decididos a pôr fim àquela infelicidade. Só porque veio ao mundo em circunstâncias pouco favoráveis, a criança não deverá estar condenada a ter uma vida infeliz.

Foi-lhe então explicado que teremos todo o gosto em avançar com o processo e formalizar o acolhimento, assim que a investigação policial for dada por terminada. Mrs. Pauly perguntou quando é que isso acontecerá. «Por enquanto não há como sabê-lo», respondeu MW, «as inquirições ainda só agora começaram».

Mrs. Pauly manteve o silêncio, que parecia conter qualquer coisa de reprovador. Disse por fim que irão aguardar pacientemente até a investigação estar terminada, e de seguida desligou.

Telefonema c/ Agente Mitchell: Howard relatou que Myron Gordon (47 anos, pai de quatro filhos, operário numa fábrica de transformação de madeira) assegurou de maneira credível não conhecer Carol. O mesmo se aplica a John Gaie (45 anos, pai de três filhos, estivador), Ray Moore (55 anos, pai de cinco filhos e avô de dois netos, dono de uma exploração leiteira na orla leste da cidade) e Richard Hamilton (51 anos, pai de três filhos e avô de quatro netos, estivador). Howard acrescentou que lhe mostraram fotografias e que nenhum dos quatro homens apresenta semelhanças com Daniel Truttman.

(MW/JE)

19.02.1954

Hoje de manhã Miss Murphy chamou MW ao seu gabinete. Nem

sequer lhe ofereceu a possibilidade de se sentar; em vez disso, tratou logo de perguntar por que razão a Polícia está a realizar inquirições no caso de Daniel Truttman.

MW explicou que, não sendo assim, não vê qualquer possibilidade de se encontrar o pai da criança. «Se a mãe da criança não coopera», disse Miss Murphy, já irritada, «deveremos concentrar todos os nossos esforços em encontrar uma família que aceite a origem desconhecida da criança». E, prosseguindo, disse ainda que, no fim de contas, a origem nem é tão desconhecida assim, já que a criança é obviamente de cor! MW deverá concluir de imediato a dita investigação. Entretanto já há rumores a circular livremente pela cidade, o que por si só quase impossibilita que se encontre um lugar para o jovem Truttman numa família de acolhimento. Já para nem falar de adoção... Miss Murphy perguntou se MW se dá conta das consequências das suas ações. MW deu a saber que não fez nada mais que não fosse o seu trabalho e que naturalmente tem perfeita consciência do que está a fazer.

Miss Murphy ruborizou-se. Erguendo o tom de voz, disse que MW é uma pessoa arrogante e incorrigível. Pelos vistos, não se deixa impressionar minimamente pelo facto de, em resultado dos boatos, Miss Truttman ter perdido o emprego e o quarto onde morava, além de, entretanto, também o seu noivo a ter deixado. Indignada, Miss Murphy até arquejou. MW defendeu-se, afirmou que não é de forma alguma responsável por tais boatos, do mesmo modo que não é responsabilidade sua o facto de Miss Truttman ter perdido o emprego, o alojamento e agora também o noivo: foram o empregador, a senhoria e o noivo a tomar tais decisões. Miss Truttman, porém, andara a induzi-la em erro desde o início; tivesse ela dito a verdade e a situação não teria chegado aonde chegou. Miss Murphy ficou sem saber o que responder. Resmungou apenas: «Por que razão não se limita a fazer o seu trabalho?»

Dever-se-á aqui deixar registado que é precisamente isso que MW faz: ela tenta não apenas determinar a identidade rática da criança, mas também conduzi-la à sua verdadeira família, de modo que não tenha de crescer entre estranhos, no seio de uma cultura que lhe é desconhecida. Foi isso que, com toda a paciência, MW tentou explicar a Miss Murphy, mas esta nem sequer lhe deu ouvidos: instruiu MW no sentido de estabelecer imediatamente o contacto com o casal Pauly, para se garantir que estes virão a acolher Daniel Truttman.

Como a conversa decorreu ao longo de toda a manhã, o Agente Mitchell teve de realizar sozinho as inquirições que estavam previstas para hoje.

Telefonema c/ Agente Mitchell: Howard telefonou para fazer um ponto da situação. Na sua opinião, está fora de questão que qualquer um

dos seguintes homens seja o pai de Daniel Truttman: Gene Williams (36 anos, pai de três filhos, empregado numa pequena mercearia); Clark Phillips (38 anos, pai de dois filhos, trabalhador temporário num cabeleireiro); Eugene Montgomery (40 anos, pai de quatro filhos, trabalhador temporário numa fábrica de transformação de madeira). Gene tem o pé boto, Clark é extremamente corpulento e a Eugene faltam dois dedos de uma mão, em resultado de um acidente. Qualquer dessas características, bem como o facto de a criança não exibir semelhanças óbvias com nenhum dos três homens, servem para excluí-los do grupo dos suspeitos.

Assim sendo, concluiu Howard, este grupo de suspeitos fica reduzido a nada. No entanto, as investigações não podem ser dadas como terminadas; talvez o Agente Davis ainda venha a ter qualquer coisa interessante para comunicar.

22.02.1954

Telefonema c/ Mrs. Rentmeester: Trude ouviu falar da investigação policial e telefonou para perguntar se nós – tanto os Serviços Sociais como a Polícia – estamos a par do facto de ter havido um negro na família de Mr. Walton. MW respondeu que não, que o desconhecemos.

Trude disse que também ela teve dificuldade em acreditar, mas pelos vistos o avô de Mr. Walton terá mesmo sido um negro mestiço. O pai de Walton terá tido sorte e não herdou os genes negros, mas duas gerações mais tarde esses genes parecem ter voltado a ganhar preponderância. Entusiasmada, Trude exclamou que esta é decerto a solução. Carol não terá tido intimidade com um negro, mas antes com o seu noivo. Só que na altura em que Daniel foi concebido ela ainda não conhecia Mr. Walton, objetou MW. Trude exaltou-se e respondeu que isso é apenas uma suposição, Mr. Walton tem de ser o pai, que outra razão poderá haver para ele não ter já tratado de romper o noivado? «Depois de um escândalo assim, homem nenhum quer casar-se com uma mulher destas!»

MW prometeu a Trude que transmitiria esta teoria ao Agente Mitchell. Há um ponto a favor dela: talvez isso explique o facto de Carol jamais nos ter dito a verdade sobre o que quer que fosse.

23.02.1954

Telefonema c/ Agente Mitchell: Howard explicou que, de acordo com o Agente Davis, o seu colega, não foi participada qualquer violação no espaço de tempo decorrido entre outubro e dezembro de 1952 (quer

na sua área de patrulha específica, quer em toda a cidade). Poder-se-á assim excluir a hipótese de a gravidez ter resultado de um ato violento.

O Agente Mitchell mostrou-se bastante interessado na teoria de Mrs. Rentmeester. Discutimo-la em pormenor e chegámos à conclusão de que ainda hoje deveria ser combinada uma reunião com Mr. Walton, com vista a efetuar-se uma inquirição.

24.02.1954

Telefonema c/ Agente Mitchell: Howard relatou a conversa que teve com Mr. Walton. Este perdeu a compostura e gerou-se uma alteração. Mr. Walton anunciou que só comparecerá para a inquirição na presença do seu advogado. Ainda assim, foi possível combinar uma data: terça-feira, 2 de março de 1954, às 8 horas.

25.02.1954

Reunião (sem aviso prévio) c/ Mrs. Pauly: Mrs. Pauly insistiu em falar connosco, embora por diversas vezes lhe tenha sido explicado que tal não é possível sem marcação prévia. Ela está preocupada com o facto de a criança não receber atenção suficiente. Daniel já passou os primeiros seis meses da sua vida sem proximidade física e sem interação, Mrs. Pauly diz não entender por que razão «prolongamos o sofrimento dele».

Mrs. Pauly estava indignada, o que até certo ponto é compreensível, ainda que não justifique por completo a sua atitude. Foi-lhe garantido que estamos a dar o nosso melhor no sentido de reunir Daniel Truttman com a sua família. Afinal, o melhor para ele não será crescer no seio daquela que, em termos genéticos, é a sua própria família? O que sabe ela, Mrs. Pauly, acerca da cultura dos negros (americanos)? Até mesmo no seio da família Pauly, que sem dúvida será uma família afetuosa, a criança permanecerá um estranho. O nosso objetivo consiste em reuni-la com o seu ambiente natural. Será esse um intuito assim tão reprovável?

Sem sequer responder à pergunta, Mrs. Pauly abandonou a sala com passos pesados.

26.02.1954

Resposta negativa / Gabinete de Serviços de Beneficência Católica de Madíson: Miss Chaplain escreve que infelizmente não está em

condições de mediar o processo de uma criança negra.

(MW/JE)

01.03.1954

Telefonema c/ Mrs. Rentmeester: Acabámos de ser informadas de que Carol tentou pôr fim à própria vida mediante a ingestão de uma dose excessiva de comprimidos para dormir. Foi levada para o Hospital St. Mary. Só mais tarde se saberá se tal intervenção ainda foi realizada a tempo.

02.03.1954

O processo de Daniel Truttman será provisoriamente posto sob a supervisão de Miss Murphy, uma vez que o vínculo de Miss Winckler aos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay cessou, com efeitos imediatos.

(MM/JE)

O dossiê com o processo de Danny não era grosso, mas, mesmo após as quinze horas da viagem de regresso, ainda só tinha lido a primeira metade; para a outra metade precisei de quase um ano. Atribuí a responsabilidade disso às interrupções diárias e aos longos intervalos entre leituras, que me obrigavam a voltar atrás. Senti vontade de, tal como na infância, poder dispor livremente do meu tempo, mas no fundo o fluxo da leitura foi sendo interrompido pelas minhas considerações: não sabia de que modo poderia cumprir a minha promessa. Descobrir alguma coisa a respeito de Marlene Winckler, por muito pouco que fosse, afigurava-se-me uma tarefa impossível de cumprir. Afinal, que sabia eu acerca dela? Que era austríaca e que vivera na América durante uns tempos, mais nada. Sem grande convicção, fiz uma busca no Google pelo nome dela, cujo resultado obviamente não me rendeu nada, nem um só indício que me pudesse levar a algum lado.

Desisti. Não o admiti, mas desisti. Disse a mim mesma que precisava de mais tempo, tempo esse de que não dispunha, pois tinha de cumprir os prazos de entrega de artigos, preparar sessões de leitura e conferências, participar em painéis de discussão. Na verdade, senti necessidade de concentrar toda a atenção no meu livro. Não tardou que estivesse a trabalhar febrilmente no romance; com efeito, era grande a impaciência, o trabalho avançava com demasiada lentidão, estava sempre a olhar para o fim, ia contando as páginas, não era capaz de me concentrar em mais nada. Depois instalou-se a tranquilidade e, neste estado de surdez, os dias foram-se seguindo uns aos outros, passaram a confundir-se. O pedido de Joan foi remetido para um futuro em que este trabalho estaria já terminado. Passaram-se três anos e não desperdicei qualquer outro pensamento no assunto dos Truttman. E como também não recebi mensagem alguma dos EUA, esqueci-me simplesmente de alguma vez ter feito uma promessa.

No verão de 2016, aquando da escolha de Donald Trump pelo Partido Republicano como candidato à eleição presidencial, chegou por fim a altura de enviar o manuscrito para a editora. Separar-me de um livro que me acompanhou ao longo de vários anos é qualquer coisa que me custa, apesar das divergências que se vão impondo entre mim e o texto, entre mim e o processo de escrita. A despedida tem de acontecer devagar, tem de decorrer de modo suave. Começo por arrumar todas as anotações, todos os apontamentos e blocos de notas numa caixa, a seguir faço o mesmo com todos os livros, fotocópias e imagens, por cima dos quais ponho as várias versões do

manuscrito, numeradas de acordo com a data. Quando já tenho tudo guardado na tal caixa, coloco-a na minha estante, numa prateleira mais acima ou mais abaixo. De tempos a tempos empurro caixas dessas, as menos volumosas, para debaixo da cómoda ou da minha cama.

Enquanto percorria as diferentes versões do romance, o processo de Danny veio novamente parar-me às mãos. Folhee-i-o, passei uma vista de olhos pela parte que ainda não lera e fui encontrar uma mensagem de Joan, uma folha de papel pautado, em formato *US Letter*, que estava dobrada e fora posta entre as duas últimas páginas:

*Dear Fran,
this is the address I have for Marlene Winckler:
19 Fuerthweg
Vienna 1130
Austria
Love, Joan*

Acredito em acasos, isto é, acredito que a vida é muito mais regida por acasos do que aquilo que queremos (e somos capazes de) admitir, mas quando, por mero acaso, sou confrontada com um acaso, quando este se revela descaradamente diante dos meus olhos, é difícil não me sentir surpreendida...

a última morada conhecida de Marlene ficava no bairro onde cresci.

Não é de bom grado que me encontro com pessoas do meu passado, sinto que este tipo de viagem no tempo é errado, que é um passo atrás: como se tivesse de voltar a decompor, peça por peça, o mecanismo de um relógio acabado de montar. A lugares do passado, pelo contrário, gosto de regressar, pois tais sítios são meros armazéns dessas recordações, nada mais. É certo que um reencontro com eles também não decorre de um modo isento de conflitos, mas trata-se de um confronto que consigo gerir, que posso contrariar ou evitar. Chego até, em intervalos regulares, a viajar para cidades onde vivi, procuro os edifícios em que morei, subo furtivamente as escadas, por vezes até me aproximo dos apartamentos. Percorro as ruas, os meus trajetos preferidos em direção ao café, à padaria, à mercearia, à estação de metro mais próxima, ao jardim, revivo um excerto de um quotidiano passado e sinto-me maravilhosamente reconfortada. Essa é a única forma de nostalgia que me permito. Não possuo quaisquer álbuns fotográficos, há anos que deixei de tirar fotografias, apago todos os *e-mails* com mais de um ano. Além disso, caso receba cartas ou postais, deito-os fora depois de lidos. Não mantenho nenhum diário, nem exponho a minha vida na Internet. Quando anoto qualquer coisa para o trabalho que depois me pareça de natureza privada, trato logo de

arrancar a página do caderno de apontamentos. Rejeito o recurso a auxiliares de memória, recuso entregar-lhes as rédeas do que recordo. Uma recordação só o é quando começa a desvanecer-se, a combinar-se com outras recordações, quando os limites de cada uma delas se confundem, quando afrouxa a intensidade da sua cor, cheiro ou sabor, quando perde o poder, quando se torna inofensiva... Gosto de regressar a lugares do passado, mas até então sempre evitara aquele local da minha infância e adolescência.

Quando se vê o mundo a partir do 13.º Bairro, quando se tem uma perspetiva tão limitada como esta, é naturalmente grande a tentação de destacar a Lainzer Straße, de saber mais acerca dela, de a elogiar e lhe dar uma certa importância^[4]. Pode dizer-se que é uma rua especial, por se chamar *Straße* e não *Gasse*^[5] e por o seu extremo norte se situar bem próximo do parque do Palácio de Schönbrunn. Pode ainda dizer-se que é especial porque divide o bairro de Hietzing numa metade mais requintada, onde imperam as vivendas, e noutra menos requintada, que faz fronteira com Meidling e onde foi construída a maioria da habitação pública, se bem que daquela que em nada desfigura o aspeto geral da cidade. É também importante por ser percorrida pela linha 60 do elétrico – o principal meio de transporte nesta zona, se não se incluir as bicicletas e as viaturas próprias –, sendo certo que também aí circulam autocarros. No meu passado, a linha 60 era mais do que apenas um elétrico, as suas paragens e carruagens eram lugares de encontro, determinados grupos de pessoas reuniam-se em determinadas carruagens, os jovens mais atrás, os de meia-idade a meio, ao passo que os mais velhos se ficavam pela parte da frente, de modo a posicionarem-se o mais próximo possível do condutor: tinham sempre, na ponta da língua, uma qualquer pergunta pronta para lhe ser feita. Para mim, era no 60 que a cidade começava, pois sentia que vivia numa aldeia. Ainda hoje tenho a impressão de que o 13.º Bairro é qualquer coisa separada do resto de Viena: quando penso em Hietzing, vejo diante de mim um vale, respeitavelmente ajardinado e cuidadosamente ornamentado com anões de jardim, coelhinhos da Páscoa e roseiras. Os passeios estão limpos e vazios, entre as moradias unifamiliares erguem-se prédios de habitação – e embora nestes últimos vivam várias famílias, tais construções assemelham-se a moradias unifamiliares. Em comparação com o resto da cidade, as pessoas de Hietzing mantêm tudo mais limpo, os automóveis estacionados ficam mais paralelos ao passeio. O local é idílico. Tal idílio foi perturbado apenas uma única vez, na altura em que, por ocasião das eleições presidenciais de 1986, o passado nazi de Kurt Waldheim foi posto a descoberto: só com relutância é que o sonoro e vigoroso apoio prestado ao alegado inocente se silenciou. Naquela altura, tinha a impressão de que era um só o caminho que conduzia para fora de Hietzing...

quem lá vivia não se sentia nada incomodado com isso, pois tudo o fosse preciso, tudo aquilo por que se pudesse ansiar, se conseguia encontrar no bairro: as casas comerciais na Hietzinger Hauptstraße, as lojas mais pequenas e os restaurantes ao longo da Lainzer Straße. Podia-se até fazer caminhadas

sem se sair dos limites do bairro (na reserva animal do Lainzer Tiergarten, seguindo as pisadas de Sissi), havia bom café e especialidades gastronómicas nas imediações do parque do Palácio de Schönbrunn e para se experimentar comida exótica (chinesa) ia-se ao centro comercial Ekazent. Podia-se também aprender a dançar e, tendo em conta que a Escola de Dança Elmayer ainda ficava longe, haveria que contentar-se com uma escola que não era das de renome, mas em compensação poder-se-ia aplicar os conhecimentos adquiridos numa das noites de baile no Parkhotel Schönbrunn. Em termos de cultura, e este era um assunto importante para os habitantes de Hietzing, dispunha-se ali de um cinema – que, embora por pouco, se situava ainda nos limites do bairro –, de uma galeria onde eram expostas naturezas-mortas de ramos de flores com gatos, bem como dos edifícios da parte antiga de Hietzing em estilo Arte Nova e Biedermeier. Ainda aluna da escola primária, tive oportunidade de, juntamente com a minha turma, admirar as varandas corridas em redor dos vários andares no pátio interior de um desses edifícios. A parte menos boa era o teatro. Para tal havia que sair do bairro, a menos que a pessoa se contentasse com o Teatro do Palácio de Schönbrunn ou com as peças da escola. O grupo de representação do meu liceu esforçava-se por atenuar essa escassez com Nestroy, Dürrenmatt, Thornton Wilder e, claro, com *O Senhor Biedermann e os Incendiários*, de Max Frisch. Frau Klimek, a minha professora de biologia do ensino secundário – que dividia a vida humana em duas categorias, a que era *preciosa* e a que era *indigna*, e que se serviu do meu rosto para demonstrar as características da *raça mongoloide* –, jamais foi vista entre o público, mas em compensação foi presença assídua na sala de professores até chegar a altura de se reformar.

O tempo era o meu inimigo, tive de cumprir a pena integralmente, contei os dias até por fim poder deixar o 13.º Bairro, no ventre de um elétrico da linha 60, com uma mochila às costas. O aconchego e a tranquilidade do quotidiano, o olhar que não se dirigia para dentro, mas para a orla exterior do íntimo, tudo isso admitia a ilusão de que não só o mundo se mantinha incólume como jamais estivera sequer à beira da destruição. Destruição era coisa que ali não existia; por aquelas bandas era consensual que destruição era uma noção resultante de pessoas que viviam fora de Hietzing, de criaturas distantes da cultura, sem acesso a ela nem a Deus.

Após o exame final do liceu, deixei a aldeia em que nasci e não mais regressei; nunca fui dominada por uma sensação daquelas a que se poderá dar o nome de saudade, ainda que não se deva fazê-lo.

Há alguns dias que o sol incidia sobre o asfalto como se o queimasse, os avisos de temperaturas elevadas iam-se sucedendo. Na cidade reinava um impiedoso silêncio: só mesmo de manhã, ainda bem cedo, se escutava o canto das aves, até os primeiros raios de luz do dia incidirem sobre os telhados.

Mais tarde, as fachadas brancas, cinzentas ou envidraçadas refletiam a explosão de luz solar; o solo impermeabilizado com betão engolia o calor até já não poder mais, tendo por fim de voltar a vomitá-lo. As ruas permaneciam abandonadas, até mesmo a Lainzer Straße estava deserta.

Não fui poupada à viagem no 60, porém a distribuição de lugares de outrora havia-se alterado: os grupos etários viajavam agora misturados, mas fui incapaz de me aperceber de quais as regras que entretanto governavam tal ordem. Em todo o caso, não me passou despercebida a percentagem relativamente elevada de utilizadores aparentemente estrangeiros – um número que dantes era ínfimo, compreendendo tão-só eu mesma. Saí na paragem de Preyergasse, pois conhecia um atalho que me levaria até Fürthweg, bem perto da rua onde havíamos morado. Dei os primeiros passos ainda com cautela, como se me encontrasse num planeta desconhecido, mas não tardei a ter de admitir que todo aquele meu cuidado era ridículo; ter-se-ia sequer justificado todos aqueles anos? Entretanto a sentir-me mais corajosa (é surpreendente constatar que o corpo quase não se esquece, como se as pernas ganhassem vida própria e seguissem na direção certa), pus-me a caminho, rumo à nossa antiga morada: passei pelos prédios de habitação pública, um conjunto de oito edifícios, um parque de recreio e uma pequena colina, de onde descíamos de trenó no inverno e simplesmente a rolar no verão. Refiro-me a um «nós» que não abrange nomes concretos, pois este «nós» passado dissolvia-se rapidamente e recompunha-se com igual rapidez; o «nós» infantil possui grande elasticidade. Continuava a existir um caminho ao lado da casa onde em tempos eu vivera, um trilho estreito e íngreme que seguia colina acima, até ao Künglberg. Esse trilho bifurcava-se e continuava até se ir dar a uma zona relativamente plana, que também se poderia descrever como um socalco. Era a partir daí que, em tempos, eu costumava saltar para o pátio de casa. Uma vez que a porta do prédio nunca estava trancada – apenas o portão que dava para a rua –, era assim que entrava. Ficava depois nas escadas do prédio à espera de que Barbara ou o meu pai chegassem, a menos que não me tivesse esquecido da chave da porta do apartamento.

Segui pelo caminho até ao tal socalco, mas não pude concretizar o meu plano, que consistia em saltar para o pátio. Deixei-me ficar ali sentada, senti o peso dos escrúpulos, o jugo da súbita presença diante do passado. A minha bombonaria preferida transformara-se numa loja de massas asiáticas, a cooperativa de consumo dera lugar a um supermercado Billa, mas tudo o resto – a livraria no edifício da universidade popular, a minha antiga escola de música, a papelaria chamada Papier Pospisil – estava no seu lugar, inalterado. Conservado. Aqui e ali haviam sido plantadas flores, tinham sido criados pequenos espaços ajardinados onde antes mais não havia do que um par de bancos. No entanto, tais medidas de embelezamento não conseguiam disfarçar o facto de no velho bairro onde eu morara se fazer agora sentir uma ausência: dei-me conta de que não fora eu a única a optar pela partida. Essa constatação tornara as minhas recordações menos nítidas, de um momento para o outro

embotara-as.

Já não sei durante quanto tempo estive sentada no socalco, a olhar para o pátio interior; esforcei-me por me comover, mas não consegui. Apercebi-me de que, ao longo de todos aqueles anos, me estivera a enganar a mim mesma: concluí que, na verdade, apenas evitara este lugar por causa dela. Por causa de Ha.

Sempre responsabilizara Ha pela desintegração da família, ela que, para mim, não possuía um nome – fosse ele nome próprio ou apelido. Não lhe chamava Mãe, apenas Ha. Cedo decidira não pronunciar o seu nome, pois, tal como a própria, este era peculiar, singular, atravessado por uma estranheza a que nunca me acostumei. De cada vez que eu era confrontada com ela, e cada momento com ela era um confronto, tinha oportunidade de me assegurar dessa absoluta estranheza. Ha irradiava-a, essa estranheza seguia-a, fosse ela para onde fosse, cada palavra que lhe atravessasse a boca, tudo aquilo em que Ha tocasse ficava impregnado – ou, melhor, infetado. A meu ver, Ha era a própria doença, uma doença grave e incurável, de que eu tinha medo de também ser portadora; afinal, os vestígios de tal estranheza já eram visíveis em mim.

Ha viera para a Áustria como enfermeira. Na verdade, na sua terra natal apenas se formara em enfermagem para poder ir para a Europa, mas, assim que possível, pretendia desistir desse emprego que apenas servia para pagar as contas. Era música, aprendera a tocar ainda criança, e quando era jovem ganhara competições por todo o país, no entanto a sua vocação era mesmo a composição: não queria interpretar obras alheias, mas as próprias. A sua vida não deveria estar vinculada à de outras pessoas. Dick – também o nome do meu pai irei, a bem da igualdade de direitos, abreviar –, um patologista ao serviço das Nações Unidas, homem mais da política do que da ciência, conheceu Ha no hospital. Feriu-se aquando de uma missão, ela cuidou dele até ficar bom e, depois de este ter alta, casaram-se. Barbara não foi convidada para a cerimónia civil e, de qualquer modo, um casamento pela Igreja também não fazia sentido para os noivos, já que Ha era budista, ainda que não praticante. Não me lembro de alguma vez a ter visto sequer nas imediações de um templo.

De início, Ha parece ter sido empreendedora, animada e bem-disposta. Nem ela nem Dick cozinhavam, por isso iam todas as noites comer fora (e beber, mais do que a sede justificaria). Disseram-me que nem sequer tinham loiça própria. Como recusavam um modo de vida sedentário, andavam de hotel em hotel e, de tempos a tempos, viajavam também pela Áustria e apreciavam as montanhas, no entanto Ha descobrira que sofria de acrofobia, por isso passou a ficar à espera de Dick no sopé das montanhas até este regressar dos seus passeios. Já então começara a ser estabelecido esse padrão,

o da mulher que aguarda pelo homem ou, melhor, da mulher condenada a esperar num ambiente que lhe é estranho. Teriam sido porventura os primeiros acessos de náuseas e vertigens os primeiros sintomas da sua doença? Talvez ela não tivesse trazido aquela sua estranheza da respetiva terra natal, talvez tivesse antes sido infetada pela estranheza quando estava no meio do desconhecido, do que lhe era estranho. Cada vez mais exposta à estranheza, talvez não tivesse tido outra escolha senão aceitá-la, entregar-se-lhe.

Barbara contou mais tarde que, ao conhecer Ha, teve a impressão de estar diante de uma criança. Ha era baixa e magra, tinha um corpo franzino e olhos pretos e esféricos, que observavam o mundo com uma atitude assustadiça, e toda a gente a considerava dez anos mais nova do que na realidade era. Barbara não conseguia compreender como poderia o seu filho, mais inclinado para o racional, ter-se envolvido com uma rapariga que se sentia mais à vontade no domínio do irracional; para Ha não havia diferença entre a realidade e a fantasia, era com igualdade de direitos que o imaginado integrava a realidade, que era envolvido em todos os pensamentos. Ela sempre se movera na sombra da solidão, dissera Barbara, no decurso da gravidez esta intensificara-se, sobrepusera-se-lhe de tal modo que, a dada altura, deixara de se conseguir ver Ha.

De início, Barbara e Ha entenderam-se bem; Ha andava à procura de uma mãe e Barbara à procura de uma filha, já que o seu próprio filho desde cedo lhe virara costas. Dick estava convencido de que a mãe padecia de uma ingenuidade incurável. Já em criança, tinha-se revelado arrogante e distante, possuía uma inacessibilidade de que não abriu mão, nem enquanto jovem nem enquanto adulto. Barbara e Dick falavam apenas do estritamente necessário, com o tempo talvez tenha aumentado a quantidade de palavras, mas não a proximidade entre ambos. Aquando de uma discussão, ele afirmara certa vez que a família era como a merda de cão: está por todo o lado e o melhor seria conseguirmos evitá-la, mas alguém tem de recolhê-la e eliminá-la.

Barbara recolheu Ha sob a sua asa: escreveram em conjunto a carta de demissão, que Ha entregou nos serviços administrativos do hospital, enquanto Barbara aguardava no átrio de entrada. Foram as duas à secretaria do conservatório, preencheram juntas o impresso de inscrição para o exame de admissão e, quando Ha foi recusada, Barbara estava presente para consolá-la. A ideia de estudar musicologia fora também da minha avó. Contudo, a partir do momento em que iniciou os estudos, Ha começou também a cortar o cordão umbilical, e os esforços de Barbara passaram a ser cada vez mais empregues na supervisão daquela que era a verdadeira criança.

Ao invés do caminho que o sufixo «-weg» sugere, Fürthweg é mais propriamente um carreiro na complexa estrutura da cidade, um beco sem saída. Quando deparei com ele pela primeira vez, acreditei que tinha

descoberto uma espécie de passagem secreta, nem sequer utilizada durante a maior parte do dia. Só muito raramente as pessoas que lá moravam saíam de casa; na verdade, verifiquei tal frequência e tomei nota dela. Além disso, as sebes altas e as árvores, que impediam uma vista desimpedida dos jardins e edifícios, reforçavam a impressão de que o caminho pretendia continuar a passar despercebido. A casa de Marlene Winckler estava ainda mais bem escondida do que todas as outras. Por um lado não tinha número afixado (tive de estar atenta à sequência das restantes casas para identificar aquela como o número 19), por outro estava bem camuflada, com toda a fachada coberta de hera; essa trepadeira avançara até à cerca, serpenteando por entre as tuias e a rede de arame. Uma outra trepadeira, com flores amarelas em forma de trombeta, viera fazer companhia à hera, e o mesmo acontecera com alguns ramos de roseira vindos do jardim vizinho com as suas flores rosadas.

O jardim era mais selvagem do que aquilo que estava habituada a encontrar em Hietzing, as janelas pareciam baças do pó que as cobria, a tinta verde descascava-se da porta de entrada e dos caixilhos das janelas. Ainda assim, a casa não tinha um aspeto descuidado, apenas fora libertada, entregue a si mesma, posta em liberdade. Na placa de latão com o apelido do morador lia-se *Bernard* em vangloriosas letras arqueadas, ao lado havia um botão que se destacava na placa das campainhas. Quando carreguei nele, escutou-se o som claro de um gongo.

Esperei antes de tocar uma segunda vez à campainha. Também desta ninguém veio atender, por isso acocorei-me no passeio e pus-me a revolver a mala em busca do caderno de apontamentos, para rasgar uma folha e deixar uma mensagem. Não via publicidade a transbordar da caixa de correio, o que indicava que deveria ser esvaziada com regularidade. De súbito ouviu-se um rangido, ao mesmo tempo que a janela da casa ao lado se abriu. Com uma voz rouca e estridente, a vizinha quis saber se eu pretendia falar com Fräulein Bernard, e apresentou-se com o seu apelido, Gruber. Num canteiro diante da sua janela havia uma coruja de madeira junto a tufos de flores vermelhas e violetas, a cor da blusa combinava com aquele arranjo e, sob o efeito da luz do sol, o metal dourado das armações dos seus óculos de leitura reluzia. Levantei-me de um salto, bati nas calças para limpar o pó e comecei a explicar ao que vinha, mas Frau Gruber logo me interrompeu. Disse que prometera a Silvia ficar de olho, a fechadura não era a coisa mais moderna, embora ela até lhe tivesse já tivesse pregado: Vê lá se trata de mudá-la, rapariga, qualquer um consegue arrombar isso, até eu, e sabe Deus que não sou nenhuma assaltante profissional. Frau Gruber falava depressa e quase a murmurar, por isso declarei, em voz alta e de modo propositadamente pausado, que também eu não o era. Claro que não, claro que não, não foi isso que quis dizer!, Frau Gruber soltou uma gargalhada (que quase parecia um gorgolejo) e quis saber o que pretendia eu afinal de Silvia: É uma galerista ou é compradora? Não, como é que se diz... colecionadora?

Disse-lhe que estava à procura de Frau Winckler, Marlene Winckler, que

esta morada me fora... Frau Gruber cortou-me a palavra para dizer que eu me encontrava no sítio certo, esta fora em tempos a residência do Senhor Doutor, o Senhor Doutor Winckler, só que depois o Senhor Doutor falecera, deixara a casa à filha e atualmente era a neta que aqui morava. A filha de Marlene Winckler?, insisti. Frau Gruber acenou afirmativamente com a cabeça: Isso mesmo, tal e qual, é a filha de Marlene Bernard, cujo apelido de solteira era Winckler. Disse ainda que Silvia andava sempre para cá e para lá, entre o seu ateliê e a casa, de Hietzing para Meidling e depois de Meidling de volta para Hietzing, disse que por vezes ela dormia lá, entre as tintas e os pincéis, e que nessas alturas não havia quem lhe pusesse a vista em cima, dias a fio, semanas inteiras. Artistas..., resumiu Frau Gruber, são imprevisíveis, fazem o que querem, há que cuidar deles, não é assim? Prosseguiu, deu a entender que eles precisavam disso, desses cuidados, suspirou, disse que devia ser bom ser artista, passar o dia a pintar, a molhar pincéis em tintas com a cabeça nas nuvens.

Frau Gruber debruçou-se um pouco mais na janela. Perguntou-me quem era eu afinal, se era uma colecionadora ou uma... Galerista, completei. A Silvia dissera-lhe que tinha uma, acrescentou Frau Gruber, que tinha uma galeria onde ia sempre expondo... Não sou galerista, afirmei, desta vez sem sequer esperar que ela terminasse. O calor começava a atormentar-me. Precisava de falar com Frau Bernard a respeito da sua mãe. Sim, a Marlene, ela conhecera-a bem, costumavam conversar todas as manhãs junto à sebe, cada uma do seu lado, ficavam ali a «conferenciar», era assim que Marlene chamava àquela troca de palavras, enquanto iam bebendo café. Só que..., Frau Gruber deteve-se. A Silvia nunca telefona, explicou, após o que baixou o tom de voz, para dizer que esta nem sequer tinha telefone. Ou pelo menos ela própria nunca o ouvira tocar na casa ao lado... No entanto, se eu quisesse, poderia deixar ali uma mensagem, ela teria todo o gosto em transmiti-la. Agradei-lhe, rabisquei rapidamente o meu endereço de *e-mail* e o número de telefone na folha que rasgara, dobrei-a e, quando pretendia entregá-la a Frau Gruber, esta disse: Faça-me o favor, enfie-a antes aí na boca da coruja.

A resposta de Silvia chegou ainda nesse dia.

Uma semana mais tarde, quando voltei àquela rua e me acerquei do número 19, apercebi-me ainda melhor da degradação do edifício. Contudo, quanto mais em pormenor o observava, mais se intensificava em mim a suspeita de que os Bernard teriam permitido aquele declínio, que o teriam até fomentado. E quase se poderia dizer que o jardim participava nesse processo: a hera fizera com que a fachada, outrora amarela, parecesse agora tingida de um verde escuro e intenso, e a cerejeira de um lado e a macieira de outro haviam deformado as bordas do telhado; além disso, o musgo estava prestes a cobrir por completo as partes da fachada que tinham sido poupadas

pela hera.

Partira do princípio de que não iria haver mais do que este primeiro encontro, pelo que levava comigo uma cópia do processo de Danny. Achei que, caso se revelasse necessário, poderia usar essa cópia como engodo, talvez até como instrumento para exercer alguma pressão. Considerei que bastaria o seu conteúdo para levar Silvia a começar a falar...

transformar as pessoas em informadores é uma espécie de número de equilíbrio, exige a dose certa de uma ausência de escrúpulos que quase raia a brutalidade, combinada com delicadeza, tato e sensibilidade; afinal, o que se pretende é criar o mais depressa possível uma ligação emocional, pois de outro modo a informação não começa a fluir. É decisivo não perder a oportunidade de um dado momento, do momento crítico em que o desejo de falar se torna imperativo; se essa oportunidade for aproveitada, já nada mais se tem de fazer; a partir de então já não se trata de uma conversa, de um diálogo, mas de uma revelação, uma confissão. Deixei de apreciar este aspeto do meu trabalho, sinto cada vez mais dificuldade em transformar as pessoas em temas e, conseqüentemente, em dados e informações, em arrancá-las do enquadramento da sua vida e reduzi-las a um aspeto; isso faz com que sejam sempre vistas sob uma luz diferente, diminuí os sucessos e amplia os insucessos, os fracassos, pois tudo se concentra numa só coisa, num só ponto. Afigura-se-me cruel reduzir uma pessoa ao ponto de esta caber num punhado de palavras, num parágrafo, em uma ou duas páginas: até se tornar uma coisa qualquer, algo arbitrário. Nessa arbitrariedade a vida perde a sua beleza, uma beleza que reside na complexidade, no caos; tanto na sombra como na luz.

Da leitura dos *e-mails* de Silvia eu ficara com a impressão de esta ser uma pessoa reservada e brusca, pelo que me preparei para lidar com um cumprimento frio e uma conversa hesitante, com muitas daquelas pausas tão penosas; na realidade, porém, esta mostrou-se afável e aberta, ainda que um pouco tímida. Assim que nos cumprimentámos dei-me conta da sua tendência para alongar a pronúncia das palavras e fazer a última sílaba rodopiar nas alturas, o que emprestava uma clara musicalidade ao que dizia. Afirmou admirar as pessoas que passam a sua vida no meio das palavras, acrescentou que ela própria se encontrava num estádio «pré-linguístico», como se fosse um animal, conduzida mais pelo instinto do que pela razão. Escolhia cuidadosamente as palavras antes de as pronunciar, como se comesse por estudá-las numa ementa; tive de me conter para resistir ao impulso de completar as suas frases. Só uma vez é que não consegui impedi-lo, mas apercebi-me de como ela se retraiu, por isso tive mesmo de me forçar a ser paciente.

Silvia era uma mulher alta e bastante esguia com cinquenta e muitos anos. Os seus membros compridos conferiam-lhe o aspeto de uma bailarina e, além disso, movimentava-se com graciosidade e autodomínio. Tinha cabelo crespo, pintado de preto, que lhe dava pelo ombro e lhe cingia a cabeça como se fosse uma nuvem. Contudo, foi o rosto dela que, logo aquando do nosso

primeiro encontro, me fascinou: a pele clara com as suas muitas e delicadas pequenas rugas, um franzido que não condizia com a sua idade, mas que no entanto ali estava, quase conseguia senti-lo ao observar; cheguei a agitar as pontas dos dedos, tal a vontade de tocar aquela pele, que imaginava suave e fresca como orvalho. A frescura sugerida pela pele estava em contraste com os olhos, que abaixo da testa alta resplandeciam num verde quente. As suas pestanas, no entanto, eram curtas, quase invisíveis, o que criava a impressão de os seus olhos estarem nus.

Ficámos sentadas na biblioteca, eu no sofá, Silvia numa poltrona, diante de nós várias fileiras de livros, organizados em estantes do chão até ao teto. Pousámos as nossas chávenas de café em mesas de apoio, bem como a tarte de cereja e duas tacinhas com natas batidas. Provei-as e constatee que tinham sido adoçadas, tal como Barbara fazia. De resto, muita coisa ali me fez lembrar a minha avó; ao entrar em casa de Silvia, apercebi-me da presença de um móvel de aspeto rústico e pesado num canto do *hall* de entrada, reparei também num aparador volumoso, na cruz afixada na parede da cozinha, no tapete fofo em que pousei os pés e, em especial, no cheiro que imperava naquelas divisões interiores, um odor a madeira velha, bolas de naftalina e pó.

A biblioteca, um espaço comprido e em forma de túnel, fora originalmente um jardim de inverno; diante de nós havia a parede com a estante, atrás toda uma parede de vidro, tapada por cortinas brancas. O tecido leve filtrava a luz, já só fraca imitação de si mesma ao avançar rumo ao interior da casa...

uma memória da luz.

Só raramente, ou na verdade quase nunca, é que Marlene falava do tempo que passara na América, contou Silvia. Chamava Marlene à sua mãe, assim como a Mulher, ao passo que ao pai se referia como Paul, ou então o Marido. Na vida de Marlene havia prioridades bem definidas; os seus filhos, Silvia e o irmão, decididamente não faziam parte delas. O Marido fora o Sol da vida de Marlene, em redor do qual ela girara até este falecer. Se dependesse da Mulher, ela decerto nem teria tido descendência, já que não demonstrava qualquer interesse por crianças. Na melhor das hipóteses achava-as engraçadas, sobretudo quando o Marido brincava com elas, mas, se ele não estivesse em casa, a sua atenção desligava-se de imediato dos filhos e concentrava-se nas suas próprias leituras. Silvia disse que atualmente, quando pensava em Marlene, a vislumbrava sentada à secretária, a cabeça pendida, a ler um livro. Diante de si via apenas as costas dela e escutava um resmungo que rejeitava a presença de qualquer outra pessoa. Silvia acrescentou que desde cedo percebera que a maternidade não é indicada para todas as mulheres; ter ou não ter filhos são decisões privadas, em que a sociedade não deveria intrometer-se. Marlene nunca deveria ter sido mãe, mas antes uma

mulher de ciência; aos cinquenta anos concluíra os seus estudos, aos sessenta estava a trabalhar no doutoramento, só que era já demasiado tarde para uma carreira científica. Talvez fosse por isso que ela tinha amado tanto o Marido, comentou Silvia, ao mesmo tempo que esboçava um sorriso. Tendo ele morrido cedo, ela pudera dedicar-se por completo aos seus estudos. Perguntei-lhe quando morrera ele. Silvia refletiu, fez contas de cabeça. Há quase quarenta anos, disse por fim. E quando morrera Marlene?, perguntei. Há onze, respondeu.

Retirei o processo de Danny da minha mala, pousei-o na mesa e de seguida resumi tanto as minhas conversas com Joan como a história do próprio Danny. Enquanto isso, Silvia ia folheando o processo, com alguma indiferença, segundo me quis parecer; embora não demonstrasse particular curiosidade, ainda assim deteve o seu olhar em cada uma das páginas. Não tardou que já só se escutasse aquele folhear, a espécie de sussurro característico do papel que, ao passar por uma fotocopiadora, secou e perdeu maleabilidade. Por fim, ela alcançou a última página. A seguir recostou-se, ficou a olhar fixamente para a parede, como se aí houvesse uma janela que lhe proporcionasse uma qualquer vista. Ficou em silêncio, por isso também eu me mantive calada. Faltou-me ali o tiquetaque de um relógio.

Silvia declarou não saber por que razão se pusera a folhear o processo, que já conhecia; conhecia Danny, *há vários anos até, muitos mesmo*. Dirigiu-se à estante e regressou de lá com uma pasta, envolvida por um elástico grosso. Desprendeu o elástico, abriu-a e pôde ver-se uma pilha de papéis. Disse que, na verdade, se pusera a pensar que me poderia entregar o processo de Daniel que possuía. Encontrara-o depois de ter voltado a mudar-se ali para casa, para poder cuidar da Mulher. Aos oitenta e poucos anos fora diagnosticada demência a Marlene. Oskar, o irmão de Silvia, deveria ter levado a mãe para sua casa, mas a mulher dele opusera-se. Dissera ter já duas crianças para cuidar, além de que trabalhava das nove às cinco; mais do que isso não conseguia, declarara Margot. Silvia, pelo contrário, passava dias inteiros a mandriar e não tinha família, pelo que a companhia até lhe faria bem. Silvia esboçou um sorriso...

sou artista, tenho muita prática na mandriice, disse ela. Como naquela altura estava a viver no meu ateliê, nem sequer me opus com muita resistência e acabei por regressar à casa da minha infância. Logo desde o primeiro dia, vi-me à mercê de uma espécie de melancolia, de desânimo. Apesar de ter as minhas raízes aqui na Áustria, ou talvez precisamente por essa razão, sempre senti a pulsão de me mudar, de sair do aconchego da terra de origem para o vazio, para o vácuo. Na verdade, também Marlene era assim, não é que não tivesse pátria, apenas sentia um certo distanciamento. O sentimento de ter a sua própria terra, a noção de pátria, era-lhe estranho. E foi isso que transmitiu aos filhos. Por isso mesmo nunca pensei que...

então Silvia calou-se e virou a cabeça para a parede. Marlene não era uma pessoa sentimental, prosseguiu em voz baixa, não guardava nada, andava

sempre a desfazer-se do que tinha em casa, a utilidade de todo e qualquer objeto era avaliada, no seu apartamento não se acumulavam quaisquer recordações. No dia seguinte ao enterro de Paul ela tratara logo de dar destino aos pertences dele: a roupa e os sapatos, o cachimbo, os óculos, até mesmo os livros. Oskar apercebera-se da doença dela porque reparara que esta começara a guardar coisas, as valiosas e as que não tinham qualquer préstimo... O diagnóstico fora para ela um grande choque, Marlene recusara-se a aceitá-lo e fizera os possíveis por se ver livre da presença de Silvia em sua casa. Só que esta não se atrevera a deixar a paciente entregue a si mesma. Para lhe dar a ilusão de autonomia, Silvia tentara o mais possível não se cruzar com Marlene. Passava a maior parte do tempo ali na biblioteca. Fora assim que acabara por descobrir a pasta com o processo. Primeiro começou por achar que a pasta teria passado despercebida a Marlene, que ela se teria esquecido daquilo, depois achou que deveria escondê-la, corrigir o suposto erro, só que por fim foi tomada pela curiosidade e começou a ler o processo. Entre as páginas havia fotografias, algumas tinham até sido cuidadosamente presas aos versos das folhas com aqueles cantos triangulares. Uma dessas séries de imagens despertara-lhe especial curiosidade: viam-se vários recém-nascidos e bebês num hospital, cada um sentado ou deitado numa cama de grades, viam-se ainda outras camas, em grande número, e também uma figura que, apesar de tremida, se reconhecia como sendo uma freira. A sala dava a impressão de ser grande, o pé-direito alto, a luz parecia preencher todo aquele espaço, de resto pouco definido. A criança fotografada olhava diretamente para a câmara, as outras, visíveis mas pouco nítidas, estavam em segundo plano. Da maioria delas havia apenas uma fotografia, mas de Daniel eram várias. Silvia conhecia o nome dele da leitura do processo...

comecei por nem sequer me atrever a fazer perguntas a Marlene acerca das fotografias, contou Silvia. Acho que receava a explicação que ela viesse a dar-me. Por fim, lá superei o medo. Marlene disse-me simplesmente que não tinha sido capaz de deitar fora as fotografias e que, em vez disso, tentara pô-las *no lugar mais adequado*...

ouvi o ruído metálico de um despertador. Não me dera conta da sua presença, mas este estivera o tempo todo debaixo da mesa. Com as faces coradas, Silvia explicou que não tinha um relógio de pulso. Nesse dia já não teria mais tempo, mas, se eu quisesse visitá-la no seu ateliê, ela poderia então mostrar-me as tais fotos. Levava-as consigo, para os seus *domínios*...

e levei também o diário de trabalho de Marlene, um livro de esboços... Foi da minha mãe que herdei o talento para a mandriice.

Foi da minha mãe que herdei o talento para a mandriice. A frase não me saía da cabeça. *Foi da minha mãe que herdei...*, *Foi da minha mãe que herdei...* O eco não me largava e não tardou a transformar-se numa pergunta:

Que foi que herdei da minha mãe?, Que foi que herdei da minha mãe?

Tentei ignorar a voz, mas não consegui: ela estava a forçar-me a responder. Que havia eu herdado da minha mãe? O aspeto, isso era óbvio, Joan não era a única que em mim via sobretudo Ha e apenas meros vestígios de Dick. E que mais? *Que mais?*

Vi-me incapaz de responder a essa pergunta, pois não sabia dizer onde terminava Ha e onde começava a sua cultura. Por onde passava a linha que delimitava Ha? A minha mãe acusava Barbara com frequência, dizendo que esta incitava a filha contra ela, acusava-a de fazer uma *lavagem ao cérebro* da criança. Dizia que a filha estava de tal maneira impregnada pela cultura da avó e do pai que já nem demonstrava qualquer interesse pela cultura da mãe. Franziska não compreendia minimamente a mãe, aos olhos da filha esta não tinha qualquer valor, uma vez que não era como Barbara. Como haveria ela de conseguir ser bem-sucedida neste «curso das culturas»? Jamais viria a ser como Barbara ou Dick, a competição nem sequer era justa. A minha avó não respondeu. Lembro-me de que, sem dizer palavra, ela pegou na minha mão, passámos junto a Ha, saímos de casa, descemos as escadas e, já no rés do chão, nos afastámos, uma ao lado da outra. Na rua, deparámo-nos com Dick e fomos depois os três jantar ao chinês, porque Barbara tinha vontade de comer massa frita. Nessa noite ela declarou que não havia nada que se pudesse censurar em Ha, pois o seu comportamento estava condicionado pela sua cultura. Não só adotei este ponto de vista da minha avó, como também o concretizei, o pus em prática: dissequei Ha, a sua natureza, o seu comportamento, os seus hábitos. E aquela mãe, assim dissecada, não me revelou nada de novo, apenas confirmou o que já antes eu tinha a certeza de saber a seu respeito: que Ha não pertencia aqui, a esta cidade, a este país, a esta casa. De qualquer modo, a maior parte do tempo ela já nem estava em casa, porque não haveria de se afastar e deixar-nos para sempre? Deveria regressar à sua terra e deixar-nos em paz, ao meu pai, a Barbara e a mim.

Decidi escorraçá-la. Criticava a sua pronúncia, troçava do seu sotaque *desajeitado*, como não me cansava de apontar-lhe. Fingia não conseguir entender o que ela dizia, obrigava-a a repetir a mesma frase várias vezes. Recusava-me a usar as poucas palavras que ela me ensinara da sua língua, justifiquei-me dizendo que me tinha esquecido de tudo. E acusei Ha de não ser uma *verdadeira* adulta.

Ha era mesmo muito reservada, demasiado tímida para conseguir afirmar-se. Era uma daquelas pessoas que dependem de quem interceda por elas. Precisam de moderadores que façam com que os outros fiquem calados, pois a voz dessa pessoa é demasiado fraca ou, no momento decisivo, falha. Precisam de mediadores que resolvam por elas os conflitos, pois em determinadas situações não são capazes de pensar nem de agir. Precisam de encenadores que lhes digam o que devem fazer e permitir. E ainda de pedagogos, contra os quais possam revoltar-se, nos quais possam descarregar as suas frustrações. Ha dependia de nós, da sua *entourage*: Dick era o seu

moderador e mediador, Barbara ao mesmo tempo encenadora e pedagoga, ao passo que eu era a sua pequena *porta-voz*. Ela nem mesmo diante do balcão das carnes frias conseguia abrir a boca, tinha de ser eu a fazer o pedido. Mas não podia limitar-me a pedir o que quisesse, nada disse; ficava antes à espera de que ela me murmurasse os enchidos que pretendia levar: *Dez gramas de Pariser. Como? Afinal dez de Bergsteiger. E mais? Fiambre fumado com alecrim, não, pode ser do rústico, só fumado*. Enquanto Ha ia alterando o seu pedido, a fila que se formava atrás de nós ia aumentando. Para ela tanto fazia, ela pairava pelo mundo, no interior de uma cápsula, entregue aos seus murmúrios. Ignorava os olhares irritados da vendedora e dos clientes à espera ou, ao contrário de mim, não reagia a eles. Naquela situação, eu não tinha outro remédio que não fosse ter os dois pés assentes na terra, até porque o acesso à nave espacial de Ha me estava vedado.

Ha foi cada vez mais recusando falar com outras pessoas que não fossem o meu pai, Barbara ou eu própria. Diante de desconhecidos permanecia em silêncio; na melhor das hipóteses, o seu comportamento seria uma cautelosa afabilidade, na pior, seria uma grosseira rejeição. Não só deixava de participar nas conversas, como também as sabotava, tratando de absorver tudo o que fosse boa disposição e simpatia para devolver pausas e silêncios penosos. Pouco tardou até deixarmos de convidar fosse quem fosse para nossa casa; a resistência hostil de Ha era contagiosa, ela não se limitava a isolar-se a si mesma, isolava-nos também a nós. Recordo-me de ter nove anos da última vez que entrei em casa acompanhada de colegas da escola. De repente, Ha apareceu e começou a falar comigo na sua língua materna, o que se tornou desconfortável, tanto para mim como para os meus amigos. Nesse mesmo dia fui à cave buscar a velha mala de Ha, enchi-a com todas as tralhas coreanas que lá havia em casa e fui pô-la diante da porta da rua...

hoje pergunto-me se Ha estaria doente, se teria sido essa doença a forçá-la à solidão. Receava as pessoas, o seu marido, até mesmo de Barbara ela tinha medo, estava sempre a pedir-me para ser eu, em vez dela, a falar com a minha avó. Por vezes pergunto-me se também teria medo de mim...

e Ha arrastou a mala de volta para dentro de casa, para o seu gabinete de trabalho. Ouvi-a trancar a porta. Não saiu de lá para jantar nem sequer por altura do pequeno-almoço. Dick não fez qualquer comentário em relação ao seu comportamento. Em se tratando da sua mulher, era àquilo que estava habituado: ela evitava-nos sempre que lhe convinha, era até frequente só sair do seu quarto depois de termos saído de casa. No terceiro dia daquela sua ausência, dei-me conta de que Ha não utilizara a escova de dentes nem a toalha de banho. Nessa noite, Dick bateu à porta do gabinete dela. Como continuava sem obter resposta, abanou a maçaneta e disse-lhe para não se comportar como uma criança, aquela sua atitude não tinha qualquer fundamento, a intenção de Franziska não fora a que ela achava que fora. Continuando Ha sem responder, este tentou abrir a porta, mas percebeu que estava trancada. De repente, Dick foi tomado pelo nervosismo; começou

a revolver caixas e gavetas, até por fim encontrar uma cópia da chave.

Seria credível se se dissesse que alguém se pusera a revistar aquela divisão, mas não encontrara o que procurava: havia roupas, livros, sapatos, travessões para o cabelo, *écharpes*, meias, tudo espalhado pelo chão e pela secretária. A velha mala de Ha desaparecera, deve ter sido à pressa que ela lá enfiou o que levou consigo, é assim que explico o caos em que ficou aquela divisão. A recordação que guardo é a de um campo de batalha.

Sei que fui responsável pela partida súbita de Ha, mas não foi por esta ser uma mãe ausente contra a sua própria vontade que me quis ver livre dela. Essa desculpa apenas serve para disfarçar o verdadeiro motivo. Ser a exceção à regra, não, ser tanto a exceção como a própria regra, a maioria das vezes ambas as coisas numa só frase: eis aquela que, desde sempre, é a minha condição humana. Também isso, tal como andar-se perdido num labirinto de espelhos, promove a esquizofrenia. Não queria ter Ha perto de mim por não aguentar estar constantemente a ser comparada, ou até equiparada, a ela. Não aguentava a sua estranheza. Não aguentava observar o modo como a estranheza dela estava a tornar-se uma estranheza minha.

A partida súbita de Ha marcou o ponto mais fundo do casamento dos meus pais. Ao longo das semanas que se seguiram, Dick falou com ela várias vezes (fez telefonemas que, como tratou de realçar, custaram uma fortuna), tentou convencê-la a regressar. Esta recusou-se uma e outra vez, até por fim Dick desistir. Disse então que Ha tinha feito os possíveis, dado o seu melhor, mas que era incapaz de nos amar.

O ateliê de Silvia ficava situado no 12.º Bairro, junto a uma importante via rodoviária, no rés do chão de um edifício da segunda metade do século xix. O apartamento ao lado fora alugado a uma associação cultural muçulmana, frequentada exclusivamente por homens. O edifício nunca tivera obras de recuperação, a tinta nas paredes das escadas estava a descascar e pelas juntas das janelas, apesar de serem duplas, entrava uma aragem constante. Dessas janelas, as que davam para a rua estavam cobertas por papel vegetal branco, a porta de vidro fosco tinha uma cadeira em frente, a fazer as vezes de barricada. Silvia explicou que apenas a usava quando precisava de transportar materiais pesados para dentro do ateliê, por exemplo pedras de mármore ou granito.

O ateliê fora em tempos um salão de cabeleireiro. As paredes estavam ainda forradas com azulejos verde-claros, e nelas continuavam pendurados quatro espelhos grandes e redondos, nos quais se refletia a luz branca e leitosa que entrava pela janela e que conferiam ao espaço a aparência de ser maior e mais claro do que na realidade era. Do teto baloiçava uma esfera, em que tinham sido coladas tiras de papel de estanho. Por baixo havia uma mesa de aço, pintada de cinzento, e sobre o tampo estavam inúmeras esculturas: torres,

plantas que se assemelhavam a catos, figuras humanas assexuadas em porcelana branca. Tinham cerca de um metro de altura, mas os seus corpos não eram muito mais largos do que o meu polegar. Eram tantas e estavam dispostas de tal modo que preenchiam toda a superfície da mesa; se me sentasse diante delas, diria que estava a olhar para uma densa floresta.

Silvia conseguira arranjar espaço para colocar uma mesa e duas cadeiras articuladas entre a porta daquela sala e a floresta de esculturas. A mesa estava posta de forma atraente, com duas chávenas de porcelana chinesa, dois pratos de sobremesa e uma jarra estreita com uma gerbera amarela. A tarte de maçã tivera de ficar na cozinha, o bule foi deixado ao pé de uma das esculturas; do bico deste último ia-se libertando vapor, que acabou por humedecer a figura com água. Preocupada, perguntei se ela reparara nisso. Ah, sem problema! O pagode aguenta... Um pagode?, perguntei. Sim, mas o ídolo, não o templo. E não com a forma clássica. É uma referência às divindades... Afinal de contas, não é a arte sempre *allusion*?

Tinha o hábito de entremear as suas frases com palavras francesas; não me apercebera disso durante a nossa conversa anterior. Silvia vivera vinte anos em França. Mal acabara os estudos, mudara-se para Paris; a seguir fora viver para a Camarga, numa casinha junto ao mar. No inverno tinha de usar lenha para aquecimento, mas em compensação podia beneficiar do aroma do Mediterrâneo o tempo todo. Passara dez anos isolada, sem vizinhos, sem amigos, apenas se dirigia à aldeia para fazer compras. *Un ermite, c'est moi*. Fora uma relação que tivera em Paris com um homem casado que a levava a afastar-se. A relação infligira-lhe feridas tais que ela, ao perceber que não saravam, forçou a separação. Contudo, não lhe bastou dizer adeus, teve de procurar a vastidão, escondeu-se num lugar onde, tal como veio a constatar, para seu encanto, o tempo era irrelevante, impotente. *Impuissant*, só havia dia e noite, disse Silvia, maré alta e maré baixa, as estações do ano. Vivia de estação em estação e ia sempre desenhando. Sim, confirmou, naquela altura desenhava muito, como se fosse no desenho que estivesse *em casa*. Pintava sempre o mesmo, com pequenas adaptações, por vezes involuntárias. *Lapsus linguae*. Encomendava o papel em Paris, a um comerciante, que o enviava para a loja da aldeia, aonde mais tarde ela se dirigia, numa bicicleta já decrépita, que abanava para cá e para lá enquanto ia avançando pelas estradas planas. De regresso a Viena, pareceu-lhe impossível voltar a organizar a sua vida de acordo com horários. Nunca era pontual, ora chegava demasiado tarde, ora demasiado cedo. Entretanto, nunca conseguia descontrair-se, pois tinha sempre a impressão de ter de se preparar para o próximo compromisso, mesmo que nada estivesse marcado. A seguir foi diagnosticada demência a Marlene, por isso teve de regressar a casa, acrescentou Silvia, com um sorriso triste.

Dirigiu-se à sala contígua e trouxe de lá um livro. Abriu-o e entregou-mo. Marlene desenhara sobretudo a lápis, só raramente a carvão ou a tinta. Deixara ficar as tentativas falhadas, não as melhorara nem apagara, realizando

em vez disso um novo esquisso diretamente ao lado do antigo. Os seus traços pareciam ter sido esboçados apressadamente, mas com mão treinada, ciente do que fazia; a sua atenção estava obviamente focada nos rostos. Havia estudos de olhos, narizes e bocas, retratos de corpo inteiro ou de apenas meio corpo, bem como crianças sentadas nas suas camas, de pé ao lado destas, encostadas à janela, com uma boneca na mão, a brincar com uma bola...

crianças, havia desenhos de crianças em todas as páginas. O primeiro desenho de Danny era um esquisso grosseiro intitulado *Daniel T.* Fiquei desiludida, devia estar à espera de mais, embora não soubesse dizer exatamente de quê. Ergui o olhar, pois senti o de Silvia pousado em mim, talvez ela se tenha apercebido da minha desilusão. Disse-me que poderia observar calmamente o livro inteiro; aquilo resultava da vida profissional de Marlene, ela tinha o costume de desenhar todos os casos que lhe eram confiados. Já em criança havia desenhado muito; mais tarde, aquando dos estudos superiores, passara a ser usada a fotografia, mas o hábito de desenhar mantivera-se. Nunca desenhara os seus próprios filhos, tão-pouco os fotografara. Tirar fotografias fora tarefa do Marido. Era por isso que ele só aparecia numa mão-cheia de fotos, ao passo que a Mulher, pelo contrário, podia ser vista em quase todas...

quem vê o nosso álbum de família fica com a impressão de que Marlene era uma mãe dedicada, comentou Silvia.

Marlene Winckler nasceu em 1919, em Hietzing. Foi filha única. A mãe, Marianne, morreu quando Marlene tinha um ano, ao passo que o pai, médico de clínica geral, chegou quase aos cem anos. Após a morte prematura da mulher, Friedrich – ou Fred, como lhe chamavam os amigos – permaneceu viúvo. Ele na verdade nunca quisera casar-se; fora, aliás, por intermédio e insistência dos pais que o casamento com Marianne se realizara. E como não sentia a necessidade de ter um herdeiro masculino, não havia qualquer razão para voltar a contrair matrimónio. Marlene não foi apenas a criança que ele desejara, tornou-se também sua aliada, sua cúmplice e secretária. Tivesse Fred podido escolher e ter-se-ia tornado explorador ou aventureiro – só que para tal teria de estar apto a embarcar. Porém, para grande pena sua, até mesmo ao andar de autocarro enjoava, pelo que ao longo de toda a vida não se atreveu a entrar num navio, nem mesmo numa daquelas embarcações de recreio que o fariam oscilar um par de horas nas águas do Danúbio. Em vez disso, as suas descobertas foram feitas em livros, em edições de textos antigos destinadas a bibliófilos, com ilustrações repletas de maravilhosos pormenores, que Otto, o seu livreiro, seleccionava especialmente para ele. Levava Marlene consigo nessas viagens, que realizavam no interior das próprias cabeças, ela sempre de avião, ele sempre de comboio, mas ainda assim alcançavam o destino ao mesmo tempo. Evitavam navios, *ferries* e barcos como quem evita a peste.

Uma vez que entre as mulheres da família Winckler já antes houvera enfermeiras, parteiras e assistentes sociais, Fred insistiu com a sua filha para que escolhesse uma destas profissões; nem sequer lhe passava pela cabeça que, tal como ele, ela poderia vir a ser médica. Marlene não era uma pessoa solícita, desde criança que nunca se destacara por ser amável ou atenciosa, e na escola fizera-se notar pela sua inabalável serenidade, que os professores interpretaram como um misto de modéstia e suave brandura. Assim sendo, a ideia do pai não a deixou entusiasmada, até que encontrou um artigo no *Wiener Zeitung* sobre Ilse Arlt. Ficou impressionada com o rigor científico dos Cursos de Especialização Reunidos para a Assistência Social^[6], a escola que Arlt dirige, com o modo como aí se combina a teoria e a prática, mas sobretudo com o credo da sua fundadora: *Não educamos ninguém com severidade, em vez disso conduzimos cada aluna rumo a si mesma e às possibilidades que albergam em si próprias, sem que delas se apercebam. Além disso, recorremos a uma receita simples: como docentes, empregamos apenas pessoas de espírito criativo, não restringimos a sua liberdade de ação e remuneramo-las tão mal, ou nem sequer o fazemos, a ponto de só nos restarem verdadeiros idealistas!*

No outono de 1937 Marlene inscreveu-se na escola de Ilse Arlt. Destacou-se com prestações brilhantes nos seminários que frequentou sobre pedagogia, higiene, economia e instrução cívica; contudo, nas disciplinas práticas, nas aulas de costura e arranjos, de puericultura e de culinária, teve de contar com a complacência do corpo docente (na verdade apenas a deixaram passar por acharem que a paciência de Frau Winckler era extraordinária). Para o seu trabalho de fim de curso escolheu o tema «Pobreza e Amor ao Próximo na Literatura», em que concretamente analisava o relato de uma expedição de Knud Rasmussen. Não chegou a conseguir terminá-lo, pois em 1938 Ilse Arlt viu-se obrigada a encerrar a sua escola.

Silvia disse que ainda tentaram convencer Marlene a concluir a sua formação numa instituição reconhecida pelo Estado. Também Fred insistiu com ela, explicou-lhe que só com uma profissão poderia ser realmente independente, visto que não fora talhada para esposa nem para mãe. Porém, a própria Marlene já não se via como assistente social, mas antes como investigadora científica: aquando da pesquisa para a realização do trabalho de fim de curso, apercebera-se do seu interesse pelas raças humanas.

Por essa altura, já a antropologia há muito se desviara das palavras e se virara para os números.

Um exemplo:

$$\rho \times y = l - \frac{\sigma}{n} \cdot \frac{\sum (l_i - l'_i)^2}{n^2 - l}$$

O chamado «*Ähnlichkeitsmethode*» («método de similitude») do

Professor Czenakowski. Através desta fórmula pretendia-se representar a possibilidade de calcular, em sentido lato, a origem de um indivíduo e, em sentido mais restrito, a paternidade: *x e y representam os dois indivíduos a comparar, n é a quantidade de características que são consideradas, li e l'i são os números ordinais do desvio dos valores médios de todo o grupo para a característica i de ambos os indivíduos*, escreve Wladimir Iwanowicz em 1933. Contudo, para poder aplicar esta equação era necessário converter as palavras em números: havia que pegar na régua para medir o ser humano. No Instituto de Antropologia de Viena, tal aconteceu segundo regras que Josef Weninger estabeleceu em 1936 e que ficaram conhecidas sob a designação de «Escola Vienense de Antropologia». O indivíduo foi então não só medido, como também representado até ao mais ínfimo pormenor em desenhos e registado em fotografias, uma atividade a que no jargão técnico desta disciplina se chamava «*Zergliederung*», ou seja, uma «decomposição analítica». Nos anos que se seguiram foram numerosas as oportunidades que surgiram em termos de recolha de dados de material humano. Num centro de recenseamento genealógico em Viena foram levadas a cabo medições em recém-nascidos, na Caríntia, na Alta-Áustria, na Baixa-Áustria e na Estíria o mesmo era feito em crianças em idade escolar e em adultos; além disso, os antropólogos de Viena realizaram expedições à região de Banat, na Roménia, onde centenas de indivíduos foram sujeitos à «decomposição analítica»...

como se mede um ser humano? Como pode ele ser convertido em números? Onde ficam os limites do rosto? Onde começa a testa, ou a curvatura do nariz? As formas humanas recusam-se a adaptar-se à régua, a investigação reclama da *imprecisão*, de *encurtamentos não intencionais* e de *causas de erro*. Há que criar novos instrumentos, por exemplo um que permita determinar a altura das orelhas: *O paralelómetro, o nome que pretendo dar a este instrumento*, escreve B. K. Schultz em 1934, *compõe-se de uma vara com 30 cm de comprimento, 1 cm de altura e 0,25 cm de grossura, com graduação milimétrica, a que perpendicularmente estão fixados dois braços móveis, também eles com graduação milimétrica. Em cada um desses braços pode fazer-se deslizar um indicador para cima e para baixo que, desse modo, ficará bastante próximo do ponto que se pretende medir. Os braços verticais podem ser imobilizados em qualquer ponto da vara através de parafusos de aperto*. Ou então uma peça complementar ao antropómetro, com a qual se poderá medir o comprimento dos braços. O dispositivo é considerado *indispensável*, pois existem *raças humanas com braços relativamente compridos, enquanto outras os têm relativamente curtos*, declara Sophie Erhardt, do Instituto Antropológico de Munique, em 1932. E descreve ainda: *Esta peça complementar consiste numa vara curta, com dois braços desiguais que terminam em pontas aguçadas e uma caixinha que desliza na vara, com uma janela na qual se faz a leitura. [...] Para verificação é usada essa janela na caixinha. A parte da vara com o nível de bolha de ar pode ser retirada consoante a utilização pretendida...*

como se mede um ser humano? Com decência e dedicação ou com absoluta exatidão? Com obediência incondicional ao número? Ai de quem infringe a regra dos números ou transgredir a lei da objetividade. Mas o que se fica afinal a conhecer através da medição? Que revela esta? *A alma da raça?* A superfície do ser humano está ligada à sua alma, não, não está apenas ligada, pode dizer-se que remete para ela: se se abreviar essa tese, pode até dizer-se que na sua pele – e na forma dos seus olhos, na grossura e largura dos seus lábios, na forma das suas narinas – o ser humano traz impressa a marca da sua alma. Ou, de acordo com as palavras de Gustave Le Bon, no final do século XIX: *Cada raça possui uma constituição mental tão fixa como a sua constituição anatômica...*

como se mede um ser humano? Para a determinação do volume interior do crânio humano, Emil Breitering aconselha a utilização de grãos de mostarda em vez de sementes de colza: *As sementes de mostarda de primeira qualidade que se podem obter em lojas especializadas possuem um grão substancialmente maior do que as sementes de colza; 100 grãos alinhados uns a seguir aos outros resultam num comprimento médio de 217 mm, face a uma média de apenas 147 mm quando se realiza o mesmo com sementes de colza; o diâmetro médio dos grãos de mostarda é, pois, 1,5 vezes maior do que o das sementes de colza. Tal demonstra ser agradavelmente vantajoso quando se esvazia o crânio preenchido, já que, ao abaná-lo, se consegue fazer sair por completo os grãos de mostarda de uma forma mais rápida do que quando se usa sementes de colza.* Aquando das medições, prossegue Breitering, há que tomar atenção para que a zona da testa, no crânio medido, *aponte diagonalmente para baixo*; os grãos deverão ser vertidos *com recurso a um funil* e o crânio deverá ser abanado *segurando-o com as mãos planas, encostadas à superfície exterior*. E continua a descrição do processo: *Velocidade: 4 movimentos por segundo, para lá e para cá. Duração: a) 15 segundos, com o crânio agarrado na zona da testa e da nuca; b) mais 15 segundos, com o crânio agarrado nas faces longitudinais. Após um uso prolongado, dever-se-á peneirar os grãos de mostarda para os limpar de pó e outras impurezas acumuladas.*

Como se mede um ser humano?

Em 1942, Dora Maria Kahlich, do Instituto de Antropologia de Viena, e Elfriede Fliethmann, do Instituto Alemão para Assuntos do Leste^[7], realizaram uma viagem de investigação ao gueto de Tarnów, onde levaram a cabo pesquisas antropológicas com famílias judias aí detidas. Kahlich tinha então 37 anos, Fliethmann era dez anos mais nova; Kahlich encontrava-se no auge da sua carreira académica e científica, ao passo que Fliethmann, que estudara na Universidade de Viena, estava no início da sua.

Kahlich, que se filiara no NSDAP, o partido nacional-socialista, em

1933, participara na expedição que Weninger havia realizado na região de Banat, na Roménia, e assistira à eficiência do «sistema de estações» que Weninger implementara: num único dia tinham conseguido recolher dados antropológicos de quarenta pessoas. Em 1938, o facto de estar casado com uma judia levou a que Weninger fosse forçado a aposentar-se, mas o seu método continuou a ser usado pelo instituto. Juntamente com Fliethmann, com o fotógrafo Rudolf Dodenhoff, e ainda com o apoio de um estudante que serviu de assistente e de uma secretária, Kahlich conseguiu em Tarnów recolher todos os dias os dados relativos a cerca de dez famílias.

Na Roménia tinha-se prescindido de fazer fotografias de corpo inteiro com indivíduos nus, já que, de acordo com o que Weninger escreveu, *no âmbito de um programa de inventariação tão amplo, a recolha de informação corporal mais detalhada decerto só será possível junto de primitivos que vivam sem roupa*. Na Polónia, porém, Kahlich e Fliethmann não concederam aos 565 homens, mulheres e crianças qualquer liberdade de escolha em relação a esse assunto. A investigação teve lugar numa escola. Na primeira estação eram feitas perguntas relativas à idade, ao local de nascimento, à língua materna, à formação escolar, à profissão, aos desportos praticados e ao histórico de doenças; além disso, uma médica avaliava o estado de saúde geral dos *indivíduos objeto da investigação*. Nas estações seguintes levava-se a cabo a «decomposição analítica»: na cabeça eram efetuadas 18 medições, no corpo outras 13, a classificação da cor dos olhos era realizada com recurso a uma pequena caixa de chapa que continha 20 olhos de vidro *de aspeto natural*, a determinação da cor do cabelo fazia-se mediante a consulta de uma vara metálica a que estavam presas 30 amostras de madeixas de cabelo natural. A investigação incidia também sobre a cor dos pelos da barba, a estrutura da íris, as impressões digitais e os contornos da cabeça e das orelhas. Cada exame demorava entre dez e quinze minutos.

Após as investigadoras terem concluído aquele projeto, dedicaram os seus esforços a outros que lhe dessem seguimento. *Na Galícia também já não consigo encontrar quaisquer judeus para estudar*, queixou-se Fliethmann algumas semanas mais tarde, numa carta enviada a Kahlich. *Dos de Tarnów ainda restam no total uns 8000, mas dos nossos já quase não há ninguém. Atualmente, este nosso material tornou-se valioso por ser escasso*.

Marlene iniciou os estudos no curso de antropologia em 1939. Quatro anos mais tarde, interrompeu-os. Em 1972, quando retomou esses estudos, não se tratou sequer de uma continuação, mas antes de um completo recomeço: não pôde pedir que lhe reconhecessem disciplinas já antes frequentadas e concluídas porque – insistia ela – não tinha consigo quaisquer atestados ou documentos daquela altura, tudo ficara queimado. Porém, no seu diário de trabalho Silvia veio a encontrar desenhos, agrupados sob uma

designação muito breve: «Tarnów».

Nunca revelou o que andara a fazer por lá. Mas certo era que Marlene tinha feito desenhos, de olhos e orelhas, mas também de mãos e pés, revelando um talento que não passou despercebido às suas professoras. Silvia comentou que, na verdade, imaginava que aquela fosse uma situação bastante peculiar, já que normalmente existe uma ligação entre modelo e pintor, um acordo subentendido, uma disponibilidade para a «conspiração». De início começa por ser apenas uma espera, tempo que ali se passa sentado, mas depois, à medida que o olhar do pintor repousa sobre o modelo – mesmo que esse olhar não repouse apenas, mas toque e tateie –, mais forte se torna a ligação. Por fim, julga-se conhecer a pessoa com quem se conspira, tem-se a sensação de a conhecer desde sempre. Um retrato é, num sentido mais restrito, o resultado de uma empatia, disse Silvia, num sentido mais amplo, resulta do amor. Também será assim quando se desenha apenas uma parte de uma pessoa?, perguntei, Os olhos, por exemplo?

Silvia olhou para mim com um ar pensativo. O seu olhar prendeu-se no meu rosto, a seguir murmurou, pedindo que não me mexesse, e dirigiu-se à sua mesa de trabalho, para ir buscar um bloco e um lápis. Debruçou-se sobre o tampo da mesa, concentrou-se no meu olho direito. Pousou a ponta do lápis sobre a folha, esboçou apenas alguns traços no papel e logo deixou a mão assentar neste. Mesmo que seja apenas um olho, ele insere-se num contexto que não pode ser ignorado, afirmou Silvia.

Retomou o desenho, mas desta segunda vez foi pronunciando palavras que se combinavam com os movimentos da mão: Do olho para a órbita, daí para a sobrancelha, depois pela curvatura do nariz... E daí para a testa, para a linha do cabelo, os cabelos. Depois, na direção inversa, pela curvatura do nariz em direção à ponta, ao lábio superior, ao lábio inferior e ao queixo. Entretanto o meu olho passeia-se também... E, com o olho, no teu olho, eis-te aqui... Eis-te aqui! Ao repetir as últimas palavras, Silvia mostrou-me o primeiro esboço que fizera de mim, só que não consegui reconhecer a pessoa que, a partir daqueles traços ainda grosseiros, me fitava...

se eu tivesse herdado o aspeto do meu pai, teria a nossa relação sido melhor, mais íntima? Se fôssemos *todos da mesma cor*, teria a nossa família permanecido intacta? Teríamos sido felizes? Já em criança, sempre que os meus pais discutiam, fazia estas perguntas a mim mesma; fazia-as sempre que Ha censurava Dick por ver nela um dos seus *projetos de apoio ao desenvolvimento*. Também eu me tornei um dos projetos dele: depois da separação, este esforçou-se por estar presente, disponível para mim, perguntava-me com frequência se eu estava bem, levava-me consigo nos seus passeios e até mesmo nas suas viagens de trabalho. Quando Ha soube disso, declarou que também ela estava presente, disponível para mim, bastaria que eu entrasse num avião. Só Barbara é que esteve efetivamente sempre presente, até morrer.

Após o fim da Guerra da Bósnia, Dick foi chamado a Sarajevo como

patologista-chefe. E eu fui chamada ao seu gabinete de trabalho. Ele tossiu, ruidosa e persistentemente, e disse-me que, a seu ver, eu deveria ir viver com a minha mãe. Achava uma infantilidade eu rejeitar esse aspeto da minha identidade. Enfim, uma vez que o percurso escolar estava cumprido, poderia muito bem passar o próximo ano, ou até dois, no estrangeiro, compensando assim esse défice. Respondi-lhe que não queria. Ele afirmou que eu deveria passar algum tempo na terra dos meus antepassados; os austríacos já eu conhecia suficientemente bem, agora era a vez dos outros. Perguntei-lhe se ele tinha noção de que o seu comportamento era igual ao da maioria das pessoas para quem eu era alguém completamente estranho. Pestanejou, meio desnorteado, mostrando-me depois o cartão de crédito. Disse que iria pagar tudo, que eu não teria de trabalhar nem de contentar-me com um quarto de arrumos ínfimo, que poderia frequentar a universidade em Seul, estudar a língua, os costumes, a cultura ou a religião. Repeti que não queria. Já visivelmente enervado, rematou: Filha, olha-te ao espelho. Que vês tu, afinal, quando te olhas ao espelho?

Silvia disse que estava quase pronto, que eram *os últimos retoques*. De vez em quando, ela olhava para o meu rosto. Dava por mim a devolver-lhe esses olhares. Neles residia um encorajamento, um consolo de que não estava à espera, não daquela forma, não com aquela intensidade: senti-me em segurança, em boas mãos, aceite, compreendida de um modo que não é possível descrever através da linguagem... Tanto maior foi então a *queda*, a decepção, quando ela me mostrou o desenho: os traços inicialmente grosseiros haviam-se transformado noutros mais delicados, a estes últimos tinham-se juntado outros ainda mais delicados, só que o rosto que do papel me encarava não era o meu, mas o da minha mãe...

então Silvia afirmou que o olhar do artista era um olhar especial, que consistia em olhar, mas também simultaneamente em pensar, que olhar e pensar teriam de fundir-se antes de se começar a desenhar. Apenas se pode retratar alguém que antes se tenha criado na própria imaginação...

que vejo eu afinal, quando me olho ao espelho?

Um olhar neutro sobre o ser humano é coisa que não existe, disse Silvia.

Diante de nós erguia-se uma pilha de livros e dossiês. Olhei para aquilo e de seguida cruzei o olhar com o de Silvia; ela entendeu-o como um pedido para preparar novo bule de chá. Tentei demovê-la, mas esta não me deu ouvidos.

Também na cozinha estava frio. As paredes daquelas construções antigas mantêm a temperatura constante, sempre nos dezoito graus. A cozinha de Silvia servia também de casa de banho, a cabina de duche ficava junto ao fogão, pois tal como o lavatório não teria cabido no espaço onde estava a sanita. A lâmpada que baloiçava acima das nossas cabeças emitia uma luz

fraca. Silvia tinha um ar pálido, tresnoitado. Declarou que não recebera quaisquer explicações de Marlene, que fora ela mesma a ter de recolher todas as respostas. No ano que precedera a sua morte, só raramente a Mulher estivera lúcida, tendo acabado por morrer numa unidade de cuidados continuados.

Deixámo-nos ficar na cozinha. A luz crepuscular combinava com o nosso cansaço, porém não queria ainda ir-me embora, havia qualquer coisa que me retinha no peculiar ateliê de Silvia, que no fundo era um arquivo. À exceção do lugar debaixo da sua cama alta, onde ela desenhava, a totalidade do apartamento servia como um espaço de armazenamento das suas obras não vendidas, aquilo a que Silvia – que entretanto deixara de se dedicar à escultura – chamava *l'art invisible*. Esta segurava a chávena com ambas as mãos, e eu imaginava o vapor como uma nuvem de contornos bem definidos, uma nuvem como as dos livros ilustrados infantis. Enquanto combatia o cansaço, perguntei a mim mesma se ela ainda seria uma eremita, se alguma vez poderia ser mais do que uma eremita. Tinha dificuldade em imaginá-la sem a *solitude*, que a revestia como se fosse uma armadura...

agradei-lhe o tempo e o esforço despendido e preparei-me para me levantar. Ela acenou com a cabeça, em concordância, mas logo de seguida declarou que, após a guerra, Marlene decidira concluir a sua formação como assistente social. Ela nada sabia acerca da vida da mãe em Viena no pós-guerra, a não ser as circunstâncias em que a Mulher conhecera o Marido. No âmbito da sua formação, Marlene tomara conta de uma viúva idosa e sem filhos. Frau Steiner era quase cega de um olho, do outro conseguia ver, mas tudo muito difuso, por isso Marlene costumava acompanhá-la ao hospital. Paul era oftalmologista no Hospital de Lainz e, enquanto médico assistente, estava quase sempre de serviço. A coisa começara decerto de modo inocente, com uma chávena de café num fim de semana, de que teria resultado um passeio, uma ida ao cinema, e por fim ele confessara a Marlene que era casado.

Segundo Silvia, Marlene nunca fizera planos de se casar. Tal como o seu pai, achava que não fora talhada para a vida de casada. Mas ao encontrar Paul essa opinião alterara-se, pois passara a considerar a possibilidade do casamento. A relação matrimonial de Paul encontrava-se num estado desolador: a sua mulher sofrera um aborto, o que conduziu a um afastamento dos cônjuges. Por diversas vezes, Marlene pediu-lhe que se divorciasse, mas este sempre lhe fez ver que não estava preparado para tal. As separações que Marlene impôs nunca duraram muito tempo, até que, por fim, Paul comentou: Para quê separarmo-nos, se depois nunca cumprimos o acordado?

Silvia sorriu. Disse que não era capaz de imaginar Marlene como uma jovem amante, transigente e insegura. Mesmo com idade já avançada, mesmo com oitenta anos, a sua vontade de fazer ou conseguir qualquer coisa mantinha-se inabalável. Apenas ficara mais esquecida, não fixava onde deixava as coisas, ocasionalmente perdia-as. Certa vez, queixou-se da falta de

memória e disse que, sem uma cabeça que funcionasse bem, era como se estivesse morta.

Silvia acocorou-se no chão de pedra e fez deslizar uma almofada na minha direção; sem esta, o chão estaria demasiado frio para ali conseguir permanecer sentada. Contou-me então que em 1950, por altura do Ano Novo, toda a família Winckler se reunira para celebrar mais um ano em que, à semelhança dos anteriores, fora admiravelmente poupada a dissabores. Marlene ficara sentada junto a uma prima de cujo nome Silvia não se lembrava, mas que de qualquer modo era irrelevante. A prima não desempenhava nenhum papel de importância nesta história, a única razão para referi-la era por ter sido esta a dar a Marlene a ideia de emigrar para a América. Sem demora, Marlene tratou de falar com o seu pai, e este avisou o respetivo irmão, emigrado no Wisconsin, de que a sobrinha iria visitá-lo. Pouco antes da partida pôs fim à sua relação com Paul, e nem sequer lhe disse que iria deixar Viena. Talvez Marlene tenha querido vingar-se de ele se ter recusado a pedir o divórcio, ou talvez estivesse simplesmente já farta dele.

Silvia esboçou um sorriso. Ao longo de toda a vida, Paul fizera gracejos sobre o súbito desaparecimento de Marlene, mas a ninguém passava despercebido o tom meio zangado com que o fazia. Silvia pigarreou. Aquilo que se passara em Green Bay já eu conhecia suficientemente bem: Marlene fora contratada como *case worker* pelos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay. Deverão ter achado que a sua origem lhe traria vantagens ao lidar com os casos que lhe eram atribuídos: tratava sobretudo dos processos de jovens de origem austríaca e alemã, que renunciavam à maternidade e entregavam os filhos logo após o seu nascimento. Marlene nada contara a respeito desse trabalho, só uma vez mencionara, assim de passagem, que a dor nos rostos daquelas mulheres lhe servira como confirmação de que a decisão de deixar Viena fora a mais acertada...

após o nascimento de Daniel Truttman, o caso fora ficando cada vez mais descontrolado, isto depois de Marlene descobrir que a mãe da criança não dizia a verdade. Envidara todos os esforços no sentido de encontrar o pai biológico e de conseguir apurar a sua identidade, sobretudo a sua origem étnica. Silvia declarou não entender por que razão Marlene não fora despedida mais cedo; ao ler o relatório, admirara-se por a terem deixado pôr e dispor naquele caso durante tanto tempo, sobretudo por a diretora só ter intervindo após a tentativa de suicídio de Carol. Perguntei-lhe se Marlene teria sentido que fora tratada de modo injusto. Silvia abanou a cabeça devagar. Não sabia, pois também esse era um assunto sobre o qual nunca falara com a Mulher. Acrescentou que, em todo o caso, não houvera muitas oportunidades para tal acontecer: ao longo de mais de vinte anos nem sequer se tinham visto. Silvia saíra de casa com dezanove anos, durante o tempo em que esteve a estudar só regressava a casa esporadicamente, a seguir mudara-se para França e só voltara de vez depois de as poupanças se terem esgotado...

ela toca à campainha, ouve-se um zumbido, o portão do jardim abre-se,

ela empurra-o e aproxima-se devagar da casa. Sente-se nervosa, não sabe bem o que esperar desta visita, ainda que tenha sido a primeira coisa de que tratou ao chegar a Viena: telefonou a Marlene e disse-lhe: *Sou eu, voltei*. Marlene está de pé, diante da porta de casa aberta, na penumbra. Desenhadora temporariamente cega, artista com o olhar cansado, só com dificuldade Silvia reconhece o rosto da mãe, não sabe se aquilo que desenha corresponde ao que pretende desenhar. Na verdade, é uma tradutora, traduz aquilo que vê na sua imaginação para o movimento que os seus braços, as suas mãos, os seus dedos, executam...

de súbito, consegui entender por que razão sentira o olhar de Silvia de um modo tão singular...

tive de te tocar, disse ela. Para poder desenhar-te, tive de te agarrar.

Marlene estava de pé, à porta de casa, a filha lembrava-se dela mais alta, pareceu-lhe encolhida, mais frágil e branda. Envelhecera, tinha cabelos grisalhos, na sua maioria já brancos, algo ralos, a pele do seu rosto era atravessada por uma rede de finas rugas, como uma teia de aranha. Não tinha os braços estendidos, jamais lhe teria ocorrido fazê-lo, mas levantou um deles, para acenar. A filha ficou comovida por ver a mãe a acenar; pareceu-lhe que estaria a tentar motivá-la a atravessar o jardim mais depressa. Quando se deteve diante da mãe, nem sabia o que haveria de fazer. Deveria abraçá-la? Deveria dar-lhe um beijo na face? Ficou parada diante dela, indecisa, desajeitada, e nesse seu embaraço a filha era tal qual a mãe.

Ainda consigo reconhecer-te, disse a mãe, ensaiando uma piada. E eu a ti, respondeu a filha, insegura por causa da piada. Talvez a mãe também tenha dito: A tua mala é pequena, não tencionas ficar muito tempo? Ao que a filha terá respondido: À medida que for precisando, vou buscar as coisas a casa, não te preocupes. Depois ficaram em silêncio. Ao longo dos anos tinham desaprendido de conversar uma com a outra, tinham-se esquecido de como ser mãe e filha, talvez nunca o tivessem na verdade aprendido, nunca se tivessem sequer dado ao trabalho de aprendê-lo. Vejo-as diante de mim, aquelas duas tristes figuras, e quero dar-lhes um empurrão, disse Silvia. Fico à espera de uma explosão de sentimentos, da *redenção*, mas não chegou a acontecer. Ficámos cada uma na sua gaiola, eu na minha, ela na dela. Pressenti que o tempo escasseava, sabia que tinha de apressar-me, pensava *Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje*. Sabia-o e, no entanto, nada consegui fazer a esse respeito. Andava sempre às voltas, embora lamentasse andar sempre às voltas. Tentava convencer-me, dizendo *Faz melhor, faz de maneira diferente*, mas continuava a andar às voltas, como se me levasse a mim mesma pela trela. Assim se passaram dias inteiros, os dias transformaram-se em semanas, estas em meses, foram semanas e meses de fracasso.

Por fim Marlene disse que já não aguentava aquilo, não queria que Silvia

continuasse a fazer de mãe dela, não precisava de uma governanta e muito menos de uma *baby-sitter*, protestou contra aquela situação. Deu a entender à filha que esta precisava de se manter ocupada, se possível em silêncio, e fechou a porta do seu quarto. No dia seguinte deverá ter-se arrependido de não ter sido mais afável, tendo pedido a Silvia que a ajudasse a vasculhar as suas coisas. Disse então que não lhes queria deixar, a ela e a Oskar, tal montanha de trabalho. A filha que começasse na estante da sala de estar e fosse passando as pastas de arquivo a pente fino; entretanto ela própria dedicar-se-ia ao seu gabinete.

Fora assim que se deparara com o diário de trabalho, declarou Silvia. Antes não dissera a verdade: não o encontrara por acaso, Marlene é que lho mostrara. Uma das últimas conversas foi acerca de Danny: Silvia encontrou o seu processo, leu-o e pediu explicações a Marlene. Censurou-a e fez-lhe todas as acusações que alguma vez tivera vontade de fazer. A sua mãe aguentou-as, pacientemente e em silêncio, não se defendeu nem se justificou. Por fim, Silvia calou-se, e foi então que Marlene disse que havia muita coisa de que se envergonhava. Perder naquele momento a memória de si mesma era uma graça que Deus lhe concedia...

concede-me também tu essa graça, disse então Marlene, e não me guardes na tua memória.

[4] «*Quando se vê o mundo [...].*»

Toda esta frase em itálico foi retirada da tradução portuguesa de *Malina*, de Ingeborg Bachmann, realizada por Helena Topa em 2022 para a editora Antígona. Kim cita a frase de Bachmann, alterando apenas a menção ao 3.º Bairro de Viena (aqui 13.º) e à Ungargasse (aqui Lainzer Straße).

[5] «**Pode dizer-se que é uma rua especial, por se chamar *Straße* e não *Gasse***»

Enquanto na Alemanha a palavra «*Straße*» designa uma variedade de ruas de diferentes tamanhos e graus de importância, sendo «*Gasse*» reservada para aquilo a que chamaríamos «viela» ou «beco», em Viena o mais comum é as ruas serem chamadas *Gasse* (independentemente do comprimento, pois há-as bastante longas), ao passo que *Straße* designa eixos viários mais importantes. Na verdade, a maioria das *Gassen* são ruas secundárias.

[6] «**o rigor científico dos Cursos de Especialização Reunidos para a Assistência Social**»

O nome da instituição de ensino, criada em 1912 em Viena por Ilse Arlt, é Vereingte Fachkurse für Volkspflege. A designação em português aqui proposta é uma tradução bastante literal.

[7] **Instituto Alemão para Assuntos do Leste**

O Institut für Deutsche Ostarbeit («*Ostarbeit*» significa literalmente «trabalho do Leste» ou, talvez melhor, «atividades do Leste») foi uma instituição de investigação criada em 1940, em Cracóvia, no território ocupado da Polónia, pelo regime nacional-socialista.

Do processo dos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay

08.03.1954

Telefonema c/ Mrs. Pauly: Foi comunicado a Mrs. Pauly que as nossas investigações se encontram concluídas.

Não pôde ser determinada a identidade do pai da criança. Se esse ainda for o seu desejo, Mrs. Pauly poderá vir buscar o bebé quando quiser.

A reação de Mrs. Pauly foi de surpresa, mas também de satisfação. A entrega da criança foi combinada para sábado, 13 de março, às 10 horas.

12.03.1954

Reunião, Orfanato St. Mary, Relatório da Irmã Bernadette: Amanhã Daniel Truttman deixará de estar sob a nossa guarda. Tem agora 9 meses de idade. O seu peso é de cerca de 10 kg. Foi vacinado contra o tétano, a difteria e a tosse convulsa, respetivamente, a 5 de outubro de 1953, 6 de novembro de 1953 e 11 de dezembro de 1953. No decurso da sua estada no hospital e no orfanato nunca esteve doente, apenas teve ligeiras constipações. Até agora ainda não deu os primeiros passos.

Daniel não é esquisito no que toca a comida. Prova de tudo. Do que mais gosta é de pão torrado e biscoitos de manteiga. Bebe diariamente um copo de sumo de laranja e toma 10 gotas de um multivitamínico. É uma criança forte, saudável e bem desenvolvida.

15.03.1954

Carta enviada a Miss Truttman: Carol Truttman foi informada do facto

de ter sido encontrada uma família de acolhimento para Daniel.

16.03.1954

Visita a casa da família Pauly, 9h00: Miss Murphy realizou uma visita breve à família Pauly, que acolheu Daniel, para ver como este está. A criança parece ter-se adaptado bem, dá a impressão de estar contente. Tem o seu próprio quarto, ainda que seja um espaço pequeno. A cama de grades, onde já antes os filhos do casal Pauly dormiram, foi trazida da cave e limpa. No soalho de madeira foi posto um tapete, tecido pela própria Mrs. Pauly. Daniel tem ainda um automóvel de brincar, esculpido em madeira por Mr. Pauly, e um coelho com dois botões a fazer de olhos, que Mrs. Pauly lhe costurou. A casa da família Pauly é espaçosa e está limpa. Segundo Mrs. Pauly, há no jardim um canteiro onde cultivam batatas e feijão. Anseia pela chegada de tempo mais quente, pois quer arranjar um outro canteiro, para plantar ervas aromáticas, das quais tratará juntamente com Daniel.

(MM/BY)

06.08.1954

A pedido de Miss Murphy, a enfermeira-visitadora da comunidade, Miss Mortimer, deslocou-se a casa da família Pauly. Ao regressar, esta relatou que Daniel se encontrava bem-disposto e parecia feliz e saudável. Mrs. Pauly pediu que lhe fizessem chegar novas fraldas e roupa para o outono.

Miss Murphy efetuou a encomenda de mais de duas dúzias de fraldas, um casaco quente para o outono, dois pares de calças, duas camisas, dois pulôveres de lã, quatro pares de meias de lã e um par de sapatos impermeáveis (se possível botas pelo tornozelo). Além disso, foram tomadas as providências necessárias para que, no depósito de recolha de brinquedos, sejam postos de parte um cavalo de pau, um animal de peluche (um cão ou um coelho) e um quebra-cabeças de montar (uma viatura em madeira, de preferência um carro de bombeiros) para Daniel. No sábado, dia 21 de agosto de 1954, Miss Mortimer irá entregar aos Pauly a roupa e os brinquedos encomendados.

(MM/BY)

30.11.1954

Reunião (sem marcação) c/ Mrs. Pauly: Hoje à tarde, Mrs. Pauly esteve no escritório com Daniel, a quem não chama por outro nome que não seja «Danny». Uma vez que a filha mais velha dos Pauly se irá casar em breve, Mrs. Pauly pediu que arranjassemos um fato escuro, bem como roupa de inverno e sapatos para Danny. Na presença dela, Miss Murphy preencheu a nota de encomenda para um par de botas de inverno, um fato preto ou azul-escuro, uma camisa branca, um laço de tamanho infantil, três camisas quentes, dois pulôveres grossos, duas calças grossas e um fato para a neve.

(MM/BY)

03.01.1955

O processo de Daniel Truttman irá, com efeito imediato, ser colocado sob a supervisão de Miss A. Clark.

(MM/BY)

19.01.1955

Visita a casa da família Pauly, 10h00: Visitei a família Pauly para lhes entregar as peças de roupa encomendadas e a nova licença de lar de acolhimento entretanto emitida, bem como para me apresentar pessoalmente.

Daniel é uma criança bonita, saudável e cheia de vida. Possui traços definitivamente negroides. O seu cabelo é castanho-escuro e encaracolado, a sua pele escura, mas Mrs. Pauly declarou que esta se tornou mais clara e que possivelmente ainda irá aclarar mais. Os traços do seu rosto são também (ligeiramente) negroides, os lábios são carnudos e o nariz é largo.

Mr. Pauly é um homem calado, mas também muito afetuoso e hospitaleiro, à sua maneira. Mrs. Pauly é uma mulher tranquila e calorosa, que sente visivelmente grande afeto pela criança que acolhe. Durante a nossa conversa, Daniel ia-se aconchegando no colo da sua mãe de acolhimento.

O lar da família Pauly transmite a impressão de ser organizado e cuidado. A própria Mrs. Pauly costura: a colcha azul e verde que se vê na sala foi feita por ela, tal como a mais pequena que está no quarto de Daniel.

O casal Pauly expressou a sua preocupação relativamente ao futuro da criança. São-lhe muito afeiçoados e lamentariam bastante se

Danny viesse a ter de deixá-los. Expliquei-lhes que ainda não tínhamos conseguido encontrar uma família adotiva para ele. Mrs. Pauly respondeu que eles próprios haviam pensado em adotá-lo, pois desse modo Danny iria poder usar o apelido deles quando entrasse para o jardim de infância. Contudo, a adotarem-no, iriam perder o apoio estatal de 35 dólares mensais. Não lhes parece que possam prescindir desse dinheiro.

28.03.1955

Telefonema c/ Mrs. Pauly: Mrs. Pauly encomendou roupa de primavera e de verão para Daniel. Disse que ele ainda poderia voltar a vestir algumas das peças do outono, por exemplo as calças – ela até as alargara um pouco e acrescentara-as nas pernas, com o tecido que sobrara de ter transformado outras em calções –, mas em relação às camisas e aos pulôveres não poderia fazer nada. Efetuei uma encomenda de três camisas, três pulôveres, um par de calças, outro de calções, quatro camisas de manga curta e quatro pares de meias. Mrs. Pauly virá buscar as coisas daqui a uma semana.

13.04.1955

Visita a casa da família Pauly, 10h00: Daniel sente-se manifestamente bem junto dos Pauly. Está a desenvolver-se de um modo esplêndido, cresceu um bom pedaço desde a última visita. Parece agora mais robusto, mais corpulento. De acordo com Mrs. Pauly, está permanentemente a mexer-se, anda sempre a tentar subir a cadeiras, poltronas e sofás, perto dele nada está a salvo. Quando não está sentado numa cadeira, faz os possíveis por derrubá-la. Como é grande para a sua idade, já chega às maçanetas das portas. Não tardará a ser capaz de abrir portas.

Apesar de toda a atenção que recebe, Daniel não dá a impressão de ser uma criança mimada, parecendo antes ser obediente.

E Daniel mostrou-me a locomotiva de madeira que Mr. Pauly lhe esculpiu.

27.09.1955

Telefonema c/ Mrs. Pauly: Mrs. Pauly encomendou roupa de inverno para Daniel. Não contando com os pulôveres que ela própria lhe tricou, ele precisa de várias outras peças novas, pois já nenhuma da roupa do ano passado lhe serve. Fiz uma encomenda de três camisas

quentes, três calças compridas, um casaco de inverno e quatro pares de meias de lã.

20.10.1955

Visita a casa da família Pauly, 15h00: Embora Daniel seja um pequeno turbilhão e os móveis de casa acabem por sofrer as consequências, Mrs. Pauly não parece incomodar-se com esse seu comportamento. Rodando sobre si mesmo (de modo desajeitado), quis mostrar-me o seu novo casaco de inverno. É evidente que lhe agrada muito.

Daniel já conhece várias palavras. Por exemplo, sabe o que quer dizer «lua», «amigo», «carro» e «chorar». Veio sentar-se ao meu lado no sofá e, enquanto apontava para a janela, ia repetindo a palavra «chorar». Estava a chover e havia gotas de água na vidraça.

Segundo Mrs. Pauly, ele quer que o Pai Natal lhe dê uma buzina. Ela perguntou-me se, pelo Natal, os Serviços Sociais poderiam disponibilizar mais alguns brinquedos. O triciclo velho que até há pouco Daniel usava acabou por se estragar e já não há maneira de repará-lo.

Disse-lhe que decerto iremos encontrar alguns brinquedos apropriados para ele, incluindo um triciclo novo. Entretanto, Mrs. Pauly começou a desabituá-lo das fraldas.

23.01.1956

Visita a casa da família Pauly, 14h00: Daniel teve uma constipação ligeira, que não o afetou grandemente. É uma criança ativa e feliz, que está sempre a rir-se. Gosta sobretudo que lhe façam cócegas na barriga. Apesar de toda a atenção que recebe de Mrs. Pauly, é perfeitamente capaz de se entreter sozinho. Segundo ela, gosta também de «cuidar» da sua mãe de acolhimento: durante as refeições, também ele quer «dar-lhe de comer», além de a consolar quando esta se magoa.

Danny mostrou-me o livro sobre animais que recebeu do Pai Natal e nomeou todos os animais que lá aparecem. É dos cães, gatos e patos que ele mais gosta. Mrs. Pauly explicou que Danny também passa bastante tempo com Sarah, a sua irmã de acolhimento, que vive no apartamento de cima, no primeiro andar. Quando ela cozinha algum bolo, ele vai sempre para lá, pois além de ajudante é também quem prova tudo o que ela faz.

Como a maior parte da roupa já não lhe serve, fiz uma nova encomenda (três pares de calças, três camisas, um par de sapatos

para o outono e primavera, quatro pares de meias).

21.06.1956

Visita a casa da família Pauly, 14h00: Danny continua a sentir-se muito bem junto dos Pauly. Tem crescido bastante, tem grande apetite e é saudável em todos os aspetos. No que diz respeito à vacinação necessária, está tudo em dia. Danny é envolvido em todas as atividades da família – os Pauly participam ativamente no conselho paroquial da sua comunidade, a paróquia de St. Norbert – e é aceite sem quaisquer reservas por todos os amigos e conhecidos da família. É um pequeno rufia realmente amoroso, mas sempre cheio de energia. Quis mostrar-me que já consegue andar bem e depressa no seu triciclo, só que por diversas vezes embateu contra a parede, que passou a exibir marcas bem visíveis.

Até agora não causou problemas, a não ser uma vez em que, de acordo com Mrs. Pauly, ele deitou mão a uma caixa de fósforos, com os quais tratou logo de pegar fogo às cortinas da casa de banho. Como o incidente foi prontamente detetado, não houve estragos de maior. No entanto, a criança assustou-se bastante e depois arrependeu-se sinceramente do que fez. Mrs. Pauly acredita que Danny terá aprendido alguma coisa com o susto. Ela e o marido não ficaram zangados, pois sabem bem que os miúdos pequenos são mesmo assim, é inevitável haver travessuras.

Fiz uma encomenda de roupa para Danny: três pares de calções, três camisas de manga curta, três pares de meias e um par de ténis.

14.12.1956

Visita a casa da família Pauly, 15h00: Danny tem quase 3 anos e meio, anda sempre de um lado para o outro e é um tagarela. Possui traços definitivamente negroides. Os seus cabelos são agora quase pretos e encaracolados, a sua pele é castanha. Os traços do seu rosto são também negroides. Mrs. Pauly declarou que Danny conhece as diferenças entre o tom de pele negro e o branco, e que já mais de uma vez disse que gostaria de ter uma irmãzinha com pele escura e cabelos encaracolados. Ela própria chegou a considerar a ideia, pensou se teriam capacidade para vir a acolher uma segunda criança. Se tal acontecesse, ela daria preferência a uma menina de cor.

Em geral, Danny é aceite por toda a gente. No jardim de infância já tem muitos amigos. No seu grupo, apenas uma criança se recusou certa vez a brincar com ele. Mrs. Pauly revelou que este incidente a deixara muito triste. Leva Danny consigo para todo o lado e trata-o

como se fosse seu filho. Além do mais, é um rapazinho tão amoroso! Tem um coração doce e bom. Diz que, quando for grande, quer ser padre. Ela e o marido gostariam de poder mantê-lo consigo até este atingir os 21 anos.

Mrs. Pauly disse que fica profundamente magoada quando Danny é rejeitado. Ela tem perfeita noção de que, à medida que o tempo for passando, esses casos se irão acumulando. Perguntou se sabemos de alguma família que tenha adotado uma criança de cor, pois gostaria de poder trocar impressões.

Foi realizada uma encomenda de roupa: um pijama, quatro pares de cuecas, três pares de calças, um casaco, um fato para a neve, um par de luvas, três camisas quentes e um par de botas de inverno.

11.06.1957

Visita a casa da família Pauly, 16h00: Só Mrs. Pauly e Danny é que estavam em casa. Danny estava tão absorvido nas suas brincadeiras que Mrs. Pauly e eu pudemos conversar em sossego.

Segundo Mrs. Pauly, Danny é uma criança extremamente prestável. Quando ela está a varrer o chão, por exemplo, ele estica logo os braços para receber a vassoura e concluir a tarefa. Ao estender a roupa, ele vai-lhe passando as peças que retira do cesto; quando ela está a cozinhar, ele quer pegar na colher para mexer. Independentemente disso, Danny gosta de música. Quando está com Sarah, a irmã mais velha, ele costuma pôr-se a cantar (sempre que estão a fazer bolos), gosta de ouvir discos com os seus irmãos de acolhimento e pelo aniversário gostaria de receber um tambor ou um banjo. Mrs. Pauly sublinhou que ele é o predileto da família.

Ela acha também que ele dá a entender que sabe que é diferente, que se distingue da maioria das pessoas em Green Bay. Por exemplo, quando vê negros na televisão, diz que eles são seus amigos. No entanto, a questão da raça não tem ainda quaisquer efeitos de relevo no seu comportamento.

Ainda assim, esse assunto parece dar bastante que pensar a Mrs. Pauly e ao seu marido. A sua família aceitou Danny completamente, explicou ela, para eles não é importante o aspeto exterior de uma pessoa, mas antes o modo como esta pensa, como sente e como age. Para eles, Danny é Danny. Infelizmente, acrescentou ela, nem toda a gente pensa assim.

30.12.1957

Visita a casa da família Pauly, 15h00: Toda a família Pauly estava

presente. Sarah e Danny tinham estado a fazer bolos. Danny mostrou-me os biscoitos que tinha decorado, a seguir trouxe para a sala de estar todos os brinquedos que recebeu pelo Natal. A pequena boneca de cor que Mrs. Pauly lhe ofereceu é o seu brinquedo favorito. Danny é uma criança alegre e extremamente calorosa.

02.06.1958

Visita a casa da família Pauly, 16h00: Ao longo de toda a visita, Danny esteve a brincar no jardim. De vez em quando corria até junto de nós para vir buscar um copo de sumo ou uma bolacha.

Mrs. Pauly pareceu deveras tensa. Preocupa-se sempre muito com o futuro de Danny. Alguns dos seus amigos troçaram da cor da pele dele. Ela receia que, quando Danny começar a frequentar a escola, este venha a ser um problema considerável. Magoa-a profundamente que façam pouco de Danny por causa do seu aspeto. Infelizmente, por muito que quisesse, ela nada pode fazer para protegê-lo disso. Voltou a referir que ela e Mr. Pauly ainda andam a considerar a adoção, só que lamentavelmente a situação financeira da família não melhorou.

Foi efetuada uma encomenda de roupa: três pares de calções, um casaco ligeiro, três camisas de tecido leve e um par de ténis.

10.06.1958

Carta do Juiz Gleason: Depois de enviar a encomenda das peças de roupa, recebi uma carta do Juiz Gleason. Este queria saber se ainda temos contacto com a mãe biológica, interroga-se se porventura esta poderá apoiar financeiramente o seu filho.

Carta enviada ao Juiz Gleason: Escrevi ao juiz que a última vez que tivemos contacto com Miss Truttman foi há mais de quatro anos. Desde o nascimento do seu filho, em julho de 1953, que ela não o vê nem pergunta por ele.

24.06.1958

Carta do Juiz Gleason: O juiz não acredita que se possa contar com quaisquer apoios financeiros por parte da mãe da criança. Dadas as circunstâncias, ele concede-nos plenos poderes para efetuarmos todas as aquisições que venhamos a considerar necessárias relativamente a Daniel Truttman, com efeito imediato.

30.06.1958

Reunião, Comissão de Adoção, 9h00: Apresentei à Comissão de Adoção o caso de Daniel Truttman, na esperança de obter uma recomendação relativamente ao modo como se deverá proceder. Realcei o facto de se tratar de um menino de cor que está a crescer num meio inteiramente branco.

A comissão propôs o seguinte: Daniel deverá permanecer com a família Pauly até alcançar a idade de frequentar o liceu. Depois poderia ser enviado para um internato para rapazes de cor, onde teria a possibilidade de contactar com os seus pares, sem se prescindir da segurança proporcionada pela família Pauly.

Além disso, teria assim um lugar para onde regressar durante as férias.

A comissão considera que Daniel teve muita sorte. Para muitas crianças na sua situação revela-se impossível encontrar um lar como o dos Pauly; a maioria delas vive em instituições até atingir a maioridade.

10.07.1958

Telefonema c/ Mrs. Pauly: Mrs. Pauly informou de que tinha uma pergunta invulgar para fazer: pretendia saber se pagaríamos aulas de dança a Daniel. Considera que, para a sua idade, ele tem uma noção de ritmo extremamente boa. Assim sendo, ela gostaria de poder pô-lo numa escola de dança. Disse que Danny tinha muita vontade de aprender a dançar.

Depois de consultar Miss Murphy, tive infelizmente de lhe recusar este pedido. O nosso apoio diz exclusivamente respeito às necessidades quotidianas.

17.11.1958

Visita a casa da família Pauly, 16h00: Danny já estava à janela, à minha espera. Entretanto chama-me «Allie», diz que sou sua «amiga». Tinha-se arranjado todo catita, com um casaco de aspeto desportivo e calças de flanela cinzentas. Por diversas vezes chamou a minha atenção, para que eu visse bem como a sua roupa era nova. A seguir demonstrou-me um número de sapateado que aprendeu. Desde setembro que frequenta a escola de dança de Madame Ledvina. Parece ficar muito feliz por fazer qualquer coisa que deixa a sua «Ma» orgulhosa.

Depois de ele se ter retirado para o seu quarto, para brincar, Mrs. Pauly perguntou se ainda tínhamos contacto com Miss Truttman,

a mãe biológica de Daniel. Respondi-lhe que o nosso contacto cessou, pois manifestamente esta não mostrou qualquer interesse por Daniel. Disse-lhe que não contamos que isso venha a alterar-se, pelo que Danny deverá continuar integrado numa família de acolhimento até ser maior de idade.

A minha resposta pareceu tranquilizar um pouco Mrs. Pauly. Perguntou-me se o apelido de Daniel só poderia mesmo ser alterado através de uma adoção. Respondi-lhe que sim, só mesmo nessas circunstâncias. Mrs. Pauly suspirou. Disse-me que precisavam mesmo do apoio financeiro que o Estado dava para poderem sustentar Danny. Assim sendo, infelizmente não poderiam adotá-lo.

06.01.1959

Visita a casa da família Pauly, 17h00: Fui novamente recebida por Danny junto à porta. Danny é agora um verdadeiro pé de vento: anda sempre a correr pela casa, salta e dança, além disso gesticula desenfreadamente e está sempre a tagarelar. Mrs. Pauly demonstra muita paciência. E isso reflete-se na atitude equilibrada dele – quando por fim se senta e para de correr.

Mrs. Pauly pediu a Danny que dançasse para eu ver, um pedido que ele tratou logo de satisfazer. É realmente muito talentoso! Mrs. Pauly está convencida de que ele irá ser um bom dançarino ainda antes de ir para a escola. Para ela isso é importante, pois acredita que o ajudará a não se sentir inferior (por causa da cor da sua pele). «Se o Danny continuar assim, acabará por ir parar à Broadway!», exclamou ela a rir.

A família Pauly não é abastada, apenas consegue ir vivendo, com alguma dificuldade. O facto de pagarem do seu próprio bolso as aulas de dança de Danny indica bem o quanto se preocupam com o futuro dele. Tivessem eles um rendimento maior e adotá-lo-iam de imediato. Apesar de Danny ser obviamente o predileto de Mrs. Pauly, a criança não é mimada nem desobediente ou egoísta; pelo contrário, é prestável e bondosa. Antes de nos sentarmos, trouxe as suas novas roupas para mas mostrar. Tal como o casal Pauly, também ele está bastante orgulhoso da sua altura (é maior e mais esguio do que a maioria das crianças daquela idade).

04.05.1959

Visita a casa da família Pauly, 16h00: Foi Mrs. Pauly que solicitou esta visita, pois ela e o marido estão a considerar seriamente a adoção de Danny. Não falta muito para que tenha de ir para a escola e eles estão

preocupados que, sendo Danny uma criança em regime de acolhimento e sem pais adotivos, venha a ser alvo de troça na escola. Além do mais, tem um aspeto diferente do das outras crianças. Perguntei-lhes se conseguiriam viver sem depender daquele apoio estatal. Mrs. Pauly respondeu que arranjariam maneira de conseguir. O primo dela (o Padre Rose) oferecera-se para dar uma ajuda. Como Danny começou a ficar impaciente e a interromper a nossa conversa – queria mostrar-me uns passos de dança que tinha aprendido –, adiámos a conversa para quinta-feira, dia 14 de maio de 1959. Mrs. Pauly assegurou que irá voltar a discutir a questão com toda a família. Disse ainda ter algumas reservas, pelo facto de Danny ir crescer num meio completamente branco. Antes de Mrs. Pauly e Danny se despedirem, o pequenito deu-me um beijo na face. É realmente uma criança encantadora!

14.05.1959

Reunião c/ Mrs. Pauly, 17h00: Mrs. Pauly e Danny passaram pelo escritório. Antes tinham ido às compras e Danny pôs-se a contar-me as suas aventuras na Toyland. Como de costume, estava muito bem vestido e comportou-se de acordo com a sua apresentação – ele é um pequeno sedutor. Uma vez que Mrs. Pauly pretendia falar acerca da adoção, Danny teve de sair da sala. Miss Everson prometeu tomar conta dele.

Mrs. Pauly informou-me de que tinha discutido e refletido bastante sobre o assunto. Toda a família apoia a ideia de se seguir em frente com a adoção. Sarah, a filha mais velha, ofereceu-se para costurar roupas para Danny, os filhos dela irão partilhar com ele os seus brinquedos, e o Padre Rose irá apoiá-los financeiramente. Era evidente a agitação de Mrs. Pauly, mas a alegria e o alívio que sentia estavam também bem patentes.

Expliquei a Mrs. Pauly que os honorários do advogado normalmente ficam entre os 75 e os 150 dólares, mas que, em caso de dificuldade financeira, o advogado dos Serviços Sociais, Mr. Shultz, aceita cobrar menos. Disse-lhe também que, em casos como este, o mais avisado será começar por contactar a mãe biológica, para evitar complicações mais tarde, já diante do tribunal. Prometi telefonar a Miss Truttman ainda esta semana, para discutir com ela a questão da renúncia ao poder parental. No entanto, tendo cessado todo e qualquer contacto entre nós e ela, é difícil dizer qual será a sua reação. Mrs. Pauly mostrou-se bastante compreensiva. Sabia que certamente nada disto seria fácil, além de que em tempos chegara a haver alguns problemas.

Concordámos que, por enquanto, não se dirá nada a Danny em relação à adoção.

19.05.1959

Telefonema c/ Miss Truttman: Liguei a Miss Truttman para tentar perceber se esta tem realmente a intenção de renunciar ao poder parental sobre Daniel. Sem sequer hesitar, Miss Truttman explicou que o tempo todo foi precisamente isso que quis fazer, mas que nós não o havíamos aceitado. Acrescentou ainda que, da sua parte, nada mais havia a discutir. Há muito tempo que ela tinha a certeza de que essa renúncia era a melhor solução para todos os envolvidos.

Como na documentação não consta a identidade do pai, voltei a perguntar. Miss Truttman explicou que o pai da criança tinha na altura 26 anos e que tinha origem indígena e belga. Acrescentou que tem cerca de 1,80 m de altura, é esguio e tem olhos azuis, cabelos castanhos e um nariz grande. O seu nome é George. Disse ainda que não conhece o apelido e desligou a chamada sem sequer se despedir.

25.05.1959

Telefonema c/ Mrs. Bellin: Como não consegui chegar à fala com Miss Truttman em sua casa, liguei a Anne Bellin, a avó biológica de Danny. Mrs. Bellin informou que durante o dia a sua filha trabalha como secretária na empresa Berendsen, mas que ao fim do dia pode ser contactada telefonicamente. Nada quis dizer a respeito do seu neto. Tentei contactá-la algumas vezes ao fim do dia, mas infelizmente Miss Truttman não atendeu o telefone.

29.05.1959

Visita a casa da família Pauly, 16h00: Dirigi-me a casa dos Pauly para relatar a Mrs. Pauly as minhas tentativas fracassadas de discutir o assunto da adoção com Miss Truttman. Disse-lhe que talvez fosse melhor se ela mesma tentasse contactar a mãe biológica.

Mrs. Pauly assegurou-me que irá fazê-lo. Comunicou-me também que o seu primo irá assumir os honorários do advogado. A seguir mostrou-me as roupas que a sua filha Sarah costurou para Danny. Durante todo o tempo que a minha visita durou, Danny esteve no andar superior, a fazer bolos. A família está neste momento a tratar de pintar as paredes, para «refrescar o aspeto» daquela «velha casa», segundo as palavras de Mrs. Pauly. Ela já costurou novas cortinas, bem como

novas fronhas para as almofadas. Ainda está a trabalhar num tapete. Danny já anda todo contente com a sua «nova casa», mas Frank e os filhos só têm conseguido avançar com as pinturas ao fim do dia, por isso as renovações avançam lentamente. Mrs. Pauly pediu desculpa pela confusão.

Os Pauly são obviamente uma família boa e estável.

08.06.1959

Consulta c/ Dr. R. Martin, 9h00: Encontrei-me com Mrs. Pauly e Daniel no consultório do Dr. Martin para ser realizado um exame físico final.

Daniel pesa 23 quilogramas e tem 1,25 metros de altura. O médico considera que a criança é saudável e robusta. O desempenho de Daniel no teste de visão e audição foi perfeito. O Dr. Martin declarou que nada obsta a que a criança seja adotada.

23.06.1959

Audiência / Tribunal de Família, 11h00: Na audiência realizada no tribunal, referente à renúncia ao direito parental, esteve presente Miss Carol Truttman, a mãe biológica da criança, Mrs. Nicholas Bellin, a avó biológica, e Frank e Irene Pauly, o casal que irá adotar Daniel. Miss Truttman declarou por escrito que renunciava aos seus direitos sobre Daniel. A custódia exclusiva do menor foi atribuída a Mr. e Mrs. Frank Pauly.

A seguir, Mr. Pauly assinou um requerimento com vista à adoção de Daniel Truttman. A adoção entrará em vigor a partir do início de setembro. O condado de Brown deixará de arcar com quaisquer despesas referentes à supervisão sobre o processo de Daniel. É sobre Mr. Frank Pauly que recai agora a totalidade das responsabilidades financeiras em relação à criança.

04.09.1959

Daniel Truttman passa a chamar-se Daniel Pauly, com efeito imediato. Mr. e Mrs. Pauly foram informados de que, por sua iniciativa, os Serviços Sociais não voltarão a contactá-los. Já não é necessária a nossa supervisão.

Caso encerrado: 04-09-59

Tive de apanhar o autocarro noturno; a sua frequência era reduzida, só os havia de meia em meia hora. Sentei-me no banco, não me importei de esperar. A noite estava quente, as luzes dos candeeiros de rua aclaravam o céu noturno, faziam-no brilhar em tons cinzento-azulados. Ainda hoje me recordo dessa cor, retive-a como sendo o fundo colorido da história que Silvia me contou aquando da despedida. No início dessa história está uma imagem ou, melhor, a imagem *é* a própria história...

um corredor comprido e estreito. A luz dos candeeiros nas paredes é fraca e amarelada. Uma nuvem de fumo preenche o ar. O teto é preto, as paredes azuis, atravessadas por sombras cinzentas. Veem-se duas portas, uma das quais está aberta. Através daquela que está fechada conseguem escutar-se vozes graves, fragmentos abafados de uma conversa, risos. Ouve-se também música, vinda do palco no fim do corredor. Uma mulher que traz vestido um casaco grosso de inverno está de pé, diante da porta fechada. Olha fixamente o puxador. Um técnico de palco passa bem junto dela, a seguir é a vez da responsável pelo bengaleiro. A mulher afasta-se da porta para os deixar passar. Só volta a aproximar-se depois de se assegurar que está de novo ali sozinha. Ergue a mão para bater à porta quando surge uma empregada de mesa. A mulher volta a afastar-se da porta. Um outro técnico de palco que atravessa o corredor com pressa lança-lhe um olhar curioso. Ela vira-se, espera até este desaparecer, antes de voltar a pousar a mão sobre o puxador. Fica sobressaltada ao escutar um ruído vindo do interior da divisão, alguns passos que se aproximam da porta. Larga o puxador, apressa-se a alcançar o fim do corredor, foge pela porta aí existente.

O corredor fica novamente vazio. Num dos candeeiros da parede, uma lâmpada tremeluz.

Segundo Silvia, Marlene nunca chegara a falar com Jimmy Jordan. A 19 de dezembro de 1953 estivera em Milwaukee, no The Flame, ouvira a música tocada por aquele trio de *jazz*, mas não falara com Jordan, tão-pouco com Buddy ou Maurice. Reunira toda a sua coragem para entrar naquele clube de *jazz*, perguntara ao gerente por Jordan, sentara-se no bar e ficara lá hora e meia à espera. Depois de o concerto ter terminado, ainda se dirigira ao camarim, mas entretanto apercebera-se de que a sua coragem se tinha esgotado. Não se atrevera a enfrentar Jordan, a encará-lo bem de perto e a

interpelá-lo. Silvia perguntou-lhe por que razão não ousara fazê-lo. Marlene abanou a cabeça. Vá-se lá saber porquê..., murmurou ela, ficando depois em silêncio. Por fim, disse que tivera o tempo todo a sensação de estar a fazer qualquer coisa proibida, de estar a atravessar um limiar que não deverá ser atravessado. *Quem tem medo do homem negro?*^[8]

Silvia repetiu que Marlene nunca falara com Jimmy Jordan, e acrescentou que eu deveria dizer isso a Danny. Deveria dizer-lhe que a assistente social MW não conseguira reunir indícios que a convencessem de que Jordan era o pai, embora o tivesse dado a entender nos seus relatórios. Silvia pediu-me ainda: Diz-lhe também que MW apenas ditou o que ditou para o relatório por não querer admitir que teve demasiado medo de chegar à fala com um afro-americano.

Silvia acompanhou-me até ao portão do jardim, que estava trancado. Abriu-o e estendeu-me a mão. Desta vez foi ela que me deu a entender que o encontro estava terminado, e eu nada fiz em sentido contrário. Ainda me lembro de ter simpatizado com ela, Silvia, *l'artiste invisible*, que, de acordo com essa sua natureza, desapareceu no meio do nada depois de ter cumprido a sua tarefa.

Precisei de uma hora para chegar a casa, deitei-me de imediato na cama, mas não consegui adormecer. Então levantei-me e decidi escrever uma carta, pois aquilo que tinha para dizer excedia o âmbito de um *e-mail*. Às cinco da manhã, quando o Sol começou a sua ascensão acima dos telhados, desisti e consegui adormecer.

Ao longo dos dias seguintes tentei várias vezes voltar a pegar no assunto da carta, mas nunca consegui avançar, pois fracassava logo no início. Não sabia como haveria de começar. Com uma justificação pelo meu demorado silêncio? Com uma pergunta inocente, tentando saber se estava tudo bem? De súbito tive consciência de quanto tempo passara entre a minha estada em Green Bay e esta resposta. E se entretanto o estado de saúde de Danny tivesse piorado? E se essa fosse a razão para Joan não ter voltado a dar notícias? E se a minha carta chegasse demasiado tarde? A minha negligência parecia-me indesculpável, o silêncio que deixara prolongar-se afigurava-se-me agora insuperável.

Por estranho que pareça, foi precisamente Donald Trump que me ofereceu a solução para resolver este dilema: um par de semanas após o meu encontro com Silvia, ele ganhou as eleições presidenciais e, de súbito, eu já sabia como poderia retomar o diálogo com Joan. Ela era democrata convicta, o mais provável é que também nestas eleições tivesse andado a bater de porta em porta ou ajudado a contar votos. Enviei-lhe um *e-mail* a *apresentar pêsames*, três linhas apenas, nada mais. Ela respondeu de imediato: *Much appreciated*. E, na linha abaixo, a pergunta: *When will I see you again?*

Não estava a planear viajar até à América – *America first* não era coisa para mim –, no entanto escrevi o seguinte: Foi por isso que te escrevi hoje, viajo na próxima semana.

Ao que ela respondeu: *Ao menos uma boa notícia nestes tempos sombrios.*

Green Bay não mudara. Haviam passado quatro anos desde a minha última visita, desta vez era final de novembro quando saí do avião, o vento soprava frio e estava a nevar. Os flocos eram largos e achatados, pairavam no ar como se tivessem asas. Joan estava à minha espera na zona das chegadas, reconheci-a de imediato, mas quando a abracei tive a impressão, ainda que apenas durante um instante, de estar a vê-la pela primeira vez.

Joan sorriu e perguntou-me se viera para recuperar a minha pintura. Não pude deixar de soltar uma gargalhada e acenei afirmativamente com a cabeça. Enquanto calcávamos a neve e avançávamos em direção ao seu carro, olhou a minha mala com ceticismo e comentou que, para duas semanas, era realmente muito pequena. Encolhi os ombros e perguntei-lhe como estavam. Disse *How are you?*, mas deveria ter dito *How are you guys?*, pois só desse modo ficaria claro que a pergunta não era dirigida apenas a ela. *Fine*, respondeu Joan. *Fine, really*, repetiu a seguir, mas não acreditei nela.

Está tudo bem convosco?, voltei a perguntar, depois de me lembrar de que, por vezes, havia que insistir com ela para que comesçasse a falar. Torceu os lábios e disse: Tirando o presidente, queres tu dizer?

Detivemo-nos por momentos diante do seu *Chevy*, cujo interior ainda se assemelhava a um caixote de lixo, como pude constatar ao olhar através da janela. Joan enfiou a chave na fechadura, a porta abriu-se com um estalido. Entrámos no carro, ela arrancou e dali a pouco liguei o rádio. Bruce Springsteen ia a meio de uma das suas canções. É ele o vosso bardo nacional?, perguntei. Ela sorriu.

Listen, disse Joan, o teu antigo quarto está ocupado, mas em compensação temos agora um quarto de hóspedes. Dirigi-lhe um olhar que ela interpretou como uma interrogação. O Danny está outra vez a viver em casa, explicou.

A seguir acelerou. A autoestrada estava vazia, à distância vislumbrava-se um celeiro vermelho. Avançávamos sob um céu impiedosamente cinzento, enquanto campos e prados se estendiam de um lado e do outro e formavam uma planície, ampliada pelos flocos que caíam...

e prolongava-se até ao que parecia ser o infinito.

[8] *Quem tem medo do homem negro?*

Nome de um jogo infantil, profundamente enraizado na cultura germânica e «exportado» para outras áreas geográficas (incluindo os EUA) por emigrantes alemães. O jogo consiste basicamente num grupo de crianças que foge de uma outra, o «homem negro», que faz a pergunta do nome do jogo. Todas

as outras respondem «Eu não» e desatam a fugir. Quem for apanhado, passa a ajudar o «homem negro» a apanhar as demais crianças.

Na sua origem, o jogo não tem qualquer conotação racista, apontando antes para o período histórico medieval, mais concretamente os anos da Peste Negra. O «homem negro» que o jogo refere não é mais do que um «papão», uma personificação da morte, um ser imaginário capaz de infundir medo às crianças. O jogo visa permitir-lhes aprenderem a lidar com os seus medos.

Dirijo um agradecimento especial a EJ. Sem ele nunca teria conhecido Danny nem Green Bay.

Obras citadas

As citações no primeiro e no terceiro capítulos do romance foram retiradas de *La Poétique de l'Espace* [A Poética do Espaço], de Gaston Bachelard. No quinto capítulo modifiquei uma frase de *Malina*, o romance de Ingeborg Bachmann. Ainda no quinto capítulo há várias outras citações, com diferentes origens: *Ilse Arlt – (Auto)biographische und werkbezogene Einblicke* [Ilse Arlt – Aspectos (Auto)Biográficos e Relativos à Sua Obra], publicação organizada por Maria Maiss e Silvia Ertl, 2011; *Die Anwendung der Ähnlichkeitsmethode in der Rassenbestimmung* [A Aplicação do Método de Similitude na Determinação da Raça], artigo de Wladimir Iwanowicz, publicado na revista *Anthropologischer Anzeiger*, 1933; *Das Parallelometer, ein neues Instrument zur Messung der Ohrhöhe* [O Paralelómetro, Um Novo Instrumento para a Medição da Altura das Orelhas], artigo de K. Schultz, publicado na revista *Anthropologischer Anzeiger*, 1934; *Ansatzstück für das Somatometer zum Messen der Armlänge und der Ohrhöhe des Kopfes* [Peça Complementar ao Antropómetro, para Medição do Comprimento dos Braços e Altura das Orelhas na Cabeça], artigo de Sophie Erhardt, publicado na revista *Anthropologischer Anzeiger*, 1932; *Zur Messung der Schädelkapazität mit Senfkörnern* [Determinação do Volume Interior do Crânio Humano com Recurso a Grãos de Mostarda], artigo de Emil Breitingner, publicado na revista *Anthropologischer Anzeiger*, 1936; *Frauen und Rassenkunde. Ein Beitrag zur Geschichte der anthropologischen Disziplinen an der Universität Wien 1870-1945* [Mulheres e Antropologia Racial. Um Contributo para a História das Disciplinas Antropológicas na Universidade de Viena entre 1870 e 1945], publicação da autoria de Brigitte Fuchs, 1996; *Aspekte der Erbbiologie und die Entwicklung des rassenkundlichen Gutachtens in Österreich bis 1938* [Aspectos da Genética e Desenvolvimento dos Pareceres de Antropologia Racial na Áustria até 1938], artigo da autoria de Maria Teschler-Nicola, incluído em *Vorreiter der Vernichtung? Eugenik, Rassenhygiene und Euthanasie in der österreichischen Diskussion vor 1938* [Precursores do Extermínio? Eugenia, Higiene Racial e Eutanásia na Discussão Científica Austríaca antes de 1938], publicação organizada por

Heinz Eberhard Gabriel, 2005; *Letzte Bilder. Die »rassenkundliche« Untersuchung jüdischer Familien im Ghetto Tarnów 1942* [Últimas Imagens. A Investigação no Âmbito da «Antropologia Racial» de Famílias Judias no Gueto de Tarnów em 1942], publicação da autoria de Margit Berner, 2020.

Contents

1. [Ficha Técnica](#)
2. [Do processo dos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay](#)
3. [Do processo dos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay](#)
4. [Do processo dos Serviços Sociais da Arquidiocese de Green Bay](#)
5. [Obras citadas](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)